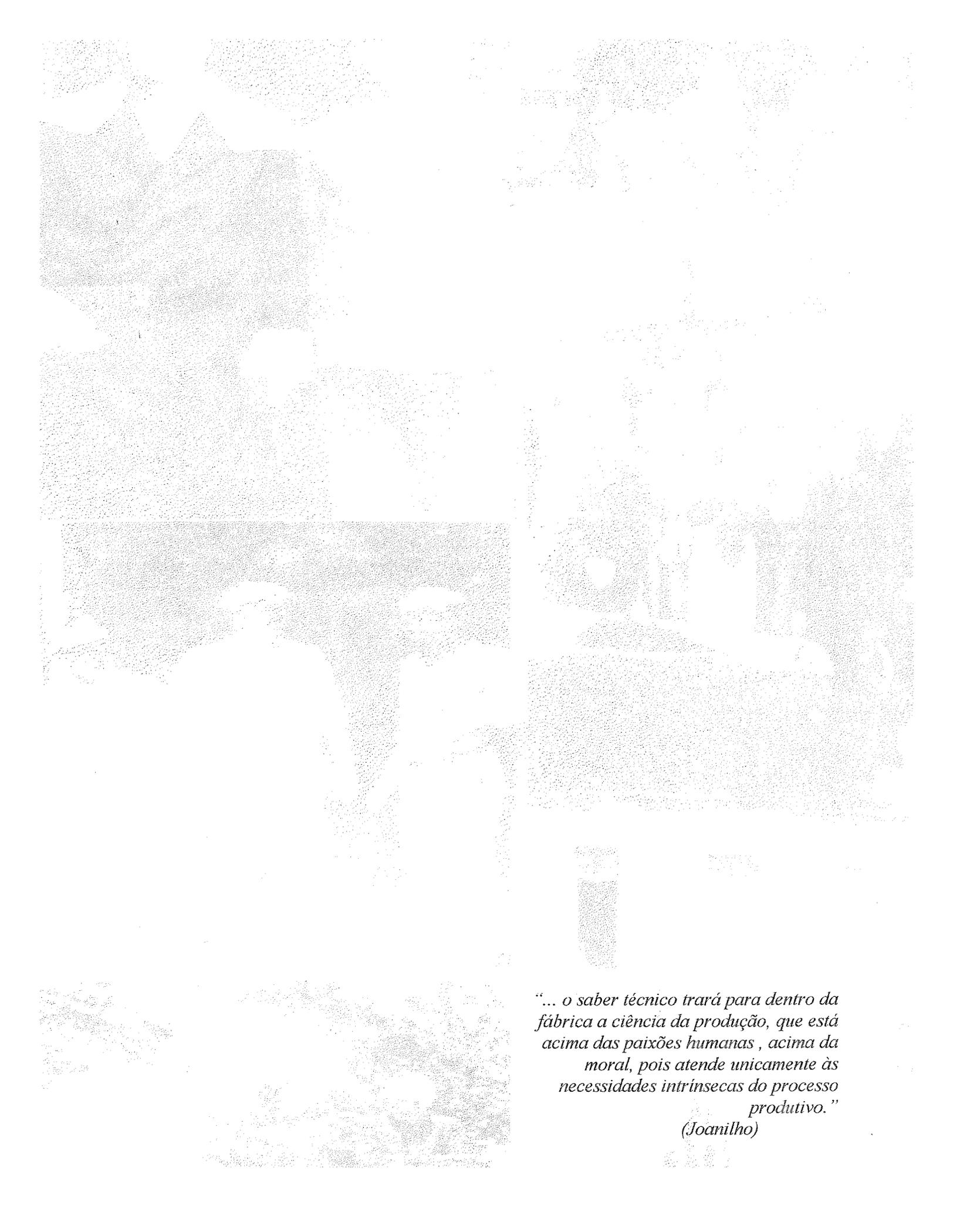


CÉLIA REGINA AIELO ARAÚJO

**PERFIL DOS OPERÁRIOS DO FRIGORÍFICO ANGLO
DE BARRETOS – 1927 / 1935**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS, SP
2002**

**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL**



*“... o saber técnico trará para dentro da
fábrica a ciência da produção, que está
acima das paixões humanas, acima da
moral, pois atende unicamente às
necessidades intrínsecas do processo
produtivo.”
(Joanilho)*

CÉLIA REGINA AIÉLO ARAÚJO

PERFIL DOS OPERÁRIOS DO FRIGORÍFICO ANGLO DE BARRETOS – 1927 / 1935

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Professor Doutor Cláudio Henrique de Moraes Batalha.

Este exemplar corresponde à versão final da
Dissertação de mestrado defendida e aprovada
Pela comissão julgadora em 28/02/2003.

BANCA:

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva

Prof. Dr. Michael Hall

Prof. Dr. Sidney Chalhoub

Fevereiro de 2003

UNIDADE	30	
Nº CHAMADA	UNICAMP	
	Ar15p	
V	EX	
TOMBO BC/	54100	
PROC.	124103	
	C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00	
DATA	24/05/03	
Nº CPD		

CM00184074-4

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

BIB ID 290954

Ar15p

Araújo, Célia Regina Aiello

Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos -
1927/1935 / Célia Regina Aiello Araújo. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2003.

Orientador: Cláudio Henrique de Moraes Batalha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Frigoríficos. 2. Trabalhadores estrangeiros.
3. Imigrantes - Barretos (SP). I. Batalha, Cláudio Henrique
de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

68408180009

A minha mãe Júlia (in memória),
e as minhas filhas Laura e Bruna.

“Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez.
Não é pedir demais:
Quero justiça,

Quero trabalhar em paz.
Não é muito o que eu lhe peço
Eu quero trabalho honesto
Em vez de escravidão.

Deve haver um lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance

De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais.
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada de tanto brincar com fogo.
Que venha o fogo então.

Esse ar deixou minha vista cansada
Nada de mais.”

“Fábrica”
(Renato Russo)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	08
RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I	
Tradição Pecuária do Município e investimentos do Setor Agro-exportador na indústria Frigorífica brasileira: O caso da Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos	19
1. Ocupação das Terras do Município de Barretos e o Desenvolvimento da Pecuária.....	19
2. Implantação da Indústria Frigorífica: Interesses locais, nacionais e estrangeiros.....	24
3. Pecuáristas: Hegemonia ameaçada.....	27
4. A disputa pelo mercado de Carnes frigorificadas e o aumento das exportações do produto pelo Brasil.....	42
 CAPÍTULO II	
Trabalho moradia no Frigorífico Anglo de Barretos: Taylorismo paternalismo e disciplinarização.	47
1. O novo Frigorífico , a adaptação do método de Taylor à fabrica de Barretos e a reconstrução do espaço interno da fábrica.....	48
2. A vila operária – segurança , premiação ou disciplinarização.....	59
3. O espaço ocupado pela indústria frigorífica em Barretos e o recrutamento de mão-de-obra...70	70
 CAPÍTULO III	
Perfil dos trabalhadores na indústria frigorífica de Barretos	75
1. Os primeiros trabalhadores na Indústria frigorífica de Barretos: os operários da Companhia Frigorífica Pastoril.....	75
2. Os (novos) operários e os novos patrões.....	81
3. Mulheres, Menores e as manifestações individuais e coletivas dos trabalhadores do frigorífico Anglo de Barretos.....	89
4. Lituanos: um grupo atípico à região. Suas trajetórias contada por eles mesmos.....	104
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
 ANEXOS	115
 FONTES	131
 BIBLIOGRAFIA	133

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Cláudio H. de Moraes Batalha, pelas sugestões e paciência.

Aos funcionários do Frigorífico Anglo de Barretos, aos funcionários dos arquivos pesquisados, pela compreensão. Aos funcionários do IFCH/Unicamp.

A CAPES pelo financiamento proporcionado.

A todos os depoentes em especial ao Sr. Bólis Petrusanis e D. Aracinda, Anélia Kandratovice, Anélia Mince que participaram mais diretamente do desenvolvimento deste.

Aos meus amigos... e cada um sabe que aqui está seu nome... mesmo que subjetivamente.

A minha família que sempre me incentivou a prosseguir.

A Deus.

RESUMO

A presente pesquisa buscou traçar o perfil dos trabalhadores na indústria frigorífica de Barretos, fundada em 1913, com capital proveniente do setor agro-exportador e transferida para a Anglo S/A em 1923, empresa de capital estrangeiro, em um momento de monopolização do mercado de carnes por *trusts*. As inovações implementadas pela indústria após sua venda, norteadas por técnicas de racionalização tayloristas, impuseram novas relações entre empresários e operários, que ocasionaram longas jornadas de trabalho com conseqüente aumento de produtividade ficando comprometidos às condições e o nível de segurança do trabalho. Foi abordado características próprias dos operários do frigorífico Anglo S/A, enfatizando suas origens, nível salarial, cargos ocupados, estratégias de resistência entre outros. Por outro lado verificou-se o subterfúgio utilizado pela empresa na disciplina e repressão aos trabalhadores no período em pesquisa.

Palavras-chave: Frigoríficos; Trabalhadores Estrangeiros; Imigrantes; Barretos (SP).

ABSTRACT

The present research tried to trace a profile of the meat-packing industry of Barretos, founded in 1913, whose capital was originating from the sector exporter and transferred to the Anglo S/A in 1923 – company of foreign capital in a moment of monopolization of the meat market to trusts. The innovations implemented by this industry after it was sold, based on Taylorists rationalization techniques demanded a new relation between businessmen and workers, which occasioned long working hours with consequent raise in productivity, therefore, it compromised the conditions and the level of working security. The characteristics of the workers of Anglo S/A were analysed focusing their origin, salary level, post taken, resistance strategy among others. On the other hand, in this studied period the research verified the subterfuges used by the industry towards discipline and reprimand of its workers.

Key words: foreigner workers; frigorificos; immigrants; Barretos (SP).

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo tema proposto ocorreu depois de várias indagações acerca de uma certa “História de Esquerda” na década de 1940, proclamada por militantes e sindicalistas do Partido dos Trabalhadores, que ansiosos, entendiam a necessidade de que alguém se interessasse por desenvolver uma pesquisa neste aspecto, antes que não houvesse mais “ninguém para contá-la”.

Como herança, tínhamos em nosso acervo dois memorialistas militantes comunistas: Eduardo Dias e Irineu Moraes e nenhum indício de imprensa progressista. O primeiro viera para a região no final da década de 1940, como quadro do Partido Comunista, fugido da polícia de Getúlio Vargas, por ser um espanhol não naturalizado brasileiro e descrevia em suas memórias as lutas que travara por toda a região de Barretos, organizando principalmente greves camponesas e operárias no frigorífico Anglo. Surpreendeu-nos a “potência” que era o Partido Comunista em Barretos, fundado em 1945, principalmente no que se refere ao tamanho da sede do Partido, local bem freqüentado pelos trabalhadores e atribuiu esse fato exatamente a presença maciça dos trabalhadores da indústria frigorífica.

O segundo, relata sua primeira greve, aos 17 anos, ou seja, em 1931, no frigorífico Anglo S/A, e esclarece uma completa falta de politização na época e nenhuma ligação com o Partido Comunista. Apenas uma vontade de questionar as mudanças impostas pela empresa que afetavam a si e a seus companheiros. Mais tarde seria um importante militante comunista nas lutas camponesas pelo interior do Estado de São Paulo e norte do Estado do Paraná.

A deflagração de uma greve em 1931 nos fez mais curiosos com relação ao período anterior, ou seja, seus antecedentes que acenavam para indícios de luta por direitos dos trabalhadores na indústria frigorífica.

Com a intenção de atender aos anseios das pessoas que gostariam de ver esclarecido o passado da esquerda no município, e não menos de realizar um projeto pessoal de pesquisa com intenção de esclarecer a respeito da história do próprio município. Iniciamos entrevistas com antigos militantes, pesquisas em processos crimes e na imprensa local, com o intuito de encontrar um fio condutor que nos remetesse ao que havíamos determinado, afinal, não tínhamos indícios de um imprensa alternativa que tivesse sido produzida no próprio município, muito pelo contrário, percebia-se um certo desvio por parte de memorialistas ou da própria imprensa, ao se tocar no assunto.

Nos deparamos então com fontes orais –inclusive antigos militantes ainda vivos- e escritas -processos crimes-, referentes somente às décadas posteriores a 1940, envolvendo as pessoas tidas e havidas historicamente como de esquerda. Nesse período proliferavam greves no Frigorífico Anglo S/A, indústria de carnes das mais tradicionais no ramo, de capital britânico. No entanto, o que nos intrigava era a origem da organização dos trabalhadores na industria frigorífica. Eles teriam um perfil específico? Seria possível identificar os primeiros “subversivos” do local?

Escolhemos o caminho mais árduo, tentar identificar a dinâmica que envolvia a sociedade do período, possibilitando uma incipiente organização de trabalhadores e junto a isso, conhecer a quem poderíamos atribuir tal façanha: iniciar um movimento de esquerda em um reduto de tradicionais pecuaristas. Buscar descobrir como agiam tais pessoas, de onde vinham, o que faziam e qual era a reação dos empresários frente às suas atitudes.

Optamos primeiro em recorrer a própria origem do município. Que parcela da sociedade povoou a região e a partir daí traçar com as fontes possíveis, o que poderíamos chamar de formação da sociedade de Barretos. Alguns memorialistas (Menezes 1985 e Rocha 1954), que escreveram a tradicional história do município, contribuíram para isso.

Consideramos histórias contadas pelo povo que se transformaram na própria história do município.

Alguns autores que se dedicaram a interpretar os deslocamentos de mineiros para regiões paulistas (Brioschi 1991) e outros que observaram o desbravamento do oeste paulista, foram consultados (Monbeing 1984). Nos deparamos, por exemplo, com a Revolução de Filogônio Carvalho, ou a popularmente chamada Revolução de Filó, em meados da década de 1920, ocorrida em consequência do movimento de Izidoro Lopes de 1924. Figura que se tornou lendária no município e segundo consta, surge em manifestação no final da década de 1920 (mesmo fugitivo da polícia), pela absolvição de Sacco e Vanzetti nos Estados Unidos, junto aos operários do Frigorífico Anglo pelas ruas da cidade.(Menezes 1974)¹. Fato condenado pela imprensa e visto como subversão abominável.

Resgatar as origens do povo de Barretos, mesmo que de maneira sutil, era apenas um dos tentáculos da pesquisa. Para compreendermos e escrever a desejada história da esquerda na cidade, era inevitável conhecer a fábrica que agregava uma porcentagem considerável da população, que precisava lutar por melhores condições de vida e trabalho: o Frigorífico Anglo S/A.

Barretos contava em 1932 com 32000 habitantes. A empresa em média empregava 2000 operários, era indubitável seu peso na formação da história dos operários e por conseguinte, da história da esquerda no município. Nossa finalidade não foi fazer uma história comparada,

¹ “A Revolução de Filó” Jornal O Diário. Ruy Menezes. 1974

mesmo utilizando as experiências argentina, gaúcha e sutilmente norte-americana. Mas a monopolização do mercado de carnes no Brasil pelos grandes grupos, ocorrido no período, não nos deixa à vontade se desconsiderarmos tais semelhanças. O tratamento dispensado aos operários, as formas de produção e a lógica do domínio do mercado levado em conta, era globalizado. Os locais escolhidos para implantar suas empresas consideravam facilidade de transportes, grandes extensões de terras e possibilidade de mão-de-obra barata. Aos poucos (não lentamente), os ingleses, em Barretos dominaram todos os “estágios produtivos” da pecuária, extrapolando o domínio industrial, inclusive impondo um refinamento de raças mundialmente reconhecido. Modificou a tradicional estrutura pecuarista local e regional, bem como o espaço geográfico.

Longe de parecer bairrista, a preocupação não foi em si pelo local, mas por características que até então, não lhe atribuiria ares de lugar onde se desenvolvesse uma organização de trabalhadores. As pesquisas realizadas acerca dos trabalhadores em fábricas que têm sido efetuadas são a partir dos grandes centros privilegiando por muito tempo esse enfoque. Mas em Barretos, distante de uma realidade urbano industrial, uma categoria de trabalhadores se construiu, em seu dia a dia em meio a seus conflitos (Thompson 1989).

Uma consulta aos arquivos da empresa, foi de vital importância. O contato com a pesquisa de Weid e Bastos (1986), nesse orientou neste sentido, e mesmo estando de posse de um material que representa o discurso do empresário, nos foi possível conhecer o perfil dos trabalhadores da indústria frigorífica. Sentimos falta da documentação administrativa da fábrica que segundo informações, foi destruída quando a empresa passou a ser administrada por um grupo brasileiro. O acesso ao arquivo só foi possível graças a um ex-operário e sindicalista, do qual obtivemos a notícias da existência dos registros de operários que guardavam documentos desde pelo menos 1927, preservado para efeito de possíveis reclamações trabalhistas.

De posse de tais documentos iniciamos uma pesquisa sistemática fazendo a leitura e transcrição de 3000 fichas (anexo 5), de um universo de doze mil fichas que compreendia o período de 1927 a 1935. Desse número, devido a problemas técnicos só utilizamos 1769 fichas, que nem por isso deixou de ser representativo quanto à formação e a história dos trabalhadores do frigorífico nos primeiros anos sob administração da “grande empresa de capital estrangeiro”. Para traçar um perfil dos trabalhadores do frigorífico Anglo S/A, tendo em mãos um arquivo vasto como esse, utilizamos um software denominado SPSS, o qual nos possibilitou organizar os gráficos e as tabelas apresentados. A diversidade de variáveis que surgiram com a digitação das fichas de registro dos trabalhadores, nos obrigou a selecionar aquelas que em quantidade eram mais representativas. Sabemos o quanto perdemos em qualidade, mas seria tecnicamente inviável trabalhar com todas as informações. A delimitação do período deveu-se exclusivamente à fonte principal que norteou nosso trabalho: o arquivo da empresa que possibilitou conhecer os trabalhadores no período de 1927 a 1935, seu local de trabalho e moradia. Embora a empresa tenha adquirido a fábrica em fins de 1923, as anotações de contratações ou quaisquer outras possíveis no período de 1923 à 1927 não foram preservadas.

Desenvolver um tema com escassez de bibliografia, como os referentes aos trabalhadores da indústria em frigoríficos, requerem o aproveitamento de qualquer menção ao assunto, ainda mais se tratando de um local geograficamente distante de grandes centros. Portanto, fontes tradicionais, principalmente locais, foram consideradas e procuramos fazer uma leitura com a finalidade de atingir nosso objetivo. Cartórios de Registro Civil foram visitados, Anais de Congresso Pecuarista, Atas de Sindicatos Patronais, Museus, Documentos produzidos pela própria empresa, plantas da fábrica, fotografias gentilmente cedidas por antigos operários, entrevistas orais, todos foram observados e considerados.

Felizmente pudemos contar com a pesquisa de Mirta Lobato (2001) que nos contemplou com uma radiografia dos trabalhadores em frigoríficos na Argentina, e que nos foi muito cara na medida em que nos serviu de bússola. Às vezes, Berisso se confundia com Barretos, tais eram as semelhanças na utilização da mão-de-obra e nas condições de trabalho na fábrica. Não fossem algumas especificidades de cada uma de acordo com a origem do capital investido. Semelhança também com os trabalhadores de Chicago, berço da frigorificação de carnes, sobre os quais tivemos contato apenas conhecendo a peça teatral de Brecht, suficiente para imaginar que o autor poderia estar falando de Barretos ou Berisso.

Pesavento (1980), nos concedeu toda uma experiência de tradição pecuária gaúcha e nos colocou em contato com as dificuldades de um Estado que obstinava possuir uma indústria frigorífica nacional, mas que tinha comprometida sua rede de transportes, além das disputas de poder entre grupos dominantes ligados à pecuária gaúcha. Nos deu subsídios para entender porque uma indústria de carnes resfriada não surgiu no Estado tradicionalmente produtor da matéria prima básica. A autora menciona também os principais grupos monopolizadores do mercado de carnes na República Velha, demonstrando a dinâmica de seus investimentos e seus principais interesses.

O fundamento para análise dos impactos de uma vila operária, junto à fábrica veio de Lopes (1988) que fez uma análise antropológica da vida dos trabalhadores em Vila Paulista no Recife e constatou que a utilização das casas para morar foi uma maneira de disciplinarizar o trabalhador e mantê-lo sob constante vigilância, além de ser um subsídio para atraí-los no recrutamento efetuado pela empresa.

Primordiais foram as entrevistas concedidas por antigos operários em especial os imigrantes ou seus filhos. Embora este não seja um trabalho especificamente de História Oral, utilizamos as técnicas de gravação e transcrição de uma pesquisa em História Oral. Observamos

também os subterfúgios da memória das pessoas que viveram por longos anos confinadas a uma empresa e quase que dependente exclusivamente dela. Bosi (1986) e Thompson (1998) nos serviram de apoio para ser o mais coerente possível na utilização de tais recursos.

Enfim ainda utilizamos o Arquivo do Estado, mais precisamente a documentação do DEOPS na certeza de que ele traz “ vozes dos subversivos”, (Lobo 1992) mesmo que muitas vezes em exagero por parte dos fiscais da ordem e da paz. Nessas anotações que encontramos um elo entre a empresa e a polícia política na repressão aos operários do frigorífico Anglo e constatamos as perseguições a que eram submetidos principalmente os trabalhadores imigrantes.

CAPÍTULO - I

TRADIÇÃO PECUÁRIA DO MUNICÍPIO E INVESTIMENTOS DO SETOR AGRO-EXPORTADOR NA INDÚSTRIA FRIGORÍFICA BRASILEIRA: O CASO DA COMPANHIA FRIGORÍFICA E PASTORIL DE BARRETOS.

Pretendemos com este capítulo, observar alguns aspectos econômicos e sociais que envolviam o município de Barretos, quando se instalou a indústria frigorífica. Neste período as principais modificações foram ocorrendo em consequência das ações desenvolvidas pelos interessados diretos com a implantação da indústria.

Iniciaremos com indicações que nos revelam uma possível tradição pecuária e também um crescente comércio de gado no município, no início do século XX. Em decorrência desses fatores e outros externos, surge o interesse na construção de um frigorífico, que se concretizou por brasileiros ligados ao setor agro-exportador e posteriormente foi monopolizado por *trusts* estrangeiros.

1- Ocupação das Terras do Município de Barretos e o Desenvolvimento da Pecuária.

O município de Barretos está localizado no centro norte do estado de São Paulo distante 450 Km da capital paulista e 50 Km do chamado Triângulo Mineiro que compreende os municípios de Uberaba, Uberlândia e Araguari.

A migração para a região do Brasil Central teria sido instigada desde o século XVI em busca de jazidas auríferas nesta região.

A Capitania de São Paulo tornou-se então rota de transporte e comercialização.

O caminho para Goiás, iniciava-se em São Paulo, estendia-se a Minas Gerais, Goiás e por via fluvial até Cuiabá. Era o caminho onde se realizava o escoamento do ouro encontrado

naquela região. Passou a ter tal importância econômica, a ponto da metrópole definir um projeto de ocupação demográfica do trajeto para as minas com a intenção de garantir seu acesso e exploração. Para tanto foram distribuídas sesmarias, concedidas tanto aos que já se encontravam no local, como aqueles que vindos das mais diversas regiões da capitania ali pretendiam se instalar.²

Os primeiros povoamentos iniciados no século XVIII, tiveram como desbravadores indivíduos pobres e roceiros, que se ocupavam, em sua maioria, na produção de gêneros de primeira necessidade para consumo dos viajantes. A decadência da mineração ainda na primeira metade do século XVIII não deve ser vista como a mais importante causa da migração mineira para a região nordeste de São Paulo. Esta capitania passara a ter importância estratégica, afinal funcionava como território “tampão” na proteção das regiões auríferas do Brasil Central³

Ocorreu um enriquecimento de parte da população e um crescimento agrário da Capitania de São Paulo, incluindo-se aí, a lavoura canavieira, que teria estimulado ainda mais a vinda de famílias do sul de Minas Gerais⁴ para as áreas situadas na Estrada de Goiás.

As áreas preferidas eram aquelas próximas à produção monocultora exportadora nas quais, não havia grande interesse em desenvolver culturas de gêneros de primeira necessidade, acarretando uma elevação em seus preços.

No início do século XIX, o fator de ocupação da região teria sido alterado: as terras férteis se tornaram a maior atração para a migração. É nesse momento que mineiros criadores e agricultores do sul de Minas Gerais se fizeram presentes entre os paulistas. As terras que hoje pertencem a Barretos foram apossadas a partir das primeiras décadas do século XIX. Tal ocupação teria relação direta com a conquista de territórios, hoje formadores dos municípios de Franca, Batatais e Morro

² BRIOSCHI, L.R. et al. *Entrantes no Sertão do Rio Pardo. O Povoamento da Freguesia de Batatais, Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: CERU, 1991.

³ *Idem*.

⁴ *Idem*.

Agudo, que por sua vez tiveram sua ocupação ligada à abertura do Caminho ou Estrada de Goiás⁵. Particularmente os ocupantes da região de Barretos, dedicavam-se à criação de rebanhos, atividade que mantiveram e que certamente influenciou a predominância da pecuária no município.

Por volta de 1830, Francisco José Barreto e seu irmão, oriundos da região, hoje denominada Poços de Caldas, Minas Gerais, receberam por serviços prestados para outros latifundiários, a área correspondente à margem esquerda do Ribeirão das Pitangueiras onde estabeleceram moradia em 1845, local onde se originou a Fazenda Fortaleza com 11.364 hectares e 32 ares⁶, iniciando-se um povoamento. O arraial dos Barretos nasceu da junção de parte das terras da Fazenda Fortaleza e Monte Alegre, quando glebas das duas fazendas foram doadas, em 25 de agosto de 1854 à Igreja. Em 16 de abril de 1874, o arraial foi elevado à Freguesia, sob jurisdição de Jaboticabal. A Vila de Espírito Santo de Barretos foi criada em 10 de março de 1885 e, em janeiro de 1897, o local já como cidade, recebeu o nome de Barretos.

A pecuária tornou-se a principal atividade econômica do local.

Caracterizada pela não exigência de grande quantidade de mão-de-obra, bem como pela independência de rede de transportes, por muito tempo o rebanho transportou-se a si próprio, ficando isento do alto custo dos transportes que acabavam por incidir no preço final da produção, diferente dos produtos até então explorados; não necessitava da proximidade com o litoral. A carência de uma boa rede de transportes dificultava a interiorização do país, incluindo a região de Barretos. A pecuária, desenvolvida onde a agricultura não obtivesse êxito, foi responsável por essa interiorização. Compatível com o latifúndio, apresentava riscos menores⁷. Benites diz que

“a ocupação territorial da atividade pastoril foi se vinculando ao atendimento de regiões monocultoras agrícolas destinadas ao mercado

⁵ A estrada iniciava-se em São Paulo, estendia-se até Minas Gerais, Goiás e por via fluvial até Cuiabá. A estrada era utilizada pela Coroa para escoamento do ouro recém-encontrado nestas regiões.

⁶ Relacionado aos primeiros povoadores e fazendas, consultar estudo realizado por MACHIONE, F.G.J. e TINELI, R.A. *Barretos Primeiros Povoadores e Fazendas*. s/ed. 1999 e MONBEING, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984.

⁷ CASTRO, Antonio Barros. *Sete Ensaios sobre a Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1975 V.1.

internacional, dos principais centros urbanos litorâneos e das zonas de mineração do interior”.⁸

A região de Barretos estreitamente ligada ao Caminho para Goiás e próxima às grandes áreas produtoras de café apresentava características de uma região pecuarista.

Propositalmente ou levados pelas facilidades que a natureza proporcionava,⁹ desenvolveu-se na região de Barretos as atividades criadoras de bovinos e invernadas que deveriam se integrar principalmente à pecuária do Triângulo Mineiro ou da região Centro Oeste do Brasil. No local convergia-se o gado magro (viajado), que depois de engordado era negociado, dando origem a um forte comércio.¹⁰ A travessia de Minas Gerais para São Paulo foi facilitada através do Porto de Correias, mais tarde Porto Cemitério, de onde saía uma estrada de rodagem até Barretos.¹¹ O geógrafo Faria, acredita que o crescimento da região, onde se localiza o município de Barretos, tenha ocorrido devido à sua posição geográfica privilegiada, que facilmente poderia ser interligada por transportes ferroviários ou fluviais a outras áreas criadoras de gado, representadas pelos estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, e posteriormente as condições naturais, como o clima; uma topografia privilegiada e uma farta, bem distribuída e perene rede fluvial. Tais fatores eram considerados essenciais para a manutenção dos rebanhos, em especial o zebuino, originário da Índia. Segundo o autor, o solo não era ideal para a lavoura, definindo-se melhor para as pastagens.¹²

O intercâmbio entre o município de Barretos e o Triângulo Mineiro foi tão forte durante muito tempo, a ponto de se incluir, popularmente, o município de Barretos nesta denominação triangular formada por Uberaba, Uberlândia quando acrescentavam Barretos ao invés de Araguari.

⁸ BENITES, Miguel G. *Brasil Central Pecuário: Interesses e Conflitos* – Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH da USP, 1995.

⁹ Conta-se que em 1870, ocorreu uma forte geada, que queimou toda a mata ainda não desbravada pelos sertanejos, e que depois de seca, nasceu um tipo de pastagem de ótima qualidade, atraindo assim os criadores para a região de Barretos. (Menezes p 51).

¹⁰ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial – 1500-1800*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1954. p. 213

¹¹ MENEZES, Ruy. *História do Desenvolvimento Cultural de Barretos*. Barretos: s/ed. 1985.

¹² FARIA Wilson. *A Pecuária em Barretos (SP) e os Fatores de Sua Implantação*. São Paulo: Caderno de Ciências da Terra. 1971.

Também é possível encontrar em obras mais antigas a inclusão do município ao sul de Minas Gerais.¹³

No início do século XX, havia no município, comerciantes de gado que enriqueciam facilmente¹⁴. Essa dinâmica de criação e comércio de gado trouxe consigo pessoas interessadas em ambas as atividades, proporcionou uma circulação de riquezas, além de um desenvolvimento regional. Formou-se um grupo ligado à criação e ao comércio de gado: criadores e invernistas¹⁵. Estes se fortaleceram em Barretos, definindo os preços oferecidos pelo gado magro, que chegava depois de longa caminhada¹⁶. Benites afirma que cada etapa da produção era dominada por determinado grupo em determinada região geográfica:

A noção de ciclo de economia pastoril de corte compreende a sucessão de estágios produtivos, diferenciados e integrados entre si espacialmente. Cada um desses momentos é representado por uma classe de pressão bem definida e especializada numa determinada etapa de operações técnicas e comerciais a qual engloba desde a produção de bovinos de corte até sua transformação em carne ao consumidor.¹⁷

Os criadores dominavam as áreas do Sul de Goiás, Pantanal e Sul Mato Grosso, Norte e Nordeste de Minas Gerais; os invernistas ocupavam as porções do Oeste de São Paulo e as regiões de Montes Claros, Teófilo Otoni e Governador Valadares; os recriadores que surgiram como uma consequência das extensas áreas da pecuária e se caracterizavam como intermediários entre os invernistas e os criadores, estes ocupavam principalmente a região do Triângulo Mineiro. Em Barretos era possível encontrar tanto a figura do invernista como do criador.

¹³ ROCHA, Osório. *Barretos de Outrora*. s/ed. 1954

“ *Centro Industrial do Brasil*. Publicação Oficial: 1909. p 427. “Ao fim da labuta, após esse percurso de 200, 300 léguas, chega o boiadeiro ao sul de minas, a Barreto, zona intermédia de engorda, onde se efetuam as transações das boiadas magras, cansadas, estafadas, “aguadas”, depois de uma viagem feita entre a sede e a fome”

¹⁴ ROCHA, Osório. *Barretos de Outrora*. s/ed. 1954

¹⁵ Invernista: aquele que mantém um pasto protegido para engorda do rebanho. Nos meses de seca compra o gado magro e engorda em seus pastos; pecuarista: aquele que se dedica à pecuária o ano todo; marchante: utilizava-se dos matadouros à beira das estradas para abater o gado e vendê-lo nas cidades próximas.

¹⁶ É possível encontrar nos periódicos locais críticas à postura frente as decisões de preços em relação ao fornecimento de produto aos frigoríficos. “A Situação das Companhias Frigoríficas”. *Jornal O Commercio*. 1918.

¹⁷ BENITES. Op. cit. p. 56.

Havia portanto uma divisão na produção e nos interesses conforme o estágio ao qual se dedicavam . Cada seguimento especializava-se em uma determinada faixa etária do bovino (bezerro, garrote e novilho gordo). Essa divisão foi incentivada por políticas de crédito oficial, principalmente no Estado de São Paulo até 1938, como maneira de estimular o processo de engorda . Também contribuiu para isso a presença de rede ferroviária mais desenvolvida nas áreas de engorda do que na de cria e recria. Os invernistas tornaram-se mais poderosos e prósperos . Além desse fator a defesa de interesses de cada grupo causava mais divergências entre criadores e invernistas. Quando necessitavam defender seus interesses, muitas vezes se juntavam a outros grupos distintos do seu. Essa divisão foi fundamental para o destino da pecuária no Rio Grande do Sul.

O boiadeiro era responsável pelo transporte do rebanho em uma longa e tradicional caminhada, iniciada nos centros criadores em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás ou no município de Barretos. Quando vindo do Centro Oeste ou de outras regiões de Minas Gerais, faziam escalas comerciais no Triângulo Mineiro, ou em Barretos para engorda e comercialização. Estes eram os dois principais pontos de engorda e comércio do chamado Brasil Central.¹⁸

2- Implantação da Indústria Frigorífica : Interesses Locais, Nacionais e Estrangeiros.

No início do século XX é possível identificar a existência de duas áreas importantes de criação de gado no Brasil: o estado do Rio Grande do Sul, responsável até então pela produção do charque que abastecia o mercado interno, em especial as regiões norte e nordeste do país; e a região chamada de Brasil Central que englobava Barretos pelo lado paulista, Triângulo Mineiro (Uberaba,

¹⁸ *Centro Industrial do Brasil*. Publicação Oficial:1909. p 427 “Quando o gado atinge a idade em que pode ser exportado, o criador sertanejo ou toca a sua boiada em geral acrescida de outras cabeças compradas dos vizinhos, ou vende –a em casa, ao comerciante de gado magro, o boiadeiro, chamado. Este a conduz... O boiadeiro sempre precisa caminhar 150, 200 e mais léguas com sua numerosa comitiva, dezenas e dezenas de bestas carregadas de tudo quanto lhe é necessário e com pessoal para a longa viagem... Em regra ao deixar as fazendas, o gado criado à solta está bravo, está arisco... Caminha em pequenas manadas pouco distantes umas das outras e lentamente não podendo vencer mais de três a quatro léguas por dia”.

Uberlândia, e Araguari), e áreas do Mato Grosso e Goiás. Em comum, a dedicação à pecuária tradicional e o interesse à transição para os modernos meios de industrialização da carne, ocorridos no Brasil no início do século XX. Nas duas áreas, a intenção de dominar as recentes práticas industriais por brasileiros fora constatadas.

O crescimento do mercado interno, principalmente dos municípios de São Paulo e Santos¹⁹, já exigia uma atenção no que se referia ao abastecimento de carnes verdes. *“Em São Paulo, perduraram por muitos anos os abates no Matadouro de Carapicuíba, pelos chamados ‘marchantes’, influenciando decididamente no abastecimento da Capital’”*²⁰. Até a primeira década do século XX, os matadouros existentes funcionavam em condições precárias. No Rio de Janeiro, capital federal, o matadouro Curato de Santa Cruz,²¹ deixava muito a desejar no que se referia às condições de higiene, apresentando a proliferação de germes “epizootias ou zoonoses”, além de moléstias trazidas por urubus que povoavam o local. O matadouro não era servido por vagões frigoríficos para transporte, os açougues não dispunham de câmaras frias. O que existia era destinado a refrigerar peixes, frutas e outros importados. Enquanto na capital Argentina, Buenos Aires, consumia-se mil rezes/dia, na capital brasileira, consumia-se apenas 400 cabeças de gado, sendo seu peso inferior ao argentino.²²

A indústria frigorífica Argentina prosperava por essa época, com investimentos feitos por empresas americanas e inglesas²³.

A Academia Nacional de Medicina, por volta de 1905, após inspeção do Matadouro de Santa Cruz (RJ), condenou não só o serviço do matadouro como as maneiras anti-higiênicas de se

¹⁹ “A capital, que não chegava a 250 mil habitantes em 1900, assistia ao início de uma febre de crescimento...a levaria a perto de 700 mil habitantes em 1920”. Monbeig *op. Cit.* P 182.

²⁰ PARDI, Miguel C. *Memória da Inspeção Sanitária e Industrial de Produtos de Origem Animal no Brasil: O Serviço de Inspeção Federal –S.I.F.* Brasília: Columbia, 1996.

²¹ Idem: Este matadouro “...foi construído no Rio de Janeiro por firma alemã, em torno dos anos de 1872 e 1873, visando centralizar as matanças de gado e a cobrança de taxas e dizimos da Coroa.”-

²² *Centro Industrial do Brasil*. *Op.cit.* p.425/426

²³ LOBATO, Mirta Z. *La vida em las fábricas: Trabajo, Protesta y Política una Comunidad Obrera, Berisso (1904-1970)*. Buenos Aires:Prometeo Libros, 2001.

armazenar a carne, que se encontrava em estado deteriorado nos açougues. A conclusão foi que a alteração da carne ocorria devido às dificuldades pelas quais passava o rebanho antes de chegar ao local do abate, quer a pé, quer pela quantidade de baldeações, pela impropriedade dos veículos que os transportavam e pelo calor a que ficava exposta a carne. A comissão fiscalizadora julgou necessária, reformas nos estabelecimentos visto que associavam a “artério-esclerose” a esse tipo de alimentação e esta era uma doença comum no Rio de Janeiro.²⁴

As preocupações com higiene são características do início do século XX. Junto a isso o crescimento no setor de industrialização da carne, originário dos Estados Unidos e uma aplicação desses métodos na Argentina e Uruguai, muitas vezes pelos ingleses, trouxeram para o Brasil uma discussão e um interesse em desenvolver aqui as técnicas da conservação da carne pelo frio²⁵. No Uruguai já desde o final da década de 1860, havia a

“influência inglesa no processo de fabricação de carnes, realizando um aproveitamento quase completo do gado, dotando-o de uma estrutura capitalista com relações de produção assalariadas, divisão do trabalho, utilização de mão-de-obra especializada e melhorias técnicas.”²⁶

Embora existissem interesses internacionais, tanto na criação de rebanho como na implantação do recente processo de industrialização da carne, foi um grupo brasileiro a Companhia Frigorífica e Pastoral, tendo a frente Antônio Prado (de tradicional família paulista, cafeicultor e influente político) e Conde Siciliano (imigrante que se dedicou à indústria)²⁷, fundadores do primeiro frigorífico brasileiro. Essa empresa estava diretamente ligada à Companhia Mecânica e Importadora, com investimentos diversificados na economia brasileira, mas em especial ao café.

²⁴ *Centro Industrial do Brasil*. Op.cit. p.431

²⁵ Á nível local, a partir de 1910, apenas um ano após a publicação oficial “*Centro Industrial do Brasil*”, onde há uma boa referência sobre o tema, inclusive utilizada neste capítulo, o jornal “*O Commercio*” faz uma longa reportagem sobre a carne frigorificada. No Rio Grande do Sul, houve uma “batalha” para a implantação de um frigorífico nacional o que não ocorreu.

²⁶ PESAVENTO, Sandra J. *Republica Velha Gaúcha – Charqueadas – Frigoríficos- Criadores*. Porto Alegre: 1980, Movimento. P.41

²⁷ Sobre a importância da participação de imigrantes na industrialização e a origem da burguesia no Brasil ver Silva (1976) e Dean (1976).

Os investimentos na indústria frigorífica pode ser vista como uma diversificação de suas atividades, uma característica da Companhia Mecânica e Importadora. Presente na metalurgia, exportação, importação e comércio, o caso nos parece uma opção às constantes oscilações do mercado do café. É possível então dizer que houve “... *um crescimento industrial induzido pelo crescimento da renda interna resultante da expansão do setor agro-exportador, principalmente de café.*”²⁸

A Companhia Frigorífica e Pastoril, primeira indústria de processamento de carnes do Brasil, localizada em Barretos, teve suas obras de construção iniciadas em 1910, suas operações em 1913 e as exportações em 1914. Seu investimento inicial foi de 5000 contos de reis, montante este superior aos investimentos posteriores efetuados por britânicos na *Anglo Brazilian Meat Company* que foi de 2000 contos de reis, superior também aos investimentos da *Brazilian Meat Co.* de Mendes, Rio de Janeiro, também de capital britânico e que iniciaram suas operações no ano de 1917, bem como superior aos investimentos realizados pela Companhia Frigorífica de Santos (1917/1918) do mesmo grupo responsável pela Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos, a Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo.²⁹ Os valores investidos podem estar intimamente ligados à credibilidade dos investidores no sucesso da indústria, baseados na tradicional atividade do município e um amplo mercado a ser atendido. Ou seja, o fato de se encontrar uma estrutura de produção organizada no município e região teria gerado uma confiança aos investidores que podiam, como avalia Suzigan,³⁰ aplicar seu capital na indústria de acordo com a facilidade de acesso à matéria-prima.

Com relação à família Prado, representante do grande capital cafeeiro, era proprietária de grandes extensões de terras também à oeste de São Paulo. Suas propriedades atingiam desde Limeira e Araras a Ribeirão Preto. Como comerciantes de mulas ou cafeicultores, muitas vezes ultrapassavam os limites geográficos paulistas. A diversificação de investimentos ao adquirir terras

²⁸ SUZIGAN Op. cit. p. 25

²⁹ SUZIGAN. Op. cit. p.338 (tabela 17).

³⁰ SUZIGAN. Op. Cit. p.119.

invés de escravos, revelava uma modernização nas formas de riquezas, incluindo além de uma expansão nas plantações, o incentivo a imigração européia, ao desenvolvimento de novas formas de transportes .

Esses fatores poderiam influenciar num crescimento populacional e comercial em centros como São Paulo e Santos, tornando a sociedade mais complexa e dinâmica.³¹

O investimento em ferrovias efetuado pela grande burguesia paulista foi fundamental para uma nova dinâmica econômica. À medida que as plantações de café se interiorizavam, a fim de atender o aumento de produção para as necessidades do mercado externo, o acesso ao porto de Santos era dificultado. O produto encarecia, afinal era transportado em lombo de animais, o que causava perdas pela demora e precariedade desse tipo de transporte.

O município de Barretos foi privilegiado pela preocupação em se ampliar a rede ferroviária, pois embora não se tratasse de área de grandes plantações de café, estava muito próximo das principais áreas produtoras. A Ferrovia Paulista, inaugurada em 1872, obedecia às necessidades da economia cafeeira e em 1909 seus trilhos já alcançavam o município de Barretos, com a clara intenção de servir às necessidades da nascente indústria frigorífica no local, que se encontrava sob a direção de um legítimo representante do chamado “grande capital cafeeiro”, Antônio Prado, sócio da Companhia Mecânica e Importadora.

A família Prado é considerada das mais proeminentes na avaliação feita por Perissinoto, quando se tratava de investimentos diversificados. Segundo ele, a origem nas atividades agrícolas da família não impediu esse processo. Campo Alto, Santa Cruz (1864), Santa Veridiana (1868), Guatapará (1885), São Martinho (1889), eram fazendas onde a família desenvolveu grandes plantações de café.³²

³¹ PERISSINOTO, Renato M. *Frações de Classe e Hegemonia na Primeira República em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP: 1999.

³² Idem.

Acionistas do Banco do Brasil (1858), proprietários do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo (1890), contavam com uma “*enorme capacidade de auto-financiamento*”. Envolvidos com exportação de café com a Companhia Central Paulista, organizada “*possivelmente devido à insatisfação com os exportadores existentes*”³³, em 1887 transformou-se em Prado Chaves e Cia, com novos sócios.

Antônio Prado, membro desta família, investidor também em ferrovias, bancos e exportações, diversificou também seus investimentos ao escolher para isso a indústria frigorífica, por meio da Companhia Frigorífica Pastoral de Barretos. Tratava-se de um investimento inédito no Brasil. Para tal, era necessário importar a maquinaria e os cargos técnicos deveriam ser ocupados por estrangeiros. Constituiu-se em 1910, uma Sociedade Anônima denominada Companhia Frigorífica Pastoral³⁴, afim de:

“... fundar e explorar um matadouro de gado pelo sistema frigorífico e uma charqueada para o preparo de carne seca, no município de Barretos, Estado de São Paulo, para abastecer o consumo das principais cidades deste Estado e da União a que conviesse estender o negócio... fundar e explorar quaisquer outras indústrias que tivessem relações com o comércio de carnes...organizar com base e garantia econômicas de suas indústrias de matança, uma seção pastoral de internada e criação.”³⁵

A Câmara Municipal de Barretos concedeu à Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, o privilégio e autorização para instalar um matadouro frigorífico no município, bem como, de adquirir áreas para o estabelecimento e internadas e ainda “*adquirir e explorar a concessão outorgada para o fornecimento de força e luz à cidade de Barretos*”³⁶. Eram diretores desta Companhia Antonio Prado, Conde Prates e Alexandre Siciliano. Em 1911, a concessão dada à

³³ LEVI, Darrel E. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura, 1977

³⁴ Documento de Constituição na JUCESP 1214 de 7.10.1910.

³⁵ PRADO, Nazareth. *Antonio Prado no Império e na República*. Rio de Janeiro: F.Brignet e Cia, 1929: p. 473.

³⁶ Idem p. 474.

Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais para a instalação do matadouro, foi transferida à Companhia Frigorífica e Pastoril.

Os materiais para a construção, superestrutura do telhado, material do matadouro e o do preparo dos sub produtos, máquinas frigoríficas, ficaram por conta da empresa francesa *Sociedade Dyle et Balacan* (Paris), enquanto a mão-de-obra especializada deveria vir da Argentina e dos Estados Unidos. As invernadas adquiridas deviam suprir as necessidades do grande frigorífico.³⁷

Ainda para dotar o município de condições de instalação da indústria, um dos problemas a ser resolvidos era facilitar o transporte do gado do Mato Grosso, solução encontrada construindo uma ponte que facilitava a chegada do rebanho à estação de estrada de ferro. Além disso, as estradas e portos existentes foram viabilizados para o transporte de carga, como é o caso da estrada de rodagem de Jaboticabal e São José do Rio Preto, os vapores colocados para a travessia do Rio Grande possibilitando a comunicação entre Barretos, o Triângulo Mineiro e o sul de Goiás. Era possível ainda utilizar a força hidroelétrica da usina de Marimbondo para mover a indústria. As terras adquiridas no Estado de São Paulo eram contíguas entre si a fim de torná-las invernadas, enquanto o gado estivesse em trânsito. Entre as terras paulistas e mato-grossenses, a Companhia era proprietária de 60 mil alqueires paulista.³⁸

Em 1911, o município foi dotado de energia elétrica pública e no mesmo ano inaugurou-se o Posto de Zootecnia.³⁹

A Companhia Frigorífica e Pastoril iniciou suas operações em 1913, contava aproximadamente com 350 operários e tinha capacidade para abater 400 bovinos e 400 suínos ou ovinos⁴⁰. Assim, a empresa deveria comprar gado criado nos estados de São Paulo, Minas Gerais e

³⁷ Pesavento argumenta que observava-se que havia neste tipo de investimento "...tanto a ligação entre capital de mais de uma procedência como as atividades econômicas entrelaçadas..." Op.cit. p. 93

³⁸ PRADO. Op. cit. p.476.

³⁹ *Inauguração da Energia Elétrica Pública. 29/01/1911 e A Inauguração do Posto Zootechnico 06/08/1911. Jornal O Commercio.*

⁴⁰ SUZIGAN. Op. cit p. 338.

Mato Grosso, engordá-los nas pastagens da empresa, abatê-los no frigorífico de Barretos e transportá-los nos vagões da Companhia de Estradas de Ferro. Segundo Suzigan esses vagões eram refrigerados e levavam o produto até uma câmara frigorífica da empresa em São Paulo, de lá para Santos a fim de ser exportado.⁴¹ O primeiro carregamento foi enviado para a Grã Bretanha em 1914, até 1918 foram exportados pelo Brasil, 169.135.000 quilogramas de carnes congeladas.⁴²

Certamente, o Frigorífico de Barretos se beneficiou dos períodos de guerras e crises externas, quando as exportações aumentavam, bem como a contratação de operários.

Houve um grande aumento da produção durante o período da Primeira Guerra Mundial, no entanto, o início de sua fundação data de 1910, demonstrando que houve primeiramente uma diversificação de investimentos e não a busca em atender o mercado externo em período de guerra, muito embora fique claro, o caráter da exportação mas sem qualquer vínculo com crises ou guerras externas e sim, pelo crescimento da procura do produto.

O frigorífico foi presidido por Antônio Prado até 1919. Ao final do período em que esteve em suas mãos, o setor passou por graves crises, pós-euforia de grande produção para atender o mercado externo em guerra. Por volta de 1918, há uma reclamação geral por parte das companhias frigoríficas,⁴³ em relação aos preços impostos por invernistas, intermediários, marchantes e criadores, que cobravam entre 14\$000 e 15\$000 a arroba, preço que em 1914 girava em torno de 6\$000.

Em 1917, a imprensa local considerava atrasado o sistema de compra, engorda e venda de gado se comparada às praticadas nos grandes centros. No mesmo ano, sob a Lei 1520B de 26 de Dezembro de 1916, foi criado um imposto de 50\$000 (cinquenta mil reis) por vitela ou vaca com menos de 10 anos, abatida em qualquer parte do Estado. Essa preocupação deriva da matança

⁴¹SUZIGAN. Op. cit p. 335.

⁴²Anais do I Congresso Pecuarista do Brasil Central.

⁴³ “A Companhia Brasileira e Britânica de Carnes e o Frigorífico de Mendes, já encerraram suas matanças...”. O Commercio 10.3.1918

rebanhos, além de encarecer o produto. As questões de higiene também são consideradas, pois em 1918, em discussão sobre o saneamento do município, sugere-se especial atenção aos depósitos de resíduos do matadouro frigorífico onde *“juntam-se urubus às portas da cidade.”*

Suzigan explica que a crise no setor foi estimulada pelo grande abate necessário para atender o mercado durante a Primeira Guerra Mundial. Essa crise teve início em fins da década de 1910 e começo da década de 1920. O que levou à modificações *“com relação à divisão do mercado e ao grau de concentração da indústria”*.⁴⁴ Por volta de 1917, investidores estrangeiros liquidaram suas empresas, por entender que devido aos preços exorbitantes do gado no Brasil era possível obter carne de melhor qualidade em outros países, com menor custo, para exportação. Além da escassez do gado, em 1918 ocorreram as fortes geadas que queimaram as pastagens, a propagação da febre aftosa e uma lei proibindo o abate de gado com idade inferior a oito anos de idade. *“Ao final de 1918 todos os frigoríficos haviam suspenso temporariamente as operações”*.⁴⁵

Em 1919, Antônio Prado transferiu a empresa para a Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, desaparecendo a Companhia Frigorífica Pastoril, sob presidência de Alexandre Siciliano. No entanto, o período de crise não havia terminado. Os preços aumentavam desenfreadamente e em 1919, o governo proibiu a exportação de carne congelada até março de 1920. No início da década de 1920, a valorização da moeda mil réis, tornou o produto brasileiro menos competitivo, afetando também as exportações tanto da carne congelada ou resfriada, como da carne enlatada. A produção neste período passou a visar o mercado interno. Até 1926, o setor sofreu oscilações e forte concorrência dos produtores do Rio da Prata. O Brasil não apresentava um rebanho capaz de suportar as necessidades da produção, que por esse momento sofria um maior controle de capitais estrangeiros⁴⁶ que devido às novas técnicas de produção e maiores investimentos

⁴⁴ SUZIGAN. Op. cit. P. 342

⁴⁵ SUZIGAN. Op. cit. p. 342.

⁴⁶ PESAVENTO. Op. cit. p. 79/124 (Capítulo II)

capitais estrangeiros⁴⁶ que devido às novas técnicas de produção e maiores investimentos necessitavam de um maior rebanho para atender suas demandas. Esse fator agravou ainda mais a crise.

Empresas norte-americanas e inglesas juntaram-se para sobreviver e controlar o mercado brasileiro, afinal “*todos os três frigoríficos brasileiros atuando na exportação de carnes foram comprados pelo Frigorífico Anglo*”.⁴⁷ O frigorífico de Pelotas foi comprado em 1921, a Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos e o Frigorífico de Santos em 1924, ficando a capacidade de produção nacional nas mãos de americanos (Armour & Co, Swift & Co. e Wilson & Co.,) e britânicos (Frigorífico Anglo):

No final da década de 1920, a empresa já não se encontra mais em mãos do capital nacional segundo Suzigan:

“...o investimento estrangeiro aumentou consideravelmente nas décadas de 1920 e 1930. Em praticamente todas as indústrias que se desenvolveram nesse período havia alguma participação de capital estrangeiro, que em alguns casos era bastante significativa...”⁴⁸

Essa situação é particularmente verdadeira na indústria de processamento de carnes. Neste período há uma monopolização da produção do setor no Brasil que se iniciou com a compra no final de 1923, da Companhia Frigorífica Pastoril e do Frigorífico de Pelotas em 1924.

A produção da empresa não sofreu grande impacto negativo com a crise de 1929, ao que nos parece ocorreu o contrário. Abateu 120.460 bois/ ano em 1929, contra 112.356/ bois/ano de 1929 e 141.774 bois/ano de 1930.

⁴⁶ PESAVENTO. Op. cit. p. 79/124 (Capítulo II)

⁴⁷ Idem. P. 343

⁴⁸ SUZIGAN. Op.cit. p. 249.

Quanto ao Rio Grande do Sul, por ser a mais importante região de criação de gado e produção de charque do país, esperava-se que as charqueadas dotadas de formas modernas de produção, caminhasse para a indústria frigorífica⁴⁹.

Foi em Porto Alegre que surgiu a primeira fábrica de carnes enlatadas do Brasil, de capital inglês e que funcionou até 1920.⁵⁰ Foi também no Rio Grande do Sul que surgiu o primeiro projeto de um frigorífico nacional. Mas embora houvesse um esforço de Borges de Medeiros com relação à implantação de uma indústria frigorífica naquele estado, mesmo que estrangeira, pois o governo concedeu inclusive terras a *Brazilian Cold Storage and Development Company*,⁵¹ esse plano não se concretizou imediatamente. Segundo Pesavento esta empresa, mantinha no Brasil procuradores para tratar de seus interesses, ou seja, estabelecer-se em qualquer estado do país para operar com frigoríficos. Havia, no entanto, deveres a cumprir em contrapartida aos benefícios recebidos do então governo, que foi provavelmente o motivo que os levou a não implantar a empresa naquele estado, caducando o prazo determinado.⁵²

O governo federal também estimulou a indústria, em um decreto de abril de 1920 “*abria concorrência para a construção de um sistema de entrepostos frigoríficos e matadouros modelos em diversos estados*”.⁵³ A intenção era a produção de carnes e sub-produtos para o mercado interno e externo. Entre os subsídios oferecidos estavam: importação livre de impostos de máquinas e materiais não produzidos no Brasil; livre acesso à terra para construção dos frigoríficos e matadouros; subsídios para as operações de processamento armazenagem e transporte.

⁴⁹ As técnicas de conservação de carne pelo frio já haviam sido resolvidas com as descobertas de Charles Tellier em 1876, quando foi transportado de Bourdeaux ao Prata, carnes frigorificadas em perfeitas condições. Após o sucesso desta operação americanos e ingleses lançaram-se à produção e comercialização de carnes conservadas pelo frio, exportando capitais, tecnologia e medida de seleção e cruzamento de gado por áreas mais interessantes deste mercado. (Pesavento, 1980)

⁵⁰ SUZIGAN. Op.cit. p. 332

⁵¹ Segundo PESAVENTO esta empresa estava ligada ao Grupo Vestey Brothers também proprietária dos Frigoríficos Anglo.

⁵² “... a Companhia se incumbiria de introduzir gado selecionado ...também se obrigava a pagar ao Estado um imposto por cabeça de gado abatido e um imposto de exportação para os produtos que fabricasse...” além de outros. PESAVENTO, Op.cit. p. 73.

⁵³ SUZIGAN, Op cit. P. 334

Apareceram duas propostas, para a criação de um frigorífico nacional, que foram consideradas inviáveis, devido às dificuldades de transportes e comunicação entre o interior do país, área produtora de rebanhos e o litoral.⁵⁴

Assim, o primeiro frigorífico na região criadora tradicional, Rio Grande do Sul, foi uma subsidiária de *trusts* internacionais. Pesavento argumenta que interesses particulares de grupos sociais envolvidos no sucesso do projeto da criação de um frigorífico nacional, com recursos públicos, retardaram o processo do desenvolvimento desta indústria. Os pecuaristas, grupo hegemônico, ligado à criação do rebanho, tinham interesses diferentes de charqueadores, responsáveis pela transformação do produto. À medida que se acentuava a decadência na produção do charque, o grupo responsável por esta, pressionava os fornecedores de matéria-prima (criadores), organizando convênios que forçavam a queda dos preços. Tal tática acentuava o conflito já existente entre criadores e charqueadores. Os primeiros estavam estreitamente ligados as renovações do setor enquanto os charqueadores ou saladeiristas eram vistos como conservadores. O Estado, de orientação positivista, mantinha-se neutro em busca da manutenção da ordem. Tornava-se difícil uma solução, na medida que cada grupo mantinha interesses específicos.⁵⁵

Era realidade desde o final do século XIX o interesse de estrangeiros em estabelecer-se nos países da América do Sul; e em alguns locais, dos quais podemos citar o Uruguai e posteriormente a Argentina, há o predomínio de grandes *trusts* americanos e ingleses neste setor. O Brasil constituía-se área de interesse para o capital estrangeiro. Por volta de 1905, comerciantes americanos voltavam suas atenções para a instalação da indústria de carnes no Brasil, em especial nos estados de Minas Gerais e São Paulo. O cônsul daquele país no Rio de Janeiro declarou que havia grandes estímulos naturais à instalação dessas indústrias por estadunidenses, com métodos dominados por eles

⁵⁴ Idem p. 334

⁵⁵ PESAVENTO. Op. cit.

mesmos. Alguns desses estímulos eram as extensas pastagens e a fertilidade das terras ⁵⁶, ou seja, a possibilidade de obtenção de grandes extensões de terras em território brasileiro permitiria o desenvolvimento tanto da criação do rebanho como posterior industrialização do produto, empregando métodos conhecidos e utilizados nos Estados Unidos em especial em Chicago, berço da frigorificação de carnes.

Um exemplo de investidor estrangeiro era Percival Farquhar⁵⁷, americano e com aplicações diversas no Brasil em 1912 tinha :

“... - 4 milhões de acres com 140.000 cabeças em 5 ranchos, em Descalvado, no pantanal- em nome da Brazil Land, Cattle & Packing Co. O gado era industrializado localmente numa charqueada, sendo parte da produção exportada para Assunção e Buenos Aires” ⁵⁸

Associados à firma *Sulzberger*, de Chicago, construíram um frigorífico em Osasco, próximo aos trilhos da E. F. Sorocabana que iniciou suas obras em 1913, começou a funcionar em 1914, mas “os *Sulzberger*, céticos face às chances do Brasil competir com a Argentina e o Uruguai ... retiraram-se do negócio. Farquhar vendeu então o frigorífico a Wilson, outra firma de Chicago⁵⁹” foi concluída em 1915 e exportaram naquele ano as primeiras remessas de carne congelada para os Estados Unidos. ⁶⁰ A origem do capital que Farquhar aplicava em seus negócios era variada: poderia vir de seu país de origem, de países europeus ou de qualquer grupo interessado em investir em seus negócios. Era um investidor ousado e dinâmico.

Outro frigorífico, a *Anglo Brazilian Meat Comapny*, de capitais britânicos, localizada em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, fundada em 1912, iniciou suas operações em 1917, abatendo cerca de

⁵⁶ Consul Seeger (Rio de Janeiro) “*American Paccking Houses for Brazil*” apud SUZIGAN Wilson – *Industria Brasileira – Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986 p. 333.

⁵⁷ SINGER, Paul. *O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930*, FAUSTO, Boris (org.) *Historia Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1977.

⁵⁸ Idem p. 384

⁵⁹ Idem p. 385

⁶⁰ SUZIGAN Wilson – *Industria Brasileira – Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986 .

126 461 bois, sendo 85% destinados à exportação, foi liquidado em 1919⁶¹, por conta da crise de abastecimento de matéria-prima que afetava o setor.

O frigorífico *Brazilian Meat Company*, de capital britânico e americano, instalado em Mendes RJ, com tecnologia americana e controle britânico foi o embrião para após a Primeira Guerra, formar o grupo Frigorífico Anglo, fruto de uma junção de indústrias em busca de fatias do mercado e de sobrevivência a graves crises de oferta de gado ocorridas no período. Uma das aquisições deste grupo foi a Companhia Frigorífica Pastoril de Barretos em 1923.⁶²

Pesavento alerta para a grande diversificação de investimentos e origem dos capitais, que envolviam atividades entrelaçadas como criação de gado, frigorificação, madeireira, estradas de ferro, portos. Neste caso atenção especial à penetração na criação de gado, também destacado pela autora, caracterizando uma propriedade do capital monopolista que se acentuavam com as corporações internacionais.⁶³ O latifúndio era fator primordial para o sucesso do domínio da criação do rebanho.

3-Pecuaristas: Hegemonia Ameaçada.

Segundo Pesavento as divergências existentes entre criadores e charqueadores pode ter retardado o processo de industrialização da carne no Rio Grande do Sul e facilitado a monopolização do setor por empresas estrangeiras⁶⁴.

Em São Paulo, tomando como exemplo o município de Barretos, onde surgiu a primeira indústria de carnes, com investimentos nacionais, foi apenas uma questão de tempo para que ela fosse encampada pelo capital estrangeiro.

⁶¹ Idem p. 337/338.

⁶² Idem p. 336.

⁶³ PESAVENTO. Op.cit p. 09

⁶⁴ PESAVENTO. Op.cit Capítulo II.

Há uma reação imediata por parte daqueles que até então tinham controle do processo de criação e comércio dos rebanhos. Os pecuaristas e invernistas perceberam rapidamente a monopolização da criação e abate de rebanhos. Embora não se tratando de um grupo homogêneo, os conflitos surgem no local a partir do início do processo de industrialização e refrigeração da carne. Ou seja, os envolvidos com o processo de criação versus os envolvidos no processo de industrialização da carne.

Imediatamente após o anúncio da criação do matadouro frigorífico no município, em 1910, iniciou-se uma reação por parte dos criadores. A imprensa local trazia alguns posicionamentos com relação à instalação desta companhia e demonstravam interesses divergentes acerca da viabilidade ou de como tal empreendimento poderia ser prejudicial à independência da produção local. Alguns artigos destacam o quanto seria mais saudável consumir carne resfriada em detrimento daquela até então consumida, onde o gado passava por enormes viagens e chegava ao destino “*mais morto do que vivo*”. Os criadores por sua vez, pressentem a monopolização da carne pela empresa a ser criada, observando que a Companhia havia adquirido grandes invernadas e que pela distancia que se encontravam do matadouro não poderiam ser depósitos de gado a ser sacrificado. Segundo eles, isso evidenciava uma intenção da Companhia de estocar gado, a fim de controlar e impor preços. A notícia de que uma outra empresa, vinculada ao governo seria também instalada no município (fato que não ocorreu), tranqüilizou os criadores, e esses desentendimentos desaparecem da imprensa local.

O interesse da Europa por gêneros de primeira necessidade para suprir as tropas em guerra e mesmo a população civil, valorizou esse produto. França, Inglaterra e Estados Unidos, passaram de países exportadores a países importadores de carnes. O preço da carne no Velho Continente aumentara nos últimos 5 anos⁶⁵ (1911 a 1916), 86%. Mesmo antes da guerra, já houvera alta de

⁶⁵ PESAVENTO. Op cit p. 79 - A autora utilizou a publicação da Revista O Progresso publicada em 1916, sendo este ano foi tomado como base para a avaliação do aumento do preço da carne .

preços em 46%. A aumento relacionava-se a valorização do produto, afinal nem transportes e nem fretes incidiam em seu preço.⁶⁶ Ao que parece não havia motivos para conflitos entre criadores, comerciantes e industriais. Os lucros com os negócios de gado eram exorbitantes.

O consumo principalmente externo exigia grande abate de animais. Tal “desfalque” a criação fatalmente teria conseqüências, considerando-se o tamanho do rebanho brasileiro que também atendia os matadouros que forneciam o produto para o mercado interno, além das charqueadas. Ainda durante a Guerra, o excesso de abates acarretou uma crise na indústria de carnes.

A reação dos criadores foi de esclarecer os custos de um rebanho e questionar como os estrangeiros estavam tomando conta do mercado de criação e engorda de gado. Tentando organizar – se em 1918 convocaram uma reunião onde decidiram:

- 1- Oficiar – se ou entender –se com as casas comerciais da capital do Estado pedindo a estas apoio e auxílio à classe, de forma a facilitar reformas e documentos;
- 2- Estabelecer- se a base do preço por arroba, que será de 15\$400, conforme cálculos positivos e infalíveis;
- 3- Escrever – se nos jornais da capital e nos de grande circulação, artigos em que esclareçam custos e despesas feitas com um boi até sua venda;
- 4- Vender –se aos próprios companheiros o gado pertencente aquele que precisar de dinheiro e que não obtiver reforma em caso de necessidade;
- 5- Oficiar – se a Cooperativa Sul Mineira pedindo a esta o seu poderoso auxílio de modo a tornarem – se realidade a resolução da reunião de boiadeiro
- 6- Fazer –se reuniões semelhantes marcando – se o dia 10 de abril para a seguinte efetuar –se.⁶⁷

A preocupação com uma coesão e organização reflete o conflito existente . Talvez a mais concreta conseqüência desta tentativa de aglutinação de forças tenha sido a criação em 1931, do Sindicato dos Invernistas e Criadores de Gado em Barretos, hoje denominado Sindicato Rural Vale do Rio Grande.⁶⁸ Em sua Ata de abertura, contrariando as posturas até então definidas, deixam os membros bem claro que a intenção daquela organização não é repudiar a indústria frigorífica, mas

⁶⁶ PESAVENTO . Op cit p.79.

⁶⁷ “ Reunião para discutir interesses dos invernistas”. O Commercio 14.03.1918.

⁶⁸ Sobre as organizações das Associações Rurais ver BENITES especialmente Capitulo I.

sim, apenas defender os interesses da classe⁶⁹. No entanto, fica claro nas teses e nos discursos do Primeiro Congresso Pecuário do Brasil Central, em 1941, o quanto eram conflitantes os interesses de criadores e industriais da carne. Nesse Congresso, onde se reuniram no município de Barretos, além do Sindicato dos Invernistas e Criadores de Gado em Barretos, a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso, Sindicato Pecuário do Estado de São Paulo, Sindicato Agrícola e Pastoril de Araxá, ficou evidenciado o repúdio às empresas que monopolizavam o mercado de carnes.

Franklin de Almeida, então professor da Escola Veterinária Nacional, relata que por meio da empresa Land Catle, o sr. Mackenzie, de nacionalidade norte-americana, fez iniciar a participação do capital estrangeiro na indústria de carnes e derivados, e iniciaram formando invernadas nas zonas paulistas, mato-grossenses e paranaenses, cujos rebanhos serviriam para abastecer o Frigorífico Wilson, já em 1915.

A presença de investimentos norte-americanos segundo ele, iniciou-se antes de 1915, quando o grupo *Liebig*, estabeleceu matadouros e fábricas na América do Sul, em 1859, instalando-se “...às margens dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai e alguns de seus afluentes, nos territórios da Argentina, Uruguai, Brasil e Paraguai⁷⁰”. Posteriormente o grupo inglês *Dickison*, representante de capitalistas belgas, britânicos e argentinos, juntamente com norte-americanos se interessaram por terras no Mato Grosso do Sul.

O Grupo *Vestey*, compradores da Companhia Frigorífica Pastoril de Barretos e de grandes pastagens, antes pertencentes à segunda, deu continuidade a esses empreendimentos.⁷¹

O Primeiro Congresso Pecuarista do Brasil Central, demonstra a intenção por parte dos pecuaristas de retomar a produção de carnes frigorificadas por empresas nacionais. Encontravam apoio do então presidente Getúlio Vargas, que em discurso proferido em Sessão Solene da II

⁶⁹ Ata da Fundação do Sindicato Rural Vale do Rio Grande. 1931

⁷⁰ Anais do Primeiro Congresso Pecuarista do Brasil Central. Op. cit. p.78/79

⁷¹ Idem.

Conferencia Nacional de Pecuária, indicou este caminho. O apelo dos pecuaristas, é claro, e discute um domínio do capital estrangeiro pelo *trust* que estava ocupando a criação, recriação e engorda de rebanhos. Essas empresas possuíam em 1941, mais de 70 mil alqueires de terras, onde engordavam aproximadamente 100 mil cabeças de gado. Mantinham uma industrialização sem concorrência, comandando a cotação do mercado, excluindo assim a interferência de investidores brasileiros. Defendiam que para nacionalizar a indústria frigorífica, era preciso priorizar o mercado interno e que tivesse o apoio de órgãos regionais do Instituto Nacional da Pecuária oferecendo apoio técnico e controle, desde a criação, à industrialização da carne. O mercado interno estava sofrendo desde o ano anterior (1940), escassez de charque, produto comercializado na região Norte e Nordeste, prejudicado pela preferência dada ao mercado externo. As exportações de carnes neste ano giraram em torno de 23 mil toneladas de carnes frigorificadas e 45.800 toneladas de carnes em conservas. A carne em conservas "*corned beef*" foram assim distribuídas: Frigorífico Anglo 13.200 toneladas; Swift 13.800 toneladas, Armour 12.000 toneladas e Wilson 6.800 toneladas.

A situação, discutida em 1941, no Congresso Pecuarista do Brasil Central, já fora antecipada pelos criadores desde a implantação da indústria nacional pelo Conselheiro Antonio Prado, e à medida que estrangeiros se apossavam de terras, dominavam o mercado de criação e engorda de gado, controlavam a indústria da carne com técnicas modernas de produção, a insatisfação salientava-se. Embora as pesquisas que mencionam a existência da Companhia Frigorífica Pastoril como o primeiro matadouro frigorífico brasileiro afirme que se tratava de investimento genuinamente nacional, gostaríamos de alertar para a presença da Companhia Paulista de Estradas de Ferro no investimento e que em 1908, o americano Percival Farquhar detinha 38% das ações da Paulista, ferrovia que passou a controlar junto com a Mogiana e manteve na primeira como presidente Antonio Prado "*com o qual se entedia em conversas informais*"⁷². Em 1912,

⁷² SINGER Op. cit. p. 383

4 milhões de acres com 140000 cabeças em Descalvado, no Pantanal em nome da *Brazil Land, Cattle & Packing Co.* O gado era abatido e exportado para Assunção e Buenos Aires e ainda que Mackenzie, um dos financiadores⁷³ de Farquhar, é citado como norte-americano que nos primórdios da indústria teria investido na mesma:

“... a grandiosa iniciativa de Antonio Prado, que foi secundada, logo nos seus primórdios, por norte-americanos empreendedores mundiais da industrialização das carnes, traduzida pela chegada do Sr. Macckenzie.”⁷⁴

Embora não seja essa a finalidade da pesquisa, mas nos parece muito provável a presença do estadunidense no início da indústria e no condicionamento do município para receber os investimentos de Farquhar.

As instalações dos frigoríficos no Brasil, obedeciam a um modelo de plantas norte-americano.⁷⁵

Pouco adiantou os argumentos dos pecuaristas, insuficientes para impedir a monopolização do mercado de carnes no Brasil.

4 - A Disputa Pelo Mercado de Carnes Frigorificadas e o Aumento das Exportações do Produto pelo Brasil.

⁷³ “Ainda em 1905, Farquhar organizou, em Portland, Maine, a Bahia Tramway, Light & Power Co., usando os mesmos métodos que aplicou no Rio; associou-se a Pearson e a Mackenzie, com os quais levantou 3,5 milhões de dólares em ações e outro tanto em debêntures; ...” Singer 380

⁷⁴ Anais do 1º Congresso Pecuário do Brasil Central 1941. Op.cit. p. 78

⁷⁵ REDFIELD Arthur H. *Brazil – A Study of Economic Conditions since 1913* – Department of Commerce. Washington: Government Printing Office, 1920.

Para uma análise do período que antecede o início da industrialização da carne no Brasil, na tentativa de entendermos os investimentos que foram efetuados neste setor pelo capital estrangeiro, faremos algumas considerações que entendemos ser relevantes para tal processo.

O período de 1870 a 1914 é caracterizado como aquele em que a economia dos países que detinham o controle da produção industrial, se viram de tal forma avançadas tecnologicamente e com tal excesso de produção que foi necessário expandir-se a outras áreas mundiais em busca de mercados e lucros.

A entrada dos Estados Unidos na produção industrial, tornando-se um exportador de produtos e não mais um importador dos produtos europeus, teve importância fundamental.

A saída encontrada por esses países foi o imperialismo que se caracterizava por grande rivalidade entre os estados, uma economia com ampla base geográfica, uma intensa revolução tecnológica e transformações nas empresas, tanto no que se refere à concentração de capitais, como a *“distinção entre empresa e grande empresa”*, bem como uma racionalização da produção fundamentada nos princípios de Taylor. Essas características acompanhavam as empresas onde fossem instaladas.

Segundo Hobsbawm foi um período de prosperidade mesmo para os trabalhadores, na medida em que não sendo uma fase de intensa especialização do trabalho o aprendizado era rápido, sendo possível empregar homens e mulheres nas indústrias e ainda possibilitar que os imigrantes europeus chegados à América pudessem ser inseridos no trabalho, embora isso não representasse uma melhoria em suas condições de vida.⁷⁶

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

A Grã Bretanha perdera a primazia industrial que significou o “*fim da hegemonia britânica e o início das rivalidades interimperialistas, cujos principais protagonistas seriam a Grã Bretanha a Alemanha e os Estados Unidos*”⁷⁷”

O Brasil não desempenhava papel relevante na economia capitalista mundial. O café seu principal produto de exportação, embora não sofresse concorrência de outros produtores, tinha pouco significado “na dinâmica do capitalismo mundial”. Se comparado às possibilidades relativas ao seu tamanho e população, sua participação no mercado externo era insignificante. Havia uma desarticulação entre as áreas de produtos para exportação e os centros urbanos exportadores que impossibilitavam que os primeiros reagissem às modificações ocorridas no exterior, dificultando reflexos do impulso do capitalismo mundial neste período, o que ocorreu tardiamente no Brasil.

Como país não pertencente ao “centro dinâmico da economia mundial”, o Brasil deveria ser, como os outros países em situação semelhante, apenas um produtor e fornecedor de bens primários aos países industrializados, atendendo o mercado consumidor desses países.

A Abolição da Escravatura e a Proclamação da República havia modificado esse quadro, mesmo que não substancialmente:

“A Abolição e a República podem ser consideradas neste sentido como uma espécie de *aggiornamento* que recolocou o Brasil pouco a pouco numa posição de maior destaque na divisão internacional do trabalho e no caminho dos fluxos de capital e de força de trabalho que se encaminhavam do Velho para o Novo Mundo”.⁷⁸

A frigorificação de carnes era desde o começo do século XX “*uma das pontas de lança do avanço monopolista, uma vez que a tecnologia capitalista estava dominando os processos de conservação da carne pelo frio*”.⁷⁹ Os países de economia central buscavam espaços que

⁷⁷ SINGER Paul – *O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930*. FAUSTO Boris (org.) *Historia Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1977. p. 348

⁷⁸ *Idem* p. 352

⁷⁹ PESAVENTO. *Op. cit* p. 80

proporcionasse possibilidades de maiores lucros, que oferecesse matéria-prima e onde os salários fossem menores. Até então a região do Prata era a que abastecia o mercado europeu de carnes, recebendo em seu território as grandes empresas que investiam na industrialização do produto, cumprindo seu papel de área periférica a serviço dos países de economia central. O Uruguai na década de 1860 encontrava-se inserido nesse processo. Argentina e Uruguai representavam a região mais rica de gado, acolhendo também *“uma disputa entre os grupos econômicos ligados ao Trust do Beef de Chicago e outros não menos poderosos de Londres pertencentes ao Grupo Vestey Brothers...”*⁸⁰

Percebe-se neste período a monopolização do mercado de carnes na medida em que grandes *trusts* controlavam a criação, a industrialização e a comercialização do produto. Os exigentes consumidores europeus, especialmente os ingleses, agiam como impulso à seleção do rebanho, obrigando investimentos no setor. O *chilled beef* de grande aceitação no mercado internacional exigia uma criação selecionada, portanto tinha um custo mais alto, mas também mercado certo e bem pago.

No entanto com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ocorreu um crescimento do mercado de carnes devido à necessidade de abastecer as tropas em combate. Além da expansão do consumo no período da Primeira Guerra Mundial, houve também uma modificação no tipo de produto aceito no mercado...

*“na medida em que grandes lotes de conservas de carne em lata (corned beef) e carne congelada (frozen beef) de inferior qualidade com mais graxa e tendões eram adquiridos pelos países beligerantes para a alimentação de seus exércitos”*⁸¹

É nesse contexto que o Brasil passa a ter possibilidades de maior participação no mercado exportador de carnes com a Companhia Frigorífica Pastoral no município de Barretos, São Paulo,

⁸⁰ Idem p. 82

⁸¹ Idem p. 89

que processava a refrigeração e transformação de carnes de rebanhos oriundos do Brasil Central, onde predominava a raça zebu considerada imprópria para o exigente mercado europeu, mas aceita como ração para os soldados nos campos de batalha.

Quando se divulgaram as primeiras informações sobre a implantação de um frigorífico matadouro no município de Barretos, por volta de 1910, a indústria nacional era incipiente.

O frigorífico iniciou suas atividades em 1913 com um capital de aproximadamente 5.000 contos de reis (em 1912) e empregava aproximadamente 350 funcionários e em 1914 iniciou suas exportações de carnes resfriadas para a Grã-Bretanha. O produto abatido no frigorífico

“era transportado em vagões de carga refrigerados pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro (associada no projeto) para uma câmara frigorífica da empresa em São Paulo e finalmente de lá para Santos para exportação”⁸².

Foram exportados 1.400 quilos em 1914; 8.513.970 quilos em 1915 e 33.660.936 quilos em 1916, demonstrando um rápido crescimento nas exportações neste período.

Esse número se multiplicou com os investimentos estrangeiros na empresa a partir de 1923.

1923 a 1927 - 287.127 bovinos abatidos = média de 57 mil/ano.

1928 a 1932 - 657.831 bovinos abatidos = média de 131 mil/ano.

1933 a 1937 - 983.220 bovinos abatidos = média de 196 mil/ano. *

*Fonte Álbum comemorativo do Cinquentenário da Empresa S/A Frigorífico Anglo

⁸² SUZIGAN. Op. cit., p. 335

CAPÍTULO II -

TRABALHO E MORADIA NO FRIGORÍFICO ANGLO DE BARRETOS:
TAYLORISMO, PATERNALISMO E DISCIPLINARIZAÇÃO.

O grande impulso às exportações, implementados pela empresa, requeria uma nova dinâmica.

Este capítulo demonstra que havia uma combinação entre métodos tayloristas de produção que foram implementados na indústria frigorífica de Barretos a partir da venda ao grupo inglês, e formas paternalistas de relações de trabalho, também característica de empresas de capital inglês. Ambos utilizados como forma para garantir maior produção. Tentamos reconstruir o espaço interno da fábrica sabendo estar o resultado obtido, longe da realidade visto que: o ambiente dessa empresa era constantemente reformulado conforme as necessidades do momento; não há depoimentos orais do período e mesmo os que se arriscam a falar sobre esse aspecto se perderam na complexidade da estrutura da fábrica.

Não encontramos ninguém que tenha conhecido a fábrica por inteiro.

Fazer uma comparação com a realidade atual não seria pertinente e mesmo nossa visita a fábrica não nos possibilitou conhece-la minimamente.

A vila operária serviu como forma de controle e disciplinarização dos trabalhadores e ao mesmo tempo externou um paternalismo que além da moradia, oferecia todo um aparato necessário ao cotidiano dos trabalhadores. A empresa mantinha sob seu domínio as necessidades básicas de seus operários possibilitando a quase total independência destes com relação ao município.

Com relação ao espaço ocupado pela indústria verificamos que houve uma estruturação do local para recebe-la, em um primeiro momento com recursos provenientes da cafeicultura. Com os investimentos externos, ocorreu um aperfeiçoamento das condições do espaço fabril e da vila operária.

1-O Novo Frigorífico, a Adaptação do Método de Taylor à Fábrica de Barretos e a Reconstrução do Espaço Interno da Fábrica.

A Brazilian Meat Company posteriormente Sociedade Anônima Frigorífico Anglo adquiriu as dependências da Companhia Frigorífica e Pastoril, em fins de 1923 ⁸³ conforme consta em Cartório de Registro de Imóveis de Barretos:

“Um matadouro e Frigorífico situado na Fazenda denominada Pitangueiras, ocupando o matadouro e frigorífico uma área de quarenta e um e meio alqueires de terras, compondo-se de diversos prédios, onde estão estabelecidas as salas de matança, preparo de sub-produtos, salgas de couros, salsicharia, preparo de xarque, câmaras frigoríficas, fabrica de gelo, com todos os seus maquinismos pertencentes, acessórios, prédios de maquinas, oficinas, caldeiras, casa para almoxarifado, escritório, moradia do pessoal do estabelecimento, açougues, armazém de gêneros de primeira necessidade, escola cinematographo deposito de wagons e materiais, mangueiras para gado, balança para pesar gado vivo, currais, cercas e todos os demais bens e utensílios fixos ou não benfeitorias e acessórios que se acham no local” ⁸⁴

A empresa até então brasileira, mesmo que em proporções menores, já apresentava uma divisão em seu espaço produtivo que buscava acompanhar as novas tendências modernas e principalmente os frigoríficos estrangeiros.

A partir da venda, as notícias sobre a empresa na imprensa local não aparecem mais, o que dificulta entender quais os procedimentos foram tomados pela diretoria no período de 1923 a 1927. ⁸⁵

Por meio de propagandas, a empresa buscou a partir de 1927 se apresentar como grande e moderna:

“...na Argentina possui três frigoríficos...na China um frigorífico destinado a preparo de aves... possui depósitos de carnes em todas as principais cidades do mundo e é proprietária da “Blue Star Line”, linha de navegação transoceânica”⁸⁶

⁸³ Há informações de que a Companhia Frigorífica Pastoril havia sido vendida anteriormente à Companhia Mecânica e Exportadora. Jornal Cidade de Barretos 16/01/1919.

⁸⁴ O valor da venda foi de 4.568:540\$000 (quatro mil, quinhentos e sessenta e oito contos, quinhentos e quarenta reis).

⁸⁵ Há ausência de documentos da própria diretoria, que não foi possível localizar, visto que hoje a empresa foi vendida e provavelmente esse tipo de documento destruído.

⁸⁶ “Sobre o Frigorífico.” Jornal A Semana. 29/10/1927.

principais cidades do mundo e é proprietária da “Blue Star Line”, linha de navegação transoceânica”⁸⁶

Lobato ressalta o papel da propaganda publicitária para o sucesso da empresa, tanto no que se refere às vendas de seus produtos tais como patês, *corned beef*; a divulgação de valores como modernidade, eficiência, produtividade, racionalização e o prazer de uma mesa bem servida pela mulher moderna. Segundo a autora ainda as revistas especializadas na Argentina, converteram os frigoríficos em missionários da modernidade.⁸⁷ O mesmo ocorreu no caso da S/A Frigorífico Anglo, que conseguiu manter a imagem de empresa moderna e higiênica.

É por meio das fichas de operários, das plantas da empresa que percebemos que os primeiros anos foram utilizados para uma imensa reformulação, racionalização e modernização do espaço fabril pelos ingleses.

Os métodos empregados exigiram o recrutamento de mão-de-obra causando impacto na comunidade operaria ainda em formação “*A gerencia científica...significa um empenho no sentido de aplicar os métodos da ciência aos problemas complexos e crescentes do controle do trabalho nas empresas capitalistas em rápida expansão.*”⁸⁸

O início do século XX foi marcado por uma preocupação do mundo capitalista em organizar o processo de trabalho e ter um controle sobre ele. A fábrica racionalizada ou taylorizada representa uma “*fase de intensificação de práticas anteriores, instauração de práticas novas e universalização (a partir dos Estados Unidos) de tendências até então restritas.*”⁸⁹

⁸⁶ “Sobre o Frigorífico.” *Jornal A Semana*. 29/10/1927.

⁸⁷ LOBATO. *Op. cit.* P.75

⁸⁸ BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista – A Degradação do Trabalho no Século XX* Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p.82.

⁸⁹ MARSON, Adalberto “O Taylorismo e seus Artíficos”. ARAUJO, Ângela M.C. *Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997.

Commons⁹¹ diz que o melhor exemplo de indústria para se observar a engenhosidade da divisão do trabalho é a indústria frigorífica. Segundo ele, havia uma grande divisão por especialidades de desempenho de tarefas e por consequência uma grande divisão também nos valores pagos de acordo com a tarefa desempenhada nos frigoríficos. Quando o trabalho pode ser separado ou dissociado é possível pagar um preço bem menor ao trabalhador (princípio de Babbage).⁹² Se utilizarmos como exemplo o setor de descarnação do frigorífico Anglo podemos perceber que, tratando-se de uma seção de importância dentro da empresa, (responsável pela divisão da rês em partes) havia nesta mesma seção trabalhadores que recebiam salários bem diferentes: entre 110 operários 60 deles recebiam entre 200 a 500 reis hora; 20 recebiam 600 a 900 reis hora e 30 recebiam acima de 1000 reis hora, o que demonstra uma variação de valores pagos em uma mesma seção.

Na avaliação de Marson, o Taylorismo foi um método amplo, vitorioso mas também ambíguo como forma de controle social. Suas origens são do sistema de fábricas na Inglaterra e depois na fábrica racionalizada dos Estados Unidos. Era “...considerado base formadora das soluções administrativas do século XX...”⁹³ Suas regras eram capazes de receber diferentes adaptações por isso a idéia entre alguns autores de que o taylorismo existiu em todos os lugares e nunca existiu. Pode ser visto como “uma unidade de poder que exercia um efeito irradiador por todo o conjunto”.⁹⁴ Como resultado das aplicações do método de Taylor o autor diz que empresários e dirigentes alegavam que tal método trazia para o interior da fábrica discórdia entre os operários e

“ Não há duvida de que parte significativa dos fracassos decorreu da resistência de setores organizados de trabalhadores qualificados, por meio de boicotes, sabotagens, paralisações, insubordinações e greves, que podiam afetar empresas e setores inteiros, durante períodos prolongados”⁹⁵

⁹¹ COMMONS, J. R. apud BRAVERMAN Op. Cit. P.78

⁹² Sobre o princípio de Babbage ver Braverman p. 77.

⁹³ MARSON. Op. cit. P. 154.

⁹⁴ Idem. P. 154.

⁹⁵ Idem. P. 159

todo o conjunto”.⁹⁴ Como resultado das aplicações do método de Taylor o autor diz que empresários e dirigentes alegavam que tal método trazia para o interior da fábrica discórdia entre os operários e

“ Não há duvida de que parte significativa dos fracassos decorreu da resistência de setores organizados de trabalhadores qualificados, por meio de boicotes, sabotagens, paralisações, insubordinações e greves, que podiam afetar empresas e setores inteiros, durante períodos prolongados”⁹⁵

A reação também vinha de funcionários encarregados de seções que se sentiam ameaçados por sua desqualificação frente a peritos e contramestres. Ainda depois de 1930 e até os dias de hoje, há estratégias de trabalhadores, tais como limitação de produção, desperdício, baixo rendimento e desmotivação, demonstrando que o taylorismo foi posto em prática mas não da forma como seu criador imaginou. Certamente uma das resistências partiu do operariado.

Entre os operários do frigorífico Anglo no período estudado, partindo das anotações das fichas de registros observamos que: em 1769 casos, aproximadamente 10% apresentam anotações de algum tipo de contestação que os levou a demissão. O abandono do trabalho foi considerado uma contestação, visto que é uma forma de não concordância com as normas por algum motivo, inclusive às novas formas adotadas pela empresa. Muitos dos casos de abandono referem-se a pessoas que passaram poucos dias na fábrica, o que pode representar uma decepção com as duras condições de trabalho que oferecia o frigorífico.

Os termos utilizados são variados e procuramos preservá-los com a finalidade de ser o mais fiel possível aos diferentes apelos utilizados pela empresa para identificar os demitidos.

Demitido por ser Comunista 01 ; demitidos por ameaçar o companheiro no trabalho 02 ; por falta de assiduidade 02 ; por ameaçar a Companhia na justiça 02 ; por violência no local de trabalho 02; demitidos por malandragem: 05 ; demitidos por greve 09 trabalhadores, todos pertenciam ao

⁹⁴ Idem. P. 154.

⁹⁵ Idem. P. 159

negociação, identificando desde o paternalismo até a racionalização, com combinações específicas de negociações coletivas, bem estar industrial e métodos científicos.⁹⁷

Essa forma de administração pode ser constatada na empresa Anglo de Barretos, reorganizada por ingleses. A permanência e ampliação da vila operária, o oferecimento de serviços básicos aos trabalhadores próximo ao ambiente de trabalho e sob a responsabilidade da fábrica, é forma de um grande controle social e ao mesmo tempo vista como uma certa comodidade pelos operários que certamente os atraía e os mantinham em contato com a fábrica.⁹⁸ Ao que parece esta é uma característica da empresa inglesa. Como salientou um alto funcionário da empresa, por época da greve de 1931, com relação aos salários pagos:

“... não é maior o salário que a “Continental” e a “Armour”, concorrentes da “Anglo”, pagam a seus operários sem lhes dar entretanto, certas vantagens que a “Anglo” dá aos seus: habitação gratuita em boas casas, junto ao estabelecimento, médico e farmácia”.⁹⁹

Com as informações do registro de imóveis na época da venda da empresa, 1923, é possível estabelecer um paralelo com a planta da indústria em 1937 para avaliar neste período de 14 anos as modificações estruturais que ocorreram na fábrica.

A estrutura da fábrica isolava as diferentes seções, conhecendo o espaço fabril, percebemos que havia e há até hoje, muita dificuldade na comunicação entre os trabalhadores o que

⁹⁷ Idem. P. 173

⁹⁸ Essa “proteção” possibilitava que mesmo demitidos em épocas de baixa produção, os trabalhadores permanecessem próximos a empresa.

⁹⁹ “Movimento Grevista no Frigorífico Anglo”. Editorial do Jornal A Semana . 25/01/1931..

evidentemente dificultava uma organização dos operários, já que passavam grande parte de seu dia no interior da fábrica, além de outros fatores como já observados por Lobato como os diferentes idiomas falados .

É possível perceber em termos de estrutura de construção da fábrica, a utilização de três pisos em parte dos edifícios (anexo I). Em cada edifício eram desenvolvidos determinada etapa da produção¹⁰⁰ e cada um poderia se diferenciar em quantidade de pisos do outro. Era utilizado a gravidade e o sistema de roldanas para facilitar o desenvolvimento das atividades. Observando os departamentos, percebemos que a utilização dos sub-produtos era parte importante da fábrica e podemos nos orientar por publicação feita em 1941, quando pecuaristas brasileiros, na ânsia de nacionalizar os frigoríficos, destacam nos *Anais* de seu Primeiro Congresso Pecuário, um esquema modelo, de autoria do químico industrial Dr Gustavo Sciullo e publicado na *Revista Brasileira de Química*, numero 56, (anexo 4) o qual deveria ser implantado regionalmente, apontando as possibilidades de aproveitamento total da rês. Comparando o esquema proposto com as funções exercidas no interior da fábrica, podemos observar que, nem todas as possibilidades de aproveitamento da matéria-prima eram levadas a cabo pela “moderna indústria”. Exemplo: não identificamos nenhuma seção onde pudesse ser produzido instrumento musical ou material esportivo.¹⁰¹ É interessante observar a utilização de grande quantidade de substâncias químicas para a transformação dos sub-produtos.

¹⁰⁰ 1. Edifício do charque: neste espaço eram armazenados ossos no piso superior, no primeiro piso localizava-se a salsicharia e no porão salga e empilhamento. 2. Edifício de Conservas: enlatamento no piso superior, conservas e cozimento no segundo piso, departamento de enlatados no primeiro piso, no porão a incubação e na base extrato. 3. Edifícios de Sub-produtos; 4. Edifício do Sebo; 5. Ga Piso (óleo purificado) e 6. Cutelaria; 7. Óleo e Banha; 8. Depto do Porco; 9. Forno; 10. Câmaras de refrigeração; 11. Matança; 12. Salas de resfriamentos; 13. Armazenagem de gelo; 14. Sala de maquinas; 15. Oficina mecânica; 16. Fumilaria; 17. Caldeiras; 18. Almoxarifado; 19. Carpintaria; 20 Serraria; 21. Oficina de eletricidade; 22. Tanoaria; 23. Depto de chifres e cascos; 24. Galpão dos vagões; 25. Departamento de quartolas de sebo.

¹⁰¹ O esquema apresenta um aproveitamento do gado desde uma purificação das águas residuais, o sangue, todos os órgãos e glândulas, material condensado.

A contratação de pessoal, ligado à transformação de sub-produtos demonstra a importância do setor para a fábrica juntamente com as seções responsáveis pelo resfriamento da parte nobre do boi e conservas, as últimas diretamente ligadas às exportações.

**TABELA I,
CONTRATAÇÕES CARGOS POR ANO - INDÚSTRIA FRIGORÍFICA ANGLO DE
BARRETOS (1927-1935)**

19..	27	%	28	%	29	%	30	%	31	%	32	%	33	%	34	%	35	%
CARGOS																		
Pedreiro	6	11*	1	10*	19	17*	16	6.5	20	13*	5	7.3	1	4	1	3	2	2.3
carpinteiro	7	13*	1	10*	5	4.5	17	6.9	13	8.6	3	4.4	0	-	1	3	0	-
Mecânico	1	1.9	1	10*	9	8	10	4	4	2.6	2	2.9	0	-	1	3	3	3.5
Grax.	1	1.9	0	-	10	9	13	35.3*	2	21.3*	6	68.8*	0	-	6	6	1	1.1
Tripária	8	15*	0	-	31	28*	53	21.8*	22	14.6*	10	14.7*	2	8	7	21*	8	9.4
Conserva	0	-	0	-	1	0.9	63	25.9*	23	15.3*	10	14.7*	7	28*	9	27*	33	38.8*
Xar-que	5	9.8	0	-	4	3.6	10	4	28	18.6*	10	14.7*	4	16*	2	6	17	20*
Câmara	5	9.8	0	-	1	0.9	16	6.5	0	-	5	7.3	0	-	0	-	0	-
Matança	13	25*	2	20*	23	21*	26	10*	2	1.3	9	13.2*	8	32*	5	15*	4	4.7
Des-carn.	5	9.8	5	50*	17	15.5	19	7.8	36	24*	8	11.7*	3	12*	5	15*	17	20*
Total	51		10		110		243		150		68		25		33		85	

Total de Casos = 1769

Casos Considerados= 785

% feita sobre contratações no ano.

Obs. Total de Contratações por ano: 1927 = 245; 1928 = 332; 1929 = 231; 1930 = 330; 1931 = 212; 1932 = 93; 1933 = 42 ; 1934 = 51; 1935 = 125.

As modificações iniciam-se na década de 1930, o que sugere nova tendência de produção para a empresa. É perceptível uma preocupação a partir desse momento com os cargos ocupados que até então não eram bem determinados.

Embora tenha havido em 1928, 332 (trezentos e trinta e duas) contratações, apenas 10 (dez) ou seja 3% tinham um cargo definido dentro da empresa. Esse quadro começa a mudar a partir de 1929 quando se inicia um aumento das definições dos cargos a serem ocupados pelos trabalhadores e nos anos 1930/1931 há em média de 70% dos casos de operário que ocupam cargos na empresa. Junto a esse dado percebemos também uma grande preocupação com a contratação de operários no

setor de triparia e conservas bem como operários para o setor de graxaria responsável pelo aproveitamento de sub-produtos. O estímulo a determinado setor de produção acompanhava as possibilidades de consumo principalmente externo.

As experiências na Argentina, verificadas por Lobato demonstram que a intensidade do trabalho “*variavam de acordo com as necessidades econômicas e políticas da empresa*”.¹⁰² As novas máquinas e a não necessidade de qualificação no espaço fabril, barateavam a mão-de-obra. O trabalho em várias etapas permitia a contratação de trabalhadores inexperientes.

“ A organização do trabalho na Swift e Armour se baseava no sistema de *trolley* que acelerava as tarefas e dava continuidade aos processos em uma indústria onde era fácil suprir o trabalho humano. Os guinchos e os motores elétricos eram os elementos chave na matança... o uso de planos inclinados, o deslocamento dos elementos em lugar da mobilização dos homens eram princípios do trabalho no setor frigorífico. A simplificação das tarefas e a medição do tempo empregado também.”¹⁰³

Hoje a área construída da empresa é de 64.919,52 metros, 13,78 hectares. A constante reformulação¹⁰⁴ pela qual passavam os edifícios da indústria frigorífica Anglo, nos impede de com segurança reconstituir as delimitações de tal área e contribuiu para as dificuldades em se encontrar algum depoente que pudesse descrever o espaço interno da fábrica.

Os registros de operários demonstram a possibilidade da existência de 66 (sessenta e seis) cargos¹⁰⁵ no espaço fabril, os quais não estão obrigatoriamente ligados às transformações diretas do produto, mas sem as quais não seria possível o funcionamento da fábrica. É o caso daquelas funções ligadas a manutenção, limpeza, segurança, construção e transporte.

¹⁰² LOBATO. Op.Cit p. 206

¹⁰³ Idem.

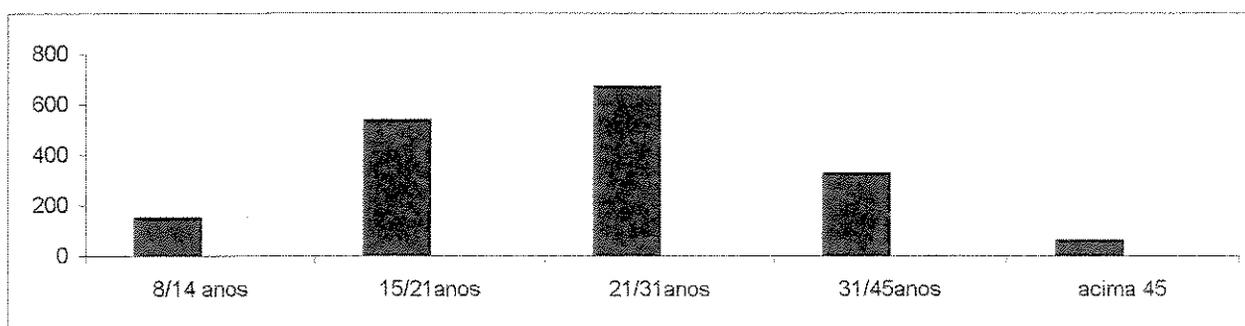
¹⁰⁴ É possível sustentar essa afirmação se percebermos a proporção de trabalhadores ligados a construção que permaneciam na empresa

¹⁰⁵ É preciso considerar que, às vezes havia mudança no nome do cargo e pode ocorrer do desempenho de determinada função aparecer com dois nomes diferentes. Isso não era comum, mas optamos por agregar os casos ao que nos pareceu mais coerente.

Um primeiro grupo seria o da construção civil e manutenção das máquinas. A reforma e as novas construções no espaço fabril do frigorífico nos parece ter sido constantes ao observarmos a quantidade e a permanência dos operários ligados à construção civil na fábrica. Em 1769 casos entre os anos de 1927 a 1935, ou seja em 9 anos 8.7% dos cargos ocupados, estão ligados ao setor de construção civil (154 operários).

Ligados ao setor metalúrgico e mecânico constam no mesmo período e quantidade de casos, 55 operários, representando 3.1% do total. Ou seja 11.8% dos trabalhadores na fábrica estavam ligados ao setor de construção e manutenção do prédio ou das máquinas. Os trabalhadores desses setores, considerados em sua maioria especializados, recebiam salários acima da média da fábrica e era comum criança menor ser inserida como aprendiz, desde que houvesse um responsável por ela dentro da empresa.¹⁰⁶ Em média a empresa mantinham 10% de menores de 14 anos em seu quadro de operários e 30% pertenciam à faixa etária entre 15 e 21 anos de idade.

GRÁFICO I
MÉDIA DE IDADE DOS OPERÁRIOS DO FRIGORÍFICO ANGLO BARRETOS -
1927/1935



FONTE: Arquivo de registro de operários do Frigorífico Anglo de Barretos.

¹⁰⁶ A informação da necessidade de um responsável dentro da fábrica para os menores empregados nos foi dada pelo Sr. Bolis Petrusanis. (entrevista em 02/1999.)

Em outro grupo agregamos os setores que trabalhavam diretamente com o resfriamento e conservação da carne. Optamos por subdividimo-los em 3 sub-grupos: seções ligadas à refrigeração, que incluem desde a matança até o resfriamento da carne, ou seja matança, descarneação e câmaras frias; seções ligadas à conservação da carne e transformação de sub- produtos e seções ligadas ao empacotamento dos produtos.

O primeiro é responsável por 264 cargos no período acima citado representando 14,9 dos trabalhadores na fábrica. Neste grupo encontram-se os operários da matança que poderiam ser remunerados por produtividade, por animal abatido, os das câmaras frias que normalmente eram ocupados por estrangeiros e que recebiam um salário acima da média devido à insalubridade do local, que apresentava baixas temperaturas.

No segundo sub-grupo encontramos as seções de conservas que representavam na fábrica 523 cargos, 29,5 % do pessoal ocupado. Neste grupo incluímos as seções responsáveis pela transformação dos sub-produtos, que empregavam número considerável de operários e caracterizava-se pela insalubridade do ambiente de trabalho, tal como a graxaria, onde eram aproveitados os ossos e o sangue dos animais e que segundo depoimentos de ex-operários¹⁰⁷ causavam problemas pulmonares nos trabalhadores.¹⁰⁸ Também neste grupo incluímos os trabalhadores com charque e com o couro dos animais, demonstrando que diferente dos dias atuais, o couro era trabalhado na própria fábrica e não entregue a curtumes¹⁰⁹ e o charque mesmo com a modernização da empresa, ainda era produzido.

¹⁰⁷ D. Hilda filha e esposa de ex operários contou-nos que “trabalhar na graxaria(onde seu marido havia) era o ultimo lugar desejado. Embora não houvesse um controle rígido do trabalho no local, permanecer naquele local implicava em ter a saúde comprometida, tanto que era necessário beber muito leite” (Entrevista realizada em 07/2001).

¹⁰⁸ Visitamos parte dessa seção porque não nos foi permitido visitá-la por inteiro. Ainda hoje é considerada a pior seção para se trabalhar. Caracteriza-se pela escuridão ambiente, mal cheiro e temperatura elevada.

¹⁰⁹ A secagem do couro era feita em varais conforme fotos . Meninos (segundo depoimento do sr.B.P), eram contratados para cuidar de espantar os pássaros que eram atraídos pelo mal-cheiro que causavam não só na seção de couros. Contraditoriamente, uma empresa moderna e higiênica, não conseguia resolver esse problema.

operários neste setor nos faz entender que as conservas produzidas pela empresa, em sua maioria não dependiam das embalagens de materiais similares ao alumínio, hoje confeccionadas na estamperia¹¹⁰. Se observarmos a quantidade específica de operários na seção denominada triparia, ligada ao preparo de matéria-prima para acondicionar embutidos como a salsicha, veremos que este setor dominou neste período a produção de carnes em conservas. Havia também grande utilização de caixas e tonéis de madeira produzidas na própria empresa e utilizada para o transporte dos produtos salgados para o exterior.

Em um terceiro grupo, estão os cargos de chefia, com diferentes denominações: Capataz, Apontador, Inspetor, Fiscais, Encarregados. Representam no período apenas 0,62% dos cargos ocupados, (11 trabalhadores) o que consideramos insignificante para o total de operários que a fábrica empregava, o que nos leva a considerar a possibilidade desse grupo de trabalhadores não receber o mesmo tratamento com relação às medidas legais para contratação. A proximidade com os diretores da empresa, via de regra ingleses, certamente isentava o cumprimento das exigências da admissão e, os casos existentes podem ser exceções. Observamos também que para se tornar um “chefe de seção” não se exigia nenhuma diferenciação de qualificação dos outros operários.

Agrupamos em um quarto grupo, os trabalhadores de escritório, manutenção da limpeza, transporte, e vendas. Mesmo não pertencendo a seções comuns, são de numero reduzidos. Representam no período 4,1 % num total de 73 operários, sendo que os escriturários e os trabalhadores do almoxarifado são em maior número, o primeiro com 27 e o segundo com 14 cargos ocupados.

¹¹⁰ Em nossa visita a esse setor da empresa, nos surpreendemos com a poluição sonora no local. Segundo informações, as máquinas utilizadas ainda hoje nesse setor datam do início da década de 1930, e são procedentes de Chicago. Se hoje os operários tem um certo cuidado com sua audição, não se pode afirmar que isso tenha ocorrido no início da empresa, tornando-se um ambiente desagradável e certamente prejudicial aos trabalhadores.

E por fim, o grupo de maior peso. Os trabalhadores da empresa que não recebem função específica. É preciso considerar que, este tipo de contratação foi feita nos primeiros anos da S/A Frigorífico Anglo entre os anos de 1927 e 1930, quando raros eram os cargos definidos dentro da empresa. Os não “qualificados” representavam 36,7% (650 casos) no período do total de pessoal empregado. Além de confirmar a idéia da não qualificação dos operários do frigorífico, o fato demonstra que não tendo um lugar fixo dentro da empresa, esse trabalhador poderia desempenhar o papel que fosse necessário naquele momento.

2- A Vila Operária- Segurança, Premiação ou Disciplinarização?

Lopes diz que a “liberdade” do trabalhador tal como Marx definiu como “livre,” enquanto dono de sua força de trabalho e também “livre” enquanto, despossuído dos meios de produção, traz em si também a liberdade de ir e vir.¹¹¹

Em contrapartida observa-se

“...setores determinados de trabalhadores industriais imersos em uma situação onde a própria fábrica é proprietária das casas em que moram seus operários e é promotora da vida social extra fabril da localidade”¹¹²

Tal situação pressupõe relações específicas, diferentes daquelas existentes onde não há a dependência do fator moradia na relação trabalhador-empresa. Mesmo que não esteja explícita obrigações do trabalhador-morador com a empresa - proprietária, há ações e reações de ambas as

¹¹¹ LOPES, Jose Sergio L. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe “Cidade das Chaminés”*. São Paulo: Marco Zero, 1988. p. 17.

¹¹² Idem

partes que levam em consideração essa dinâmica das fábricas com vilas-operárias. Estas não são mais do que

“...uma configuração de uma estrutura de relações sociais de dominação dentre outras configurações possíveis no interior do modo de produção capitalista e no interior do conjunto de relações entre a classe operária e o patronato, do ponto de vista da reprodução do capital...”¹¹³

A fábrica dominava a força de trabalho reforçada pelo oferecimento de moradia, bens de consumo, atividades religiosas, recreativas, médicas e de segurança.

Antonio Prado, em 1913, já iniciou o frigorífico destinando uma área para casas de trabalhadores. Essa prática foi adotada também pelos ingleses depois de 1923 e numa proporção sem precedentes. As casas não ocupavam apenas os arredores da fábrica, seu conjunto alongava-se por toda a região do frigorífico. Pertenciam à empresa.

Havia uma divisão entre as casas que reproduzia o espaço fabril, ou seja os trabalhadores eram separados em suas casas pelos cargos que ocupavam na empresa ¹¹⁴. Por volta de 1950, havia na vila cinco tipos de casas diferentes, de A a E, (anexo 3) classificadas de acordo com o conforto que oferecia e destinada a diferentes cargos ocupados. Por essa época, considerando a planta da localidade é possível enumerar mais de 300 casas¹¹⁵ mas sabemos que havia mais casas em regiões mais afastadas da fábrica. (anexo 2).

Ainda respeitando o critério de direito conforme o cargo ocupado na empresa, as casas podiam ser de madeira ou alvenaria, podiam ser geminadas e muitas mal divididas, exemplo a tipo

¹¹³ Idem

¹¹⁴ Idem p. 176

¹¹⁵ Segundo dados do IBGE em 1940, a área do frigorífico era considerada um distrito de Barretos juntamente com Itambé e Laranjeiras. Moravam neste distrito 4685 pessoas. Em sua área urbana 438: sendo 229 homens e 209 mulheres, na área sub urbana 89 pessoas, sendo 39 homens e 50 mulheres e na área rural 4160 pessoas, sendo 2278 homens e 1880 mulheres.

D, a localização também era definida de acordo com o cargo (apresentar croqui de uma casa). Havia água encanada, mas a energia elétrica que “*existia até nos chiqueiros dos porcos*”¹¹⁶ só chegou aos moradores na década de 1950.

No entanto, a empresa cuida a partir de 1927 de elevar seu nome e as vantagens em se tornar um trabalhador da indústria frigorífica de Barretos por meio de propagandas divulgadas na imprensa local, tornando-se a moradia um atrativo primordial:

“Aos empregados, em número de 830, inclusive administração e operários fornece a companhia boas casas de moradia, 200 casas e 50 para ser iniciada a construção com água, luz, esgoto gratuitamente. Diversão para os mesmos é também levada em consideração com cinema, campos de futebol e tênis etc. Junto ao estabelecimento há também uma farmácia anexa a um posto de assistência médica, com sala de curativos, perfeitamente instalada e com hábil enfermeiro sempre à disposição para atender qualquer acidente. Mantém também a Companhia um médico residente na Vila do Frigorífico”.¹¹⁷

Eram evidentes também as diferenças na vida social dos trabalhadores da empresa. Alguns jogavam *golf* com os ingleses da diretoria, meninos que carregavam os tacos do jogo, inevitavelmente aprendiam o idioma do patrão, os que jogavam tênis e os que jogavam futebol,¹¹⁸ este usado como forma de “reapropriação de tradições nacionais” (Lopes 1986), os que freqüentavam os bailes e as casas dos chefes e as mulheres que lavavam, passavam, cozinhavam, costuravam e penteavam nas casas dos diretores ingleses.¹¹⁹

O barracão dos solteiros”, como era chamado popularmente, era literalmente um barracão, composto de quartos e banheiros onde se acomodavam homens solteiros que chegavam.

¹¹⁶ DIAS, Eduardo. *Um Imigrante e a Revolução – Memórias de um Militante Operário 1934-1951* – São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹¹⁷ “Sobre o Frigorífico”. *Jornal A Semana* – 29/10/1927

¹¹⁸ Segundo depoimento de um inglês Mr. D.H. nos jogos de futebol tudo era deixado bem claro: as regras do jogo deviam ser obedecidas a partir da ordem dos ingleses. No futebol, os ingleses tinham livre acesso, diferente dos operários em geral com relação ao *golf*. (entrevista realizada em 06/1999)

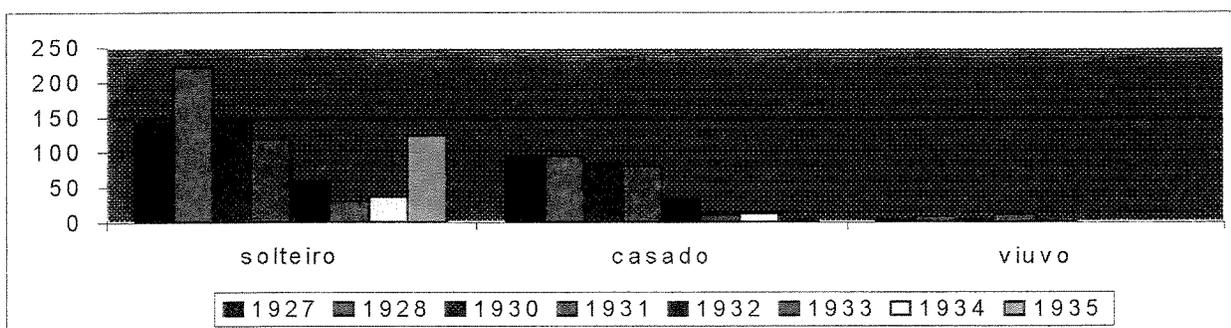
¹¹⁹ Essas informações foram colhidas ao longo de discursos diversos de antigos operários e nos possibilitou construir essa imagem do cotidiano dos moradores da vila operária.

O clube dos operários era um e dos ingleses outro, em espaço completamente diferente. As casas dos diretores da empresa, (ingleses) até hoje, chamam a atenção. À distancia se avista um belo campo de *golf*, que pertencia ao clube de *golf* da Companhia, fundado em 1937, com o nome de Anglo Golf Club¹²⁰.

Criou-se no ambiente, uma evidente divisão, que ultrapassava a fábrica, se reproduzia no lazer e nas moradias. (anexo 2).

Não havia segundo os operários, necessidade de vida independente fora do espaço da vila operaria. Criou-se o “mito” entre os moradores de que não era preciso sair dali para nada¹²¹. Ali os mais antigos procuravam casamento para os filhos. Os filhos logo com 12 ou 14 anos iam para a fábrica como aprendiz...¹²² o bairro frigorífico era “uma cidade”, não era preciso sair dali para sobreviver¹²³.

GRÁFICO II
RELAÇÃO ESTADO CIVIL E CONTRATAÇÃO/ANO NA INDÚSTRIA
FIGORÍFICA ANGLO – 1927/1935



FONTE: Arquivo de registros de operários do Frigorífico Anglo de Barretos.

¹²⁰ GONZALEZ, Mario. *Golf no Brasil*. Rio de Janeiro: B. Borges Edições, 1987. apud SILVA *op. cit.* p. 101

¹²¹ Segundo ex moradora era comum dizer-se: “vou a Barretos”, como se o frigorífico fosse parte independente do município. (D. Mirian)

¹²² Em estudo dedicado aos operários da Usina de açúcar nordeste, Lopes assegura que a utilização da mão de obra dos próprios filhos dos operários criou uma “superpopulação” de trabalhadores reservas.

¹²³ Em estudo dedicado aos operários da Usina de Açúcar nordeste, Lopes assegura que a utilização da mão-de-obra dos próprios filhos dos operários criou uma “superpopulação” de trabalhadores reservas.

Se os solteiros ocupavam os barracões, isso não era privilégio deles, também famílias que chegavam e não tinham onde ser acomodadas permaneciam nesses locais: “*Os lituanos eram tão sérios que as famílias moravam todas juntas em um barracão sem nenhum tipo de divisão sem problema algum*”¹²⁴. Segundo depoimento¹²⁵, quando os lituanos chegaram, por ser em grande número, não havia acomodações prontas, posteriormente a firma forneceu material e eles construíram um barracão onde misturavam paredes de madeira, tijolos e zinco e lá acomodaram suas famílias. As casas de má qualidade e improvisadas podem ser comparadas aos depósitos citados por Lopes (1986), com a diferença da não separação dos elementos da mesma família, como ocorria em Vila Paulista. Segundo este autor havia um processo contínuo para a chegada do trabalhador a fábrica: primeiro o “desnudamento” ou desligamento das condições anteriores de existência, a seguir o aliciamento revestido de mitos com relação as condições de trabalho na fábrica¹²⁶, a passagem pelo “depósito,” moradia coletiva, onde as famílias eram separadas por sexo e que era a finalização do desnudamento, a teatralização a que eram submetidos os trabalhadores na hora da contratação diante do patrão e a apresentação a um “*ambiente hostil físico e disciplinar*” na sua entrada na fábrica. Antes da última fase o trabalhador recebia as chaves de sua casa, podendo juntar sua família novamente sob o mesmo teto. O episódio das casas, o aliciamento (sobre qual falaremos mais adiante) tanto em Paulista, como em Barretos tem muito em comum. Entre a década de 1960/1970, os operários de Paulista reivindicaram na justiça o direito as casas da vila:

“A maioria destes operários conseguiu então a propriedade da casa da vila operária como parte de indenização trabalhista devida através de acordo coma a CPT, apropriando-se de direito da vila operária pela qual

¹²⁴ Depoimento do Sr. I.K em 01/2002

¹²⁵ Depoimento de D. Maria de Jesus em 01/2002

¹²⁶ Lopes diz que era possível aos trabalhadores confirmar as invenções de que utilizavam os agentes na busca de trabalhadores, mas estes por motivos vários não o faziam; compactuando com o processo de aliciamento que envolvia a companhia, o agente e o trabalhador.

vinham lutando desde o final dos anos 40 contra o monopólio territorial de fato da companhia...¹²⁷

Em Barretos, por volta de 1960/70, as casas foram destruídas pela empresa. Restaram apenas algumas que foram transferidas a operários como indenização. Considerando haver pouca informação por parte dos entrevistados quanto às explicações relativas ao fato, entendemos que esse processo foi semelhante ao ocorrido em Paulista. Lopes observa que na Companhia de Tecidos Paulista, com relação às casas dos operários:

“... na conjuntura repressiva pós 64 e instrumentalizada pelo FGTS e o fim da estabilidade daí decorrente, a CTP processa uma ofensiva contra os “estabilizados”, que tem conseqüências sobre a propriedade das casas da vila operária-a companhia mantém sob seu estrito controle a cidade criada “em anexo” às duas fábricas.”¹²⁸

Em Santana do Livramento, na Armour, onde o predomínio era de capital estadunidense, apenas os operários permanentes recebiam casas para morar enquanto os outros contratados na safra recebiam o terreno para construir suas casas¹²⁹ normalmente em terrenos do município.

Em um outro período, no frigorífico Anglo de Pelotas a partir de 1943, quando a fábrica daquela cidade volta às suas atividades depois de paralisada em 1926, percebemos que a postura adotada também foi o não comprometimento com casas para operários da fábrica, conforme nos relata Silva a respeito do Bairro da Balsa¹³⁰. Tal procedimento pode ser explicado por trecho de depoimento de antigo operário do frigorífico Anglo de Barretos:

“...o frigorífico começou a construir casas para os operários, mas chegou a um ponto que não deu mais. Os operários moravam na casa e não queriam sair mais, só judicialmente. Eu podia não sair porque eu ganhei a

¹²⁷ LOPES. Op Cit. P.25.

¹²⁸ LOPES, Jose Sergio Leite Lopes. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés* – São Paulo: Marco Zero, 1988. p. 163

¹²⁹ ALBORNOZ, Vera do P.L. *O Frigorífico Armour na Fronteira Sant'ana do Livramento- Riviera*, Dissertação apresentada à PUC R/S. Porto Alegre:1997, p 129.

¹³⁰ SILVA, Neuza R.J. *Entre os Valores do Patrão e os da Nação, como Fica o Operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas:1940-1970)*, dissertação de Mestrado Apresentada a PUC R/S, Porto Alegre:1999.

casa mas acontece o seguinte eu ganhei falado, não por escrito então eles podiam me mandar embora.¹³¹

Silva¹³² analisando a vila da Balsa nas imediações do Frigorífico Anglo de Pelotas, salienta que o fato de não se oferecer casas aos operários esta ligado as novas tecnologias por consequência do menor número de trabalhadores necessários e qualificados, maior oferta de mão-de-obra resolvida pela imigração por volta dos anos 30 .

Mas o trabalho nos frigoríficos mesmo com os avanços tecnológicos, empregavam uma grande quantidade de operários, necessários ao desempenho de atividades que dependiam de formas manuais de produção e pouca especialização.

Havia uma atitude dúbia dos dirigentes do Frigorífico Anglo de Pelotas e do Frigorífico Anglo de Barretos, ambos de propriedade do mesmo grupo. Ao que parece houve por parte da direção do Frigorífico Anglo de Pelotas, a intenção do não comprometimento com os trabalhadores, visto que havia a possibilidade dos operários reivindicarem as casas como sua propriedade, como no caso por exemplo da Vila Paulista no Recife, onde isso já ocorria desde a década de 1940.

Constatamos que a década de cinquenta aglutinou mais de 300 casas no bairro do frigorífico em Barretos, sem considerar aquelas espalhadas ao redor que não aparecem na planta da vila. A atitude dos operários em reivindicarem direitos sobre as casas em Barretos parece ser característica das décadas de 1960/1970 , o que não significa que anteriormente não tenha havido problemas entre a empresa e trabalhadores, exercendo assim um fator de pressão não só para a não construção de mais casas, como para a destruição das que existiam.

O receio de ter que ceder tamanho espaço definitivamente aos operários, levou-os a demolir as casas. Os materiais foram transportados pela empresa, para aqueles que possuíam um terreno para reconstruir sua casa.

¹³¹ Bolis Petrusanis – entrevista realizada em 02/1999.

¹³² SILVA .Op. Cit: 14.

Dos despejados da vila operária, do frigorífico, novos bairros foram ocupados. No entanto, eles guardam lembranças coletivas desse ambiente e procuram se reunir sempre que possível, quer em momentos de dor como na morte, quer em festas, organizadas¹³³ quando podem recordar. São boas lembranças, mas também sofridas e lendárias.

Entre as “historias” que se contam do frigorífico escolhemos algumas para esse espaço: segundo operários, o primeiro boi abatido teria permanecido congelado pelo menos até o cinquentenário da empresa que ocorreu em 1974.¹³⁴

Esta ligada ao imaginário religioso, conta que em dia de sexta-feira santa não era guardado o feriado, e que certa vez nesse dia, ao abater uma vaca esta teria caído “de joelhos” e mantido os olhos lacrimejando. A partir dessa data não houve mais abates na sexta-feira santa¹³⁵.

Uma que nos parece mais concreta é a fuga de bois, que não teriam sido corretamente abatidos, conseguindo se safar da seção de abate e adentrando pelos corredores da empresa causavam tumultos e ferimentos nos trabalhadores, que esperavam o boi morto e ele investia bem vivo contra os mesmos, ou quando a boiada estourava antes da chegada ao matadouro e causava estragos nas casas e nos quintais próximos da “estrada boiadeiro”, caminho de passagem da boiadas.

136

Com tudo isso, os antigos operários relatam lembranças de um bom lugar, de uma grande família, de um local protegido. Local onde havia inclusive uma cela onde eram presos até mesmos os operários que saíam com “muambas”¹³⁷ e também as prostitutas que por lá se aventuravam¹³⁸.

¹³³ Há quatro anos, Mesquita, filho de ex operário e também ex operário, organiza encontro de antigos trabalhadores que vem de diferentes partes do país para relembrar os tempos idos da fábrica.

¹³⁴ Entrevista realizada com Sr. Amâncio em 09/2003.

¹³⁵ D. Anelia Mince entrevista realizada em 07/1999.

¹³⁶ D. Hilda entrevista realizada em 07/2001

¹³⁷ muambas eram o produto de roubos dentro da fábrica, coisa corriqueira na indústria.

¹³⁸ Há nesse sentido uma contradição entre dois depoimentos: um de uma mulher, vizinha da cadeia que dava alimento para quem era preso e que afirma que as prostitutas presas eram de Barretos, outra que afirma que os ingleses não permitiam de forma nenhuma a presença “dessas mulheres na vila.”

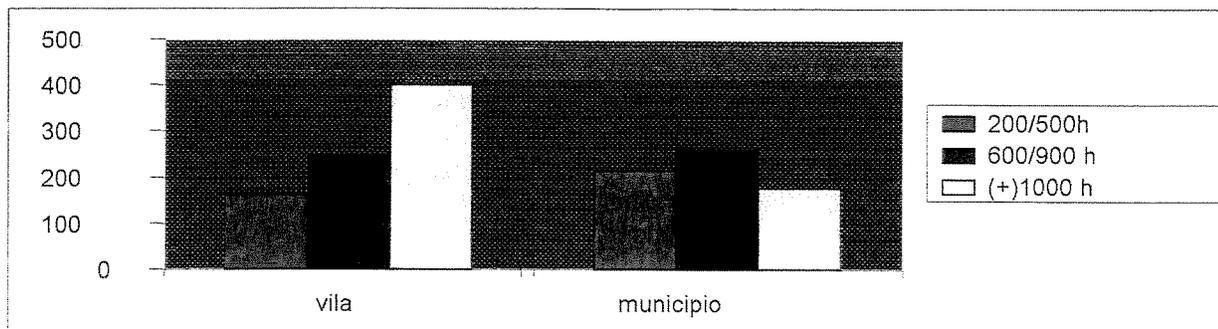
Segundo os antigos moradores, não havia roubo nas casas (os furtos eram feitos pelos operários dentro da própria fábrica, entre esses roubos incluem-se a alimentação em horário de trabalho), “*podiam dormir de janelas abertas*” (se assim for a cela era para os próprios operários), além da imagem de higiene e modernidade que a empresa construiu na lembrança da maioria dos que dedicaram seu trabalho à empresa. É evidente no discurso dos antigos operários o agradecimento aos antigos patrões, paternalistas.

Todas as histórias são contadas com emoção e fazem parte de um rico acervo da memória popular que certamente merece maior atenção e cuja recuperação é parte importante do patrimônio da história do município.

Embora no espaço da vila operária houvesse diferenças de níveis salariais e de moradia, percebemos que entre os operários que moravam na vila e os que moravam no município havia também uma variação. O gráfico abaixo demonstra que moradores na vila operária recebiam um salário superior aos que moravam no município. A maior faixa de salário era paga aos que residiam na vila e o número de empregados nesta faixa também era maior.

Além da moradia, um salário maior também era atrativo para se permanecer na vila operária.

GRÁFICO III
NÍVEL SALARIAL POR RESIDÊNCIA – RELAÇÃO ENTRE RESIDÊNCIA E VALOR DO SALÁRIO PAGO



FONTE: Arquivo de registro de operários do Frigorífico Anglo de Barretos.

Outra questão observada é o estímulo a religiosidade. Igrejas Católica e Presbiteriana dividiam o espaço onde se configurava a vila operária. Desde os primórdios da indústria Anglo, missões de padres católicos, eram enviados à vila para desenvolver trabalhos de evangelização (anexo13). Ao que parece os não católicos eram minoria. Com relação à Igreja Presbiteriana, esta já tinha uma história na cidade e o que ocorreu foi a criação de um núcleo na vila do frigorífico devido a grande concentração de pessoas naquele local. Em 1925 “...o Presbitério Oeste de São Paulo transferiu a região compreendendo Guariba ate o Rio Grande para a West Brazilian Mission.” (Menezes, p.211) O reverendo Dr. Roberto Dale Daffin, veio morar em Barretos, organizando em 6 de junho a Escola Dominical, e inaugurando 3 anos depois o templo á rua 22 entre as avenidas 21 e 23. Neste ano (1928) a Congregação elegeu os quatro primeiros presbíteros: Jose Bearzoti, Marino Roqueti, Benjamin Martins e Moises Cipriano. O trabalho presbiteriano no bairro do frigorífico teve início também com o funcionamento de uma Escola Dominical em 1937, com duas classes em casas particulares sob a orientação do presbítero Jose Bearzotti. Em 1938/ 39 os trabalhos da Igreja foram realizados no salão do cinema do bairro, cedido pela gerencia do Frigorífico Anglo e sob a orientação do presbítero Marino Roqueti. Em 1942 a gerencia geral do Frigorífico Anglo cedeu por

arrendamento o terreno para a construção da Igreja do bairro frigorífico inaugurada em 07 de setembro de 1943.

Embora tenhamos encontrado relatos de discriminação com relação a religiões opostas ao catolicismo,¹³⁹ não nos parece ter sido esta a postura da empresa, visto que em certo período chegou a emprestar espaço da própria empresa para realização de reuniões presbiterianas. Era natural que em um ambiente rico em diversidade cultural como era o frigorífico, a religiosidade fosse motivo de controvérsias, e a necessidade de se estabelecer a ordem exigiu a definição de uma religião dominante com a finalidade de conter as divergências, bem como manter os trabalhadores em estado de resignação frente às suas condições materiais de vida, a exemplo da discussão trazida por Brecht em sua peça teatral, no entanto fica evidente um espaço definido para pelo menos duas religiões diferentes, a católica e a presbiteriana.

Sendo assim, entendemos que espaço da vila operária era mantido inteiramente sob vigilância dos empresários, que usavam argumentos e métodos lícitos e ilícitos para manter a ordem necessária para o desenvolvimento das atividades na fábrica. Havia certa tolerância em relação por exemplo à religião e um incentivo a preservação dos costumes nacionais, é o caso do futebol para os brasileiros e das serenatas para os lituanos, benéficos ao próprio funcionamento da fábrica. Mas os operários conseguiam de alguma maneira subverter essa ordem e que havia uma resistência constante por parte destes.

¹³⁹ D. Hilda. Entrevista realizada em 07/2001.

3-O Espaço Ocupado pela Indústria Frigorífica em Barretos e o Recrutamento de Mão-de-Obra.

“...O espaço urbano surge como uma das condições favoráveis à formação e ao desenvolvimento do capital industrial.”¹⁴⁰ Esta afirmação é feita ao avaliar a relação entre urbanização e industrialização considerando que as indústrias se desenvolveram próximas aos locais que se tornaram grandes centros, embora ainda ocorresse uma urbanização incipiente quando foram instaladas as primeiras fábricas. Entendemos que a implantação do frigorífico no município de Barretos está desvinculada da necessidade de ser instalada em local urbanizado. No caso identificamos alguns privilégios obtidos pela indústria, como por exemplo, a exploração do meio ambiente ainda preservado, tanto para o funcionamento da fábrica como para a transformação de elementos naturais, como a madeira em utensílios necessários para a embalagem da produção e para a utilização doméstica pelos operários, que pagavam por ela. Também a concentração fundiária, a posição geográfica privilegiada a qual nos referimos, a tradição pecuária da região, e visão empresarial do fundador Antonio Prado que soube com seu poder político dotar o município de particularidades¹⁴¹ dificilmente encontradas considerando-se sua localização. A própria escolha de um lugar próximo a um corpo d’água, o Ribeirão das Pitangueiras, é característico das indústrias de transformação de carnes que necessitavam de um lugar para despejar seus dejetos.

Considerando o caso de Berisso, na Argentina o crescimento urbano ocorreu sob a influência da implantação das indústrias frigoríficas Swif e Armour, mas estas não eram proprietárias de vilas operárias nem ao menos controlavam os gêneros de primeira necessidade dos trabalhadores ou mesmo seu lazer,¹⁴² permitindo um livre mercado tanto com relação às questões mobiliárias, como

¹⁴⁰ HARDMAN, Foot. LEONARDI, Victor. *Historia da Industria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982. p. 121.

¹⁴¹ Aqui nos referimos à Estrada de Ferro, a Luz Elétrica, ao Posto de Zootecnia e ao aproveitamento da Rede Fluvial. No bairro, ofereceu casa aos operários, lazer e escola.

¹⁴² LOBATO. Op. cit. 43

ao fornecimento de gêneros de primeira necessidade aos moradores das proximidades da indústria que tornou independente o município e o espaço do trabalho daqueles frigoríficos.

O município de Barretos embora tenha conhecido um certo ar de modernidade e pompa –um termômetro foi a instalação de casas de jogos e cabaret – foi mantido a uma certa distância da denominada área industrial, principalmente depois da venda da fábrica aos ingleses. O processo de reestruturação do espaço fabril, começando pelas moradias, possibilitou, com exceção aos trabalhadores que permaneceram na área urbana e trabalhavam na fábrica, uma distância do setor urbano¹⁴³.

O local era aparentemente auto-suficiente ou pelo menos dependia raras vezes de atendimentos oferecidos pelo município. Os trilhos da ferrovia Paulista, que contornavam o município em direção à área do frigorífico podiam ser utilizados para transportar os operários não residentes na vila. Os benefícios ligados à urbanização, que citamos acima, foram implementados para atender às necessidades da empresa.

Não podemos, como fez Lobato¹⁴⁴, constatar que a fábrica invadiu o cenário urbano, ou como ocorreu em Paulista (Lopes) que a cidade se estruturou em volta da fábrica, porque na verdade esta fábrica caracteriza-se por ocupar um espaço denominado rural, como era identificada pelo próprio IBGE até pelo menos 1940, nunca tornou-se município e pouco dependia do que oferecia o município de Barretos. Manteve-se como um feudo.

Havia naquele lugar vida própria com regras próprias, costumes próprios, cultura própria, embora abrangesse uma variedade de culturas trazidas pela variedade de etnias que compunham o quadro de trabalhadores da empresa. Mas o intuito era o trabalho, o primordial e essencial eram o trabalho. Prova disto é a presença de toda uma estrutura de segurança, lazer e educação, além da moradia que foi desenvolvida no bairro do frigorífico. Nos discursos dos antigos operários “*o dia*

¹⁴³ Em 1769 casos pesquisados entre 1927 e 1935, 983 operários ou seja 55,6% eram residentes na vila do frigorífico e 755 operários ou seja 42,7% residiam no município.

¹⁴⁴ LOBATO. Op. Cit. p.42.

começava às duas da madrugada e só terminava depois de anoitecer...meu pai vinha em casa no meio da noite dar uma olhadinha nos filhos e logo voltava ao trabalho”¹⁴⁵

Os investimentos demonstrados e a grandeza propagandeada da empresa com suas exigências tornaram-se ao mesmo tempo a felicidade e o horror daqueles que dela dependiam. A idéia da necessidade do moderno, do higiênico consolidava a fábrica. *“As fábricas foram tomadas como o cenário das máquinas estremeedoras, de sons e imagens do futuro e como o teatro das marcas humanas e das batalhas contra a exploração”¹⁴⁶*

À medida que crescia a produção da indústria, o número de trabalhadores aumentava, bem como o espaço ocupado pelos operários nas dependências da fábrica .

Era preciso também contar com um contingente de mão-de-obra excedente, condição primordial para atender a instalação de uma fábrica. Esse problema poderia ser resolvido pelo primeiro proprietário com os próprios colonos de suas fazendas de café, que se localizavam bem próximas ao município ou mesmo com uma imigração direcionada para o frigorífico. Infelizmente não nos foi possível confirmar esses dados, mas nos foi possível verificar o emprego anterior de alguns trabalhadores nos primeiros anos da empresa em mãos do Anglo S/A. Mesmo sendo uma pequena quantidade de casos se comparados ao total de casos estudados, percebe-se que muitos brasileiros e imigrantes, passavam antes pela zona rural, que poderia inclusive ser propriedade da empresa.

Os entrevistados, filhos de lituanos especialmente, contaram que os pais vieram em busca de terras, que o primeiro lugar onde estiveram trabalhando foi nas fazendas de café da região e saíram escondido do lugar

¹⁴⁵ Anélia Kandratovice entrevista realizada em 06/1999.

¹⁴⁶ LOBATO. Op. cit. p. 70

TABELA II
EMPREGO ANTERIOR DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA FRIGORÍFICA
ANGLO S/A DE BARRETOS 1927/1935

País	Z.rural	%	Com	%	Ind	%	Aut.	%	Comp.	%	Est.Ferro	%
Brasil	65	28.7	32	14	24	10.6	13	5.7	12	5.3	12	5.3
Alemanha	2	0.8	0	----	0	----	0	----	0	----	0	----
Espanha	1	0.4	0	----	0	----	1	0.4	0	----	0	----
Itália	0	----	1	0.4	0	----	0	----	0	----	1	0.4
Lituânia	20	8.8	1	0.4	3	1.3	1	0.4	0	----	1	0.4
Portugal	5	2.2	1	0.4	2	0.8	2	0.8	1	0.4	3	1.3
Síria	0	----	1	0.4	0	----	0	----	0	----	0	----

Total de casos = 1766

Não consta = 1540

Outros = 21

Casos possíveis de ser considerados = 226

*Fonte: arquivo de registro de operários do frigorífico Anglo

(Zona Rural; Comercio; Industria; Autônomo; Na Companhia; Estrada de Ferro)

A chegada até a fábrica a partir dos anos da década de 1920, poderia ser sob forma de aliciamento: *“Um dia apareceu na fazenda um lituano que já estava no Brasil há mais tempo e contou pro meu pai que tinha uma frigorífico aqui perto e nós fugimos da fazenda”*¹⁴⁷. O informante não contou como fugiram nem como chegaram ao local. As dificuldades do idioma e o desconhecimento do lugar certamente dificultavam a circulação, mas havia a ferrovia utilizada para transporte do café com ramificações até as fazendas.

D. Anelia, filha de lituanos nos contou que: *“Depois que ficaram sabendo da existência da industria, fizeram festa na colônia e distraíram os capangas e fugiram no meio da noite”*¹⁴⁸

Também quando Irineu Moraes disse que os trabalhadores que chegavam no início da década de 1930 deviam estar na região de Araçatuba, acreditamos em uma imigração que foi desviada de seu destino. Segundo Monbeig entre 1926 e 1930 a prioridade era enviar imigrantes para a região Noroeste do Estado, que recebeu mais de *“ ¼ da imigração paulista (26,6%), ou seja 62.205*

¹⁴⁷ Bolis Petrusanis entrevista realizada em 02/1999.

¹⁴⁸ Anélia Kandratovice entrevista realizada em 06/1999.

individuos". Araçatuba recebeu 13.365 imigrantes, Lins 12.866, além de 12.808 que se fixaram às margens do rio Aguapei e Pirajuí.

Já o Sr. Ricardo fala de uma outra forma de aliciar em um tempo posterior ao dos primeiros imigrantes, por volta da década de 1940, mas que pode ter ocorrido antes dessa data:

“Havia um senhor que viajava pra buscar gente pra trabalhar na fábrica. A gente sabia quando era gente dele por causa das malas que traziam... eram todas iguais... quando chegavam juntos com aquelas malas sabíamos que eram os homens do Sr. Manoel.”¹⁴⁹

Segundo Lopes há uma tendência ao aliciamento a partir do final dos anos 1920 até 1950. É parte desse processo a existência da figura do agente que pode ser visto nos depoimentos como pessoas que falavam a mesma língua ou homens responsáveis por esse trabalho.¹⁵⁰

O aliciamento praticado pelos agentes tinham “*aspectos de propaganda, sedução e logro*” (Lopes 1986) que de alguma forma eram aceitas pelos trabalhadores.

Muitos parentes eram convidados a vir para trabalhar no frigorífico por aqueles que aqui se encontravam. É o caso da Família Mince . É nesse sentido que Lopes entende que havia a possibilidade de se ter informações acerca das condições de trabalho que propunham as empresas antes da viagem, ou seja, por meio de experiências de outros elementos da família. Se mesmo assim tomavam o destino da fábrica é porque por algum motivo o aceitavam.

¹⁴⁹ Ricardo Azenha entrevista realizada em 07/2001.

¹⁵⁰ Sobre Aliciamento e Agentes Lopes *op cit* especialmente Parte I Capítulo I.

CAPÍTULO III

PERFIL DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA FRIGORÍFICA DE BARRETOS

Embora

Trabalhem por salários pequenos e sejam úteis a muitos

Nenhum deles vive até o fim os seus anos

Nem come o seu pão, nem morre satisfeito

Nem se enterra com as honras devidas, mas

Acabam antes do tempo natural e são

Liquidados e esfrangalhados e insultados

No seu enterro. (Bertolt Brecht - 1929)

Neste capítulo buscamos traçar a trajetória dos trabalhadores da indústria frigorífica em Barretos, iniciando por suas características já nos primeiros anos da empresa, ainda de capital nacional. O investimento estrangeiro, proporcionou modificações nas relações de trabalho e nas formas de produção. Um grande contingente de trabalhadores se deslocou para o município, afim de atender a demanda de mão-de-obra da empresa. Entre eles mulheres e crianças, ocupavam funções dentro da fábrica. Os baixos salários pagos, levou à primeira greve no frigorífico Anglo em 1931. A empresa por sua vez, procurou respaldo de maneira conivente com o estado. Entre os mais reprimidos encontravam-se trabalhadores imigrantes.

1. Os Primeiros Trabalhadores na Indústria Frigorífica de Barretos: Os operários da Companhia Frigorífica Pastoral.

Os trabalhadores dos matadouros frigoríficos, mereceram atenção de Brecht na década de 1930, quando o autor estreou no rádio sua peça teatral "A Santa Joana dos Matadouros".¹⁵¹ A leitura

¹⁵¹ A trama se passa em Chicago, berço do desenvolvimento das técnicas de frigorificação de carnes, em fins da década de 1920. Há um grupo de capitalistas que se digladiam pelo poder do monopólio do mercado de refrigeração de carnes, demonstrando a ferocidade e deslealdade em que ocorriam tais disputas, questão que podemos identificar no caso brasileiro quando da tomada do mercado pelas empresas estrangeiras, identificadas no primeiro capítulo. Fazem parte do grupo os criadores, que a mercê da esperteza de industriais e especuladores, são "um brinquedo" em suas mãos, não apresentando naquele momento poder de decisão no preço do rebanho. Também está representado o poder ideológico da religião, que inclusive sustenta o nome da peça, onde o autor preocupa-se em demonstrar como este poder pode

da peça de Brecht , e a pesquisa de Lobato,¹⁵² comparados às fontes pesquisadas além dos depoimentos orais, demonstram que situações semelhantes foram vivenciadas pelos trabalhadores das indústrias frigoríficas quer nos EUA, Argentina ou Brasil, afinal eram operários do mesmo capital (em geral de grandes monopólios), do mesmo desenvolvimento tecnológico e também da racionalização do trabalho em diferentes partes do mundo.

Certamente uma das mais antigas atividades humanas seja “abater” animais. A busca pela sobrevivência tornou o homem um caçador e junto a essa necessidade, tornou-o também um conhecedor de formas apropriadas para o aproveitamento de sua caça. Podemos então considerar que “matar” e “destrinchar” um animal seja parte do trabalho de homens e mulheres ainda primitivos, que com o passar do tempo, transformou-se em trabalho fabril.

A história da produção da Indústria Frigorífica no Brasil, inicia-se em 1913 com a inauguração da Companhia Frigorífica Pastoril de Barretos. Até o início do século XX, as charqueadas transformavam a matéria prima bovina em produtos para consumo interno: o charque, produto tradicional do sul do país.

Existiam também pelo interior do país, pequenos matadouros municipais, que serviam como espaço para abate e distribuição da carne verde¹⁵³ com a finalidade de abastecer o mercado local, em especial no estado de São Paulo. Ambas as formas de abate e utilização da carne limitava-se ao aproveitamento apenas de parte do produto, ocorrendo perda de grande parte da matéria-prima e não

persuadir os operários a aceitar as condições impostas pelos capitalistas. A presença da personagem Joana, que convive com os dois lados da trama, tanto os capitalistas como os operários, nos parece uma maneira que o autor encontra de justificar como que uma massa de trabalhadores em condições sub humanas de existência, pode permanecer em estado estático.

Quanto aos operários, são descritos como praticamente mendigos, que vivem dependentes da alimentação precária de seus patrões e da existência de emprego conforme a variação dos negócios da Bolsa de carne. Sob frio constante, o que nos parece uma indicação ora do interior da fábrica, ora da rua, estão ali os operários, jogados a própria sorte. Os grandes exércitos de trabalhadores em busca de colocação nas portas das fábricas, os acidentes constantes, “a maldade que vem da pobreza” (Brecht), a fome, a racionalização da produção . Todos estes aspectos são levantados por Brecht numa peça contemporânea no ápice da produção do mercado de carnes, mesmo sendo um período de crise da economia norte americana, fato explicável pela monopolização do mercado e pela valorização da mercadoria.

¹⁵² LOBATO. Op. Cit.

¹⁵³ Carne fresca.

contavam com a possibilidade da refrigeração. O crescimento demográfico da região sudeste evidenciava-se no início do século XX, em especial da cidade de São Paulo e de Santos. A primeira em 1900 contava com 250 mil habitantes e em 1920 com 700 mil habitantes¹⁵⁴. Como já dissemos, as condições de abate, conservação e transporte da carne eram precários. Também já pudemos observar no segundo capítulo, como foi implantada uma indústria de carnes resfriada e em conserva no município de Barretos, considerada de grande porte para a época e localização. Agora queremos falar especificamente de homens e mulheres que construíram com seu trabalho, a riqueza da indústria frigorífica em Barretos, implantada sob novas formas de organização de trabalho, racionalizadas, num sistema fabril, com aproveitamento integral da rês.

O período em que a indústria frigorífica de Barretos encontrava-se em mãos brasileiras, ou seja, enquanto denominava-se Companhia Frigorífica e Pastoril, é obscuro no que se refere à mão-de-obra utilizada pela indústria. A ausência de fontes e testemunhos orais do período que vai de 1913 a 1923, dificultou a reconstrução desta fase. Mas entendemos por bem utilizar o que nos foi possível, no caso, a imprensa local.

Sabemos que a recente indústria empregava aproximadamente 350 operários por volta de 1914. Contava nesse período com a presença de imigrantes ou elementos nacionais, em cargos especializados ou não. A família Prado, fundadora da indústria, além do incentivo à imigração externa, promovia também a migração interna.

“Centena de trabalhadores da Bahia foram contratados, aparentemente livres trabalhando sob contrato, para limpar terra. Imigrantes italianos foram trazidos para plantar e cultivar o café”¹⁵⁵.

A prática tornou-se comum com o fim da escravidão. Os nativos eram contratados para desmatar as áreas virgens, características das terras do oeste paulista, onde se desenvolviam as novas

¹⁵⁴ MONBEING, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984. p.182

¹⁵⁵ DARREL, E. Levi. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977. p.167.

plantações de café, mesmo porque segundo Godoy,¹⁵⁶ os imigrantes não se prestavam a tal trabalho, sendo assim, os agricultores promoviam em grande escala a colonização do elemento nacional que era “*confinado às áreas de menor remuneração do trabalho na cultura ou às atividades mais penosas do preparo da terra nas demais áreas*”.¹⁵⁷

Havia um incentivo por meio de propagandas não só na imprensa local, divulgando as oportunidades de empregos que oferecia o município.¹⁵⁸ No folheto publicado pelo DET e divulgado na imprensa local, havia uma variedade de oficinas artesanais existentes nessa época, que são atribuídas pelo memorialista Menezes, aos imigrantes que chegavam ao local e que vieram transformar a população “cabocla”,¹⁵⁹ e também uma variedade de produção agrícola, além da criação de rebanhos.

A Companhia Paulista de Estrada de Ferro, alcançou o município de Barretos em 1909. Facilitava a chegada das pessoas até o local que podiam transitar de uma área a outra.

O comércio que se desenvolveu desde o início do século na localidade era fator de atração. Os árabes tradicionais no ramo, têm presença marcante ainda hoje neste setor na cidade, se dedicaram ao comércio informal, mas nem por isso deixaram de ser também operários do frigorífico, como já dissemos, era uma forma de capitalizar para depois investir em mercadorias:

O frigorífico se transformava então em uma gigantesca porta giratória onde se entrava e saía em diferentes oportunidades até encontrar

¹⁵⁶ BEIGUELMAN, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro*. São Paulo: Pioneira, 1977.

¹⁵⁷ *Idem*.

¹⁵⁸ Em 25.09.17, o Jornal O Commercio transcrevia de um folheto denominado “Mercado de Trabalho”, proveniente do Departamento Estadual do Trabalho uma alusão ao município destacando: Barretos (10. 000kls). A 528 kls na Paulista. O município é também servido pelas estações Colina e Palmar, da Paulista, seção de Rio Claro e Vila Olímpia, da São Paulo - Goiás. 32.000 habitantes. Juizado de Direito. Industrias: 01 fábrica de chapéus, 01 de massas alimentícias, 4 de cervejas, 01 de vassoura e escovas, 2 de móveis e decorações, 8 de arreios e sellins, 2 serrarias e carpintarias, 2 de carros e carroças, 2 de sabão, 36 diversas. Criação 140.000 bovinos, 1000 ovinos, 1000 caprinos, 20.000 suínos, 6.500 eqüinos, 7100 muares, inverna atualmente 100.000 cabeças de gado vacum; café (1.088.600 produzindo com 63,8 arrobas de média, e alguns milhões que ainda não produziram); cereais (645 mil sacas de milho, 125.200 de feijão) arroz 254 mil sacas; cana (12 engenho para açúcar e aguardente), fumo 2700 arrobas. Superfície da lavoura 128729 alqueires sendo 67621 sem pastos e campos. As terras são arenosa na maior parte, havendo também de campo. São em geral boas e regulares, valendo 40\$ mais ou menos o hectare. Procura: 3 famílias. Salários 100\$ pelo trato e \$500 pela colheita”.

¹⁵⁹ MENEZES, Ruy. *Historia do Desenvolvimento Cultural de Barretos*. Barretos: INTEC, 1985. p. 71

a ocupação que satisfazia as aspirações trabalhadoras e se convertia, na fonte para a obtenção de um benefício adicional quando o alternava com outra atividade... se buscava abandonar a esfera do trabalho fabril e transforma-se em um pequeno comerciante ...¹⁶⁰

Desde 1911, os operários do município em geral, foram convocados a discutir seus interesses em local público¹⁶¹. No mesmo ano ocorre a adesão dos operários em Construção Civil de Barretos a uma greve por 8 horas de trabalho, que incluía as cidades de Campinas e Ribeirão Preto¹⁶². Muitos operários do frigorífico permaneceram associados ao Sindicato da Construção Civil mesmo depois de contratados pelo frigorífico¹⁶³, o que podia significar uma preferência do operariado em se manter neste sindicato¹⁶⁴ por sua atuação reivindicativa neste período.

Havia a organização de associações como a União Operária Barretense, criada em 1916, “cujo escopo principal é pugnar pelos interesses de seus associados, à guisa de socorros mútuos”, apareceu em 1917 como Sociedade Operária Internacional de Barretos. Presentes também a “Propaganda Portuguesa” com sede principal em São Paulo (1917), a Sociedade Italiana (1917), Sociedade Recreativa dos Empregados da Companhia Paulista (1917) Sociedade Sírio Libanesa, (1915), União dos Empregados do Comercio (1914)¹⁶⁵, Sociedade Cosmopolita Dançante e Familiar de Barretos (1919).

As associações, surgiram na primeira década do século XIX, tinham um caráter de ajuda mútua, levado a cabo pelos proletários que mantinham “*um nível de vida inferior aos trabalhadores livres brasileiros*”, dedicavam-se ao socorro dos operários doentes, acidentados, nos

¹⁶⁰ LOBATO, Mirta Z. Una vision Del mundo Del Trabajo. Obreros Inmigrantes en la Industria Frigorifica 1900-193, DEVOTO, Miguez (org.), *Associacionismo Trabajo e Identidade Etnica* – Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS. 1992. p. 218.

¹⁶¹ “Convidam- se as classes operárias todas a comparecer hoje as 12 horas do dia à Rua Tiradentes em frente a ferraria Mantoni”. O Commercio 6.8.1911

¹⁶² LINHARES Hermínio. *Contribuição a História das Lutas Operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

¹⁶³ Antonio Plá Gil, espanhol, instrução rudimentar, ocupou as funções de motoneiro de trator e chauffer, admitido em 28/01/1926, com 35 anos, chegou ao país em 1908, recebia 320\$000 / 360\$000 mensais, era matriculado sob nº 138 no Sindicato Operários na Construção Civil.

¹⁶⁴ Ao procurarmos documentos do referido Sindicato, nos informaram que foram destruídos nos períodos de ditadura militar e ainda que sua fundação foi no ano de 1933.

¹⁶⁵ A União dos Empregados do Comercio teve como diretor fundador João Falcão, importante militante comunista da região.

casos de falecimento ou na velhice, iniciando os trabalhadores um “...longo e lento processo de sua formação como classe”¹⁶⁶. Portanto, um caráter organizativo e de luta em busca de melhores condições de vida e trabalho. Essa variedade de associações presentes no município de Barretos, nos leva a refletir a respeito dessa característica e supor sua relevância em acontecimentos ocorridos em décadas posteriores.¹⁶⁷ Para Lobato o surgimento de instituições associativas formadas por trabalhadores são características claras de uma identidade proletária e a busca de espaço para discussões políticas e ideológicas, bem como delimita múltiplas identidades étnicas e religiosas.¹⁶⁸ As associações em Barretos surgem pouco depois da fundação da Companhia Frigorífica e Pastoral, levando-nos a crer que havia, em fins da década de 1910 um espaço de discussões do proletariado, bem como, a procura por espaços necessários aos diversos grupos étnicos fixados no município.

A vida social na vila do frigorífico parecia intensa, lembrando que por essa época já existia junto a fábrica, casas para abrigar operários, forma de controle e disciplinarização do trabalhador¹⁶⁹. Já estava presente em 1917, na vila operária, a Sociedade Recreativa dos Empregados da Companhia Frigorífica, que organizava bailes¹⁷⁰ e sessões cinematográficas e a Escola Municipal do Frigorífico onde era oferecido ensino no local¹⁷¹.

¹⁶⁶ HARDMAN, Foot. LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991. p. 99.

¹⁶⁷ Em 1925, houve uma rebelião na cidade comandada por Filogônio Teodoro de Carvalho vinculada ao movimento de Isidoro Lopes. Os movimentos grevistas no frigorífico em décadas posteriores em especial na década de 1940 e uma atenção especial do Partido Comunista Brasileiro pela região de Barretos, enviando quadros para organizar os operários em especial os trabalhadores do frigorífico e os camponeses da região.

¹⁶⁸ LOBATO. Op. Cit. 45/47.

¹⁶⁹ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890 - 1930*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

¹⁷⁰ Jornal “O Commercio” 20/09/1917 – “A Sociedade Recreativa dos Empregados da Companhia Frigorífica, cuja diretoria é composta de distintos cavalheiros residentes no matadouro Frigorífico, organizaram no sábado p.p um animado baile de salão de diversões daquele lugar, após uma sessão cinematográfica bastante concorrida, em que se destacava o filme “O Navio Fantasma” ...repleto de senhoras, senhoritas e cavalheiros ali residentes, notando-se a presença do mesmo elemento de nossa sociedade e de Colina...O baile prolongou-se ate as 5 da madrugada...”

¹⁷¹ O Commercio 23.12.17 refere-se a provas aplicadas pela então diretora Antonieta Prado, no entanto não é possível entender se a escola destinava-se a todos, independente de sua posição na empresa. O prédio ainda existe e está situado fora da vila operária, embora bem próxima a ela.

Em 1919, o frigorífico foi vendido à Companhia Mechanica e Importadora de S.Paulo sob a presidência de Alexandre Siciliano que enfrentou um período de crises ligadas à produção e em 1923, foi vendida à Brazilian Meat Company, que se tornaria mais tarde S/A Frigorífico Anglo.

2 - Os (novos) operários e os novos Patrões.

Os novos patrões definiram nova realidade. Houve mudanças no espaço fabril, que influenciou na contratação de operários e nas relações de trabalho. Observando as plantas do espaço fabril, é possível perceber a nova dinâmica da fábrica.

A princípio a necessidade da reformulação do espaço fabril, exigiu uma grande quantidade de trabalhadores da construção civil. Os engenheiros, químicos eram estrangeiros, trazidos pelos donos da empresa, primeiro Antonio Prado e depois os ingleses¹⁷². Havia casos de transferências de trabalhadores de frigoríficos de outras regiões, ou mesmo outros países, para o frigorífico de Barretos. O exemplo citado não é único na indústria frigorífica. A grande rotatividade a que eram submetidos os operários da indústria frigorífica, sobre a qual nos informou Lobato (2001) e que confirmamos neste trabalho, representou uma grande possibilidade de contatos com experiências de indivíduos de variadas regiões do país e do mundo, o que certamente trouxe aos trabalhadores da indústria frigorífica não só de Barretos, mas enquanto categoria, subsídios para sua consciência de classe.¹⁷³

¹⁷² Antonio Nunes Galeota – português, d.n 20/02/01, casado, ocupava cargo nas câmaras, veio transferido da Cia Frigorífica de Santos.

¹⁷³ Um artigo referente à mobilidade de trabalhadores e militantes: PETERSEN Silvia R.F.; Cruzando Fronteiras: As pesquisas regionais e a história operária brasileira. ARAUJO Ângela M.C., (Org.) Trabalho, Cultura e Cidadania um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997. p. 85/104.

TABELA III

**NACIONALIDADE DOS TRABALHADORES PELOS CARGOS OCUPADOS -
BARRETOS 1927-1935**

<i>Cargos</i>	<i>Brasil</i>	<i>Alem.</i>	<i>Esp</i>	<i>Itál.</i>	<i>Lit.</i>	<i>Por</i>	<i>Siri</i>
Matança	81*	0	2	1	3	6	1
Descarneação	84*	1	1	1	11*	1	1
Estamparia	22	0	0	0	6	0	0
Charque	48	3	0	0	6	21*	3
Graxaria	23	0	0	0	3	3	0
Triparia	51	18*	0	0	37*	2	5*
Conserva	95*	7	0	0	27*	0	0
Salsicharia	15	1	0	0	13*	3	1
Pedreiro	30	1	1	6*	6	12*	0
Carpinteiro	24	2	1	3	3	6	0
Mecânico	15	1	0	2	1	7	0
Serv.Escrit.	25	0	0	0	0	0	0
Miúdos	6	0	0	0	6	5	0
Couros	13	0	0	0	5	8	0
Câmaras	0	0	2	0	5	22*	2

FONTE:: Arquivo de registros de operários do frigorífico anglo s/a de barretos

Havia na área urbana uma considerável quantidade de imigrantes, que podem ter sido deslocados da zona rural nas proximidades, por vontade própria ou induzidos¹⁷⁴. Os migrantes internos podem ter chegado da mesma forma. Ao que parece, o município representava uma possibilidade de trabalho alternativo com excesso de oferta de trabalho. Por parte da empresa, havia a necessidade de se criar uma reserva de mão de obra. O incentivo a imigração interna e externa contava com o recrutamento de mão-de-obra e a estabilidade da moradia.

O recrutamento de mão de obra nessas fazendas é citado em depoimentos de imigrantes e seus descendentes, bem como por Irineu Moraes em seu livro de memórias¹⁷⁵.

A origem dos trabalhadores na indústria frigorífica Anglo em Barretos a partir de 1927, assim se constituía., mais de 40% eram representadas por diferentes etnias, mesmo que alguns grupos

¹⁷⁴ Vide capítulo II.

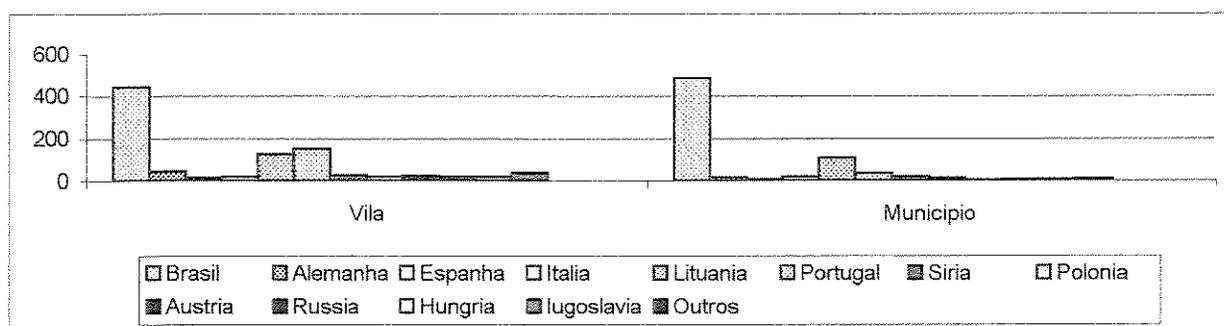
¹⁷⁵ Ao se referir sobre as origens dos lituanos que chegaram ao frigorífico Irineu diz: “aquelas pessoas vieram trabalhar na lavoura, na região noroeste e não sei onde, e o frigorífico desviou-as no porto de Santos. O frigorífico estava errado, quer dizer, precisou mandar os lituanos para a lavoura conforme foi o compromisso deles lá na Europa.” Op cit p 35

pouco representativos. Destacam-se em maior número os lituanos 13,6%; portugueses 10,8%, alemães 3,3%; iugoslavos 2,6%; sírios 2,5% e italianos 2,2%.

Embora houvesse uma grande e diversificada quantidade de imigrantes a maioria era de nacionalidade brasileira e, tanto brasileiros como imigrantes dividiam sua moradia entre a vila e o município. Esse fator pode ser visto como proposital para garantir um funcionamento seguro da fábrica. Se o espaço fabril naturalmente não permitia um contato de um operário com outro, dividi-los entre dois ambientes de habitação era fator de maior dificuldade para a organização do trabalhador.

Em uma perspectiva diferente buscamos identificar a identificação da moradia dos operários por sua etnia, como representa o gráfico abaixo.

**GRÁFICO IV –
RELAÇÃO ETNIA POR RESIDÊNCIA**

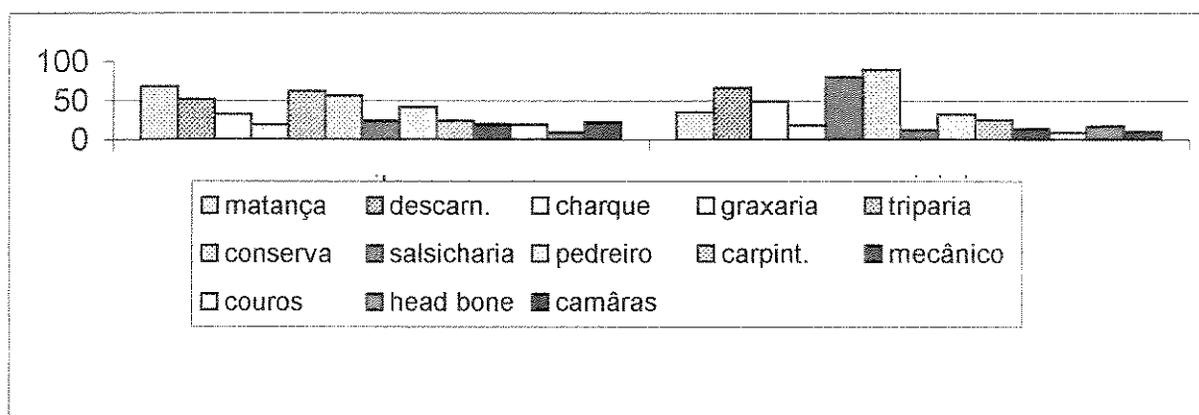


FONTE: arquivo de registro de operários do frigorífico Anglo

Embora houvesse uma grande e diversificada quantidade de imigrantes, a maioria era de nacionalidade brasileira e tanto brasileiros como imigrantes, dividiam sua moradia entre a vila e o município. Esse fator pode ser visto como proposital para garantir um funcionamento seguro da fábrica. Se o espaço fabril naturalmente não permitia um contato de um operário com outro, dividi-los entre dois ambientes de habitação era fator de maior dificuldade para a organização do trabalhador.

Podemos observar ainda que os trabalhadores dos cargos que garantiam a produção para exportação como matança, descarnação, câmaras (carne resfriada) e aproveitamento de subprodutos (como as seções de conservas) e ainda os ligados à manutenção da fábrica eram mantidos proporcionalmente em maior quantidade na Vila Operária. Podemos ver nesta característica um efeito da sazonalidade: operários que ocupavam cargos que não eram de grande rotatividade, permaneciam na vila.

GRAFICO V
RESIDÊNCIA POR CARGO OCUPADO



FONTE: arquivo de registro de operários do frigorífico Anglo

Com relação a ocupação anterior dos trabalhadores da indústria frigorífica Anglo de Barretos, muitos antes de se empregarem na fábrica, constam como trabalhadores em fazendas na região ¹⁷⁶, alguns vieram de ocupação na Estrada de Ferro, empresas de energia elétrica e outros. ¹⁷⁷

Para ocupar o espaço fabril e desempenhar atividades na indústria da carne não era preciso necessariamente em todas as funções, que o trabalhador apresentasse mão-de-obra qualificada. Lobato (2001) conclui que

¹⁷⁶ João Petrosanis, lituano, solteiro, instrução rudimentar, morador da vila operaria do frigorífico, sindicalizado sob nº 777, no Sindicato dos Operários em Frigorífico, admitido em 29/10/1928, recebendo salário de 1\$000 hora, trabalhou anteriormente na Fazenda Iracema.

¹⁷⁷ Jonas Naviskas, lituano, casado, instrução rudimentar, admitido em 12/04/1928 na descarnação, tendo sua entrada no país neste mesmo ano, era sindicalizado sob matrícula 881 no Sindicato Operário em Frigorífico, recebia 1\$000 hora e 0,20 p/ 100 kg carne e trabalhou anteriormente na Cia Ligth em São Paulo.

“... o frigorífico era um campo propício para o trabalhador não especializado. Os frigoríficos requeriam uma forma de trabalho que se adaptara de maneira flexível a diferentes tipos de tarefas e que respondia elasticamente as flutuações por demanda de braços”¹⁷⁸

Com exceção dos cargos técnicos como engenheiros, químicos e outros, os trabalhadores se revezavam pelas seções inúmeras vezes sem o menor constrangimento. Nos parece que algumas seções eram vista com mais cuidado quando da escolha de seus ocupantes, no entanto, a grande maioria circulava sem maiores problemas por diversas funções. Isso nos faz concordar com Lobato: caracteriza uma ausência de necessidade de especialização que ao mesmo tempo tornava a vida profissional dos operários incerta, afinal, poderiam ser substituídos a qualquer momento, e em contrapartida a contratação era facilitada.

A contratação era feita nos portões da fábrica, ao que nos parece sem maiores critérios, percebe-se nos registros de operários, que mesmo aqueles impedidos por algum motivo, quer seja briga, desobediência ou furto, era possível retornar ao trabalho demonstrando uma necessidade de contratação por parte da empresa.¹⁷⁹ Apenas aos grevistas não era dada a possibilidade desse retorno, pelo menos não nos foi possível identificar nenhum caso de operário que aderiu a greves neste período que tenha sido recontratado¹⁸⁰. Havia uma grande rotatividade de mão-de-obra. A não exigência de especialização da mão-de-obra facilitava a contratação indiscriminada. Aproveitavam-se experiências de trabalhadores de fábricas em níveis de modernização inferiores, como por exemplo, os vindos de Minas Gerais, em especial das regiões próximas ao nordeste, que segundo depoimentos ocupavam-se as funções para a produção do charque.¹⁸¹

¹⁷⁸ LOBATO, Mirta Z. *La Vida en las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*, Buenos Aires:Prometeo Libros, 2001. p143

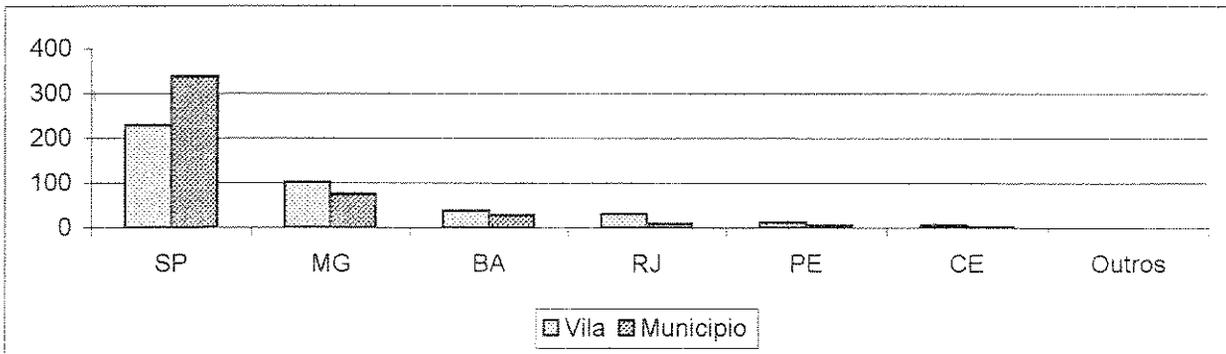
¹⁷⁹ Idem

¹⁸⁰ As anotações nas fichas de registros são e numero reduzidos, o que deve significar apenas os lideres do movimento.

¹⁸¹ Devido ao grande número de cargos não especificados, não foi possível demonstrar com números a ocupação de cargos por regiões de origens. Portanto utilizamos o depoimento do Sr. Ricardo Azenha para sustentar essa tendência.

O Gráfico a seguir nos mostra os Estados brasileiros que mais contribuíram com a formação da mão de obra na indústria frigorífica de Barretos no período em estudo (1927/1935) e ainda o nível de dependência da moradia para a empresa.

GRÁFICO VI
MIGRANTES INTERNOS POR MORADIA - VILA OPERÁRIA E MUNICÍPIO



FONTE: Arquivo de registro de operários do Frigorífico Anglo.
Quantidade de casos= 1769

Havia um “mito popular” que se confirma nos registros de operários, que os estrangeiros deviam ocupar as salas de refrigeração:

“...é uma idéia generalizada entre os sectores populares vinculados a produção de carnes, que os imigrantes provenientes dos países frios se adaptam melhor a temperatura imperante nas câmaras.”¹⁸²

Havia uma grande proporção de portugueses que ocupavam os cargos nas câmaras frias.

Homens fortes e jovens capazes de carregar “meio boi nas costas”, imigrantes com conhecimento em algum tipo de conserva da carne, mulheres que além de mão-de-obra de menor custo tinham mais tato para certas sessões, como na triparia ou conservas, e crianças por seu baixo custo além de servirem em quase todas as sessões aprendiam o ofício, o que já garantia a fábrica sua posterior inserção no trabalho.

¹⁸² LOBATO, Op. cit. p.214.

No Brasil, o período proposto para este estudo pode ser visto como uma fase de transição entre o predomínio do poder das oligarquias agro-exportadoras e a ascensão das idéias liberais, que deveriam sustentar as novas formas de produção e conseqüentemente um impulso ao desenvolvimento industrial, visto como necessário ao crescimento do país.

“O reordenamento vivido pela sociedade brasileira no início dos anos 30 objetiva colocar o país em sintonia com as transformações em curso no mundo capitalista, articulada ao movimento racionalizador que impôs um novo perfil para esse sistema”¹⁸³.

As tendências não são específicas da época e tão somente do Brasil, mas sim do final do século XIX e levam a uma discussão acerca da modernização por qual deveria passar o país “*subordinadas aos princípios da racionalidade técnica*”¹⁸⁴

Também é característica do período a preocupação com relação à legislação necessária a uma sociedade industrial que deveria se impor ao país, especialmente porque a agitação operária oriunda de tal sociedade, deveria ser incorporada e desmobilizada politicamente. Castro em estudo sobre o tema nos oferece subsídios para definir características dessa transição, observando que as discussões relativas a ele estavam sendo “*amplamente discutido pela Câmara, pelo Senado e pelos órgãos representativos da classe empresarial, sendo objeto destacado de reivindicações por parte do movimento operário*”¹⁸⁵. Segundo a autora, a análise de projetos a partir de 1917, período de debates, trouxe acúmulo de experiências para o período pós trinta. Surgem conflitos de interesses de grupos dominantes representados pelos agro-exportadores e por novos industriais. A “*modernização econômica feita através da intervenção do político, não significando a ascensão da*

¹⁸³ SILVA, Zélia Lopes da. *A República dos Anos 30 – A Sedução do Moderno – Novos Atores em Cena: Industriais e Trabalhadores na Constituinte de 1933-1934*. Londrina: UEL, 1999 p. 13

¹⁸⁴ Idem

¹⁸⁵ GOMES, Ângela Maria de Castro. *Burguesia e Trabalho – Política e Legislação Social no Brasil 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 26

burguesia urbana no poder”,¹⁸⁶ ou seja, mesmo estando tais questões em pauta e a aprovação de leis vinculadas a necessidade do incipiente grupo industrial, isto não significou sua ascensão enquanto grupo hegemônico ao poder.

Quanto aos projetos, ao se tornarem leis, não eram cumpridos pelo empresariado até pelo menos 1930¹⁸⁷.

Um crescimento de produção da empresa nos anos de 1929 e 1930¹⁸⁸, nos leva a crer que a indústria teria sido beneficiada com a crise mundial desse período, utilizando-se trabalhadores imigrantes que entraram no país entre os anos de 1927 a 1930.

TABELA IV
ADMISSÃO/ANO POR PAÍS DE ORIGEM

ano							P	A	I	S	E	S								Total
19	Brs	%	Por	%	Lit.	%	Ale	%	Sir.	%	Pol.	%	Aus	%	Rus	%	Iug	%	Div	
27	113	46	41	16	24	10	14	6	12	5	04	2	04	2	02	1	04	2	29	247
28	165	50	44	13	41	12	09	2	11	3	05	1	08	2	05	1	13	4	31	332
29	104	45	22	9	23	10	14	6	11	5	04	2	05	2	07	3	09	4	33	232
30	135	40	41	12	87	25	14	4	05	1	05	1	05	1	05	1	13	4	29	339
31	133	62	23	11	23	11	03	2	02	1	08	4	01	05	03	1	01	05	16	213
32	50	54	5	5	19	20	-	-	01	1	02	2	01	1	02	2	-	-	13	93
33	31	74	-	-	06	1	-	-	01	2	-	-	-	-	-	-	03	7	01	42
34	38	74	02	4	09	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	51
35	110	87	-	-	06	5	03	2	-	-	02	1	-	-	-	-	03	3	02	126126

* Os valores em porcentagem estão aproximados para facilitar a confecção da tabela

Fonte: Arquivo de registro de operários da S/A Frigorífico Anglo de Barretos.

Irineu Moraes justifica a greve de 1931 exatamente por esse motivo: trabalhadores imigrantes vendiam sua força de trabalho a um preço inferior ao valor pago aos brasileiros. Segundo ele, muitos desses imigrantes, em especial do leste europeu, teriam saído de uma área de produção de café, que naquele momento encontrava-se em crise. Verificamos pela Tabela IV que a maior concentração de

¹⁸⁶ Idem

¹⁸⁷ É o caso do Código de Menores, (1927/28) da Lei de Férias (1925), e do Projeto de Aposentadoria que sequer foi votado antes de 1930.

¹⁸⁸ Em 1928 foram abatidos 115.182 animais na indústria, em 1929 abateu-se 143.120 animais e em 1930 o abate chegou a 143.120 animais.

lituanos se deu exatamente em 1930, ano imediatamente anterior ao da Primeira Greve dos trabalhadores do Frigorífico Anglo.

A seguir podemos observar que os imigrantes do Leste Europeu, são os que são menos valorizados em seus salários.

TABELA V
RELAÇÃO SALÁRIO PAGO POR ETNIA – S/A FRIGORIFICO ANGLO
DE BARRETOS 1927/1935.

	200/500	600/900	ac.1000	T. casos
Brasil	223 - 28%	530 - 67%	35 - 4%	788
Portugal	3 - 2%	118 - 73%	39 - 24%	160
Lituânia	76 - 34%	83 - 37%	62 - 35%	221
Alem.	15 - 31%	15 - 31%	16 - 34%	47
Síria	1 - 2%	10 - 24%	30 - 73%	41
Espanha	1 - 5%	8 - 47%	8 - 47%	17
Itália	3 - 10%	21 - 65%	8 - 25%	32
Pol.	8 - 42%	10 - 52%	1 - 5%	19

*as porcentagens foram feitas em cima dos casos válidos, desconsiderando os que não constam informações e considerando apenas as etnias mais representativas.

FONTE: Arquivo de registros dos operários do Frigorífico Anglo S/A de Barretos.

3-Mulheres, menores, e as manifestações individuais e coletivas dos trabalhadores do frigorífico Anglo de Barretos 1927/1935

As mulheres pertencentes as camadas populares sempre trabalharam¹⁸⁹ mesmo que de maneira informal, buscando aumentar a renda familiar por meios alternativos, muitas vezes de maneira criativa e que não aparecem em estatísticas. Mas a indústria ofereceu uma nova possibilidade de trabalho.

“Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades; de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e

¹⁸⁹ Para Tilly e Scott as concepções de Goode “representam uma universalização das experiências e valores específicos da classe média” ou seja são essas mulheres que não estão inseridas no mercado de trabalho.

costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder”¹⁹⁰

Entre 1927 e 1935 as mulheres representavam quase 20% da mão-de-obra utilizada na empresa. (anexo 8). O frigorífico empregava em média 2000 pessoas.

A maioria das mulheres reproduzia no espaço da fábrica sua experiência do lar: 60% se dedicavam ao setor de conservas que exigia habilidades domésticas, como cortar e cozinhar carnes e legumes, assim reproduziam na fábrica a cultura de gênero,¹⁹¹ dedicavam-se também aos serviços de escritório, é possível encontrar mulheres se dedicando a seções onde predominava o sexo masculino, como a chamada descarneação, departamento posterior à matança onde exigia-se habilidade e resistência e uma certa força física, dada a velocidade e precisão dos movimentos. A princípio, os cargos eram ocupados por mulheres brasileiras. A versão taylorista implementada pelo grande monopólio da carne, proprietários das indústrias frigoríficas, exigia que as tarefas fossem extremamente separadas por departamentos, sob um rigoroso controle do tempo e um sistema de prêmios pela produtividade. As mulheres também estavam inseridas nesse processo. A comunicação era dificultada entre as seções, o trânsito dentro da fábrica era proibido, e as conversas também. Anélia nos contou que: ... *“Trabalhei no frigorífico nas décadas de 1960 e 1970, no escritório, meus pais sempre trabalharam lá. Nessa época ainda, não nos era permitido circular entre as seções. Eu nunca tinha visto o local em que trabalhavam”* ...¹⁹²

Até que um dia ela resolveu por sua conta ir até à salsicharia e a triparia, onde seus pais trabalharam a vida inteira, então percebeu que o local era escuro, úmido e mal-cheiroso; locais esses, que pelos quais, seus pais se dedicaram a vida inteira.

¹⁹⁰ TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social Campinas: Cadernos Pagu.3, 1994. p.31

¹⁹¹ LOBATO. Op cit

¹⁹² Anélia Kandratovice – entrevista realizada em 06/1999.

Existia um controle e uma intensa disciplinarização do operário, mostra disso são as correspondências existentes entre a diretoria da S/A Frigorífico Anglo e o Delegado de Polícia Política,¹⁹³ sobre as quais iremos nos ater adiante.

Nos primeiros anos da década de 1930, a mão-de-obra feminina utilizada na indústria frigorífica, era predominantemente nativa, com a vinda de homens e mulheres imigrantes, as estrangeiras começaram a ocupar seções antes dominadas por brasileiras.

Irineu Moraes¹⁹⁴ diz em seu livro de memórias que as operárias brasileiras transferiam sua experiência na fábrica à mulheres lituanas, que não demoravam quinze dias para aprender o trabalho e em seguida as brasileiras eram demitidas. Isto porque as operárias estrangeiras concordavam em receber menor quantia pelo mesmo trabalho. Este episódio gerou a primeira greve no frigorífico em mãos dos ingleses, e apesar do pouco tempo que tiveram para organizar (como disse Irineu), foi vitoriosa, pois trouxe à tona as irregularidades daqueles imigrantes que deveriam estar em Araçatuba, na lavoura. Irineu também fala das más condições de habitação que eram submetidos os imigrantes, onde homens e mulheres se misturavam em barracões.

Em depoimento de uma filha¹⁹⁵ de lituanos, pudemos perceber que ao imigrar, vinham com a promessa de acesso à terra, muitas vezes as famílias eram separadas, neste caso, o pai veio com a filha da Lituânia por volta de 1929, a menina com 14 anos, com a intenção de voltar ou trazer a esposa, não encontrando possibilidades de arcar com a viagem permaneceram separados, a filha casou-se com outro lituano e demonstrou até a velhice a contrariedade de permanecer no Brasil e o sofrimento que viveram aqui, a saudade dos outros membros da família, além da miséria e humilhações que sofriam como estrangeiros. Contou-nos que vieram na verdade para a lavoura, mas

¹⁹³ Foram localizadas no Arquivo do Estado, correspondências entre os gerentes da empresa e a Polícia Política a partir de 1932.

¹⁹⁴ WELCH, Cliff. GERALDO, Sebastião. *Lutas Camponesas no interior – Memória de Irineu Luis de Moraes*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

¹⁹⁵ Anelia Kandratovice. Entrevista realizada em 06/1999.

a convite de “um homem” que falava lituano fugiram na calada da noite para se empregar na indústria local que imaginavam encontrar melhores condições de vida.

Às vezes filhas, às vezes esposas, o cotidiano familiar foi modificado, na medida em que, morando nas vilas operárias, era comum que famílias inteiras se empregassem, tornando-se o frigorífico a única fonte de renda, o que obviamente intimidava as reações, as insatisfações ou as organizações de trabalhadores.

O fato das mulheres participarem do processo produtivo da indústria significa que ou ficavam responsáveis pela jornada dupla de trabalho, ou as mulheres mais velhas, dispensadas pelo setor produtivo, se ocupavam dos deveres da casa, ou ainda o que nos parece mais provável, a empresa utilizava-se preferencialmente de mulheres jovens, havendo uma constante substituição quando se casavam.

Segundo Mirta Lobato a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho estava vinculada a alguns fatores como idade, estado civil. Também às mulheres não eram destinados cargos qualificados. Sua permanência ou saída pode estar vinculada ao matrimônio ou gravidez, no entanto, seu retorno ao trabalho posteriormente a um parto por exemplo era perfeitamente possível, devido à rotatividade da mão de obra.

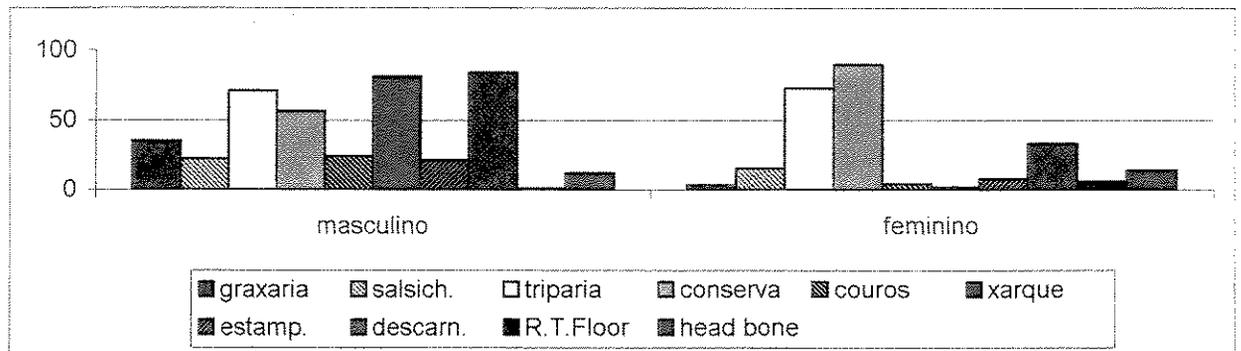
As mulheres na indústria em Barretos se enquadravam em grande parte na faixa de idade de 15 a 18 anos, normalmente eram solteiras, muitas filhas de imigrantes, onde trabalhavam com os pais, permaneceram por mais ou menos três anos na fábrica.¹⁹⁶ Precisamos considerar também a possibilidade da não veracidade no que diz respeito à idade das meninas (as fotos que contem as fichas aparentam meninas em sua maioria minguadas, dando a impressão de mais jovens) . Era comum a idade ser mantida pela própria família que necessitava de aumentar a renda da casa, o que

¹⁹⁶ Segundo o Sr. Cunningham, antigo gerente da empresa : “Tudo era absolutamente dentro da lei. Todos os direitos eram pagos. Agora tinha uma coisa. As mulheres não podiam engravidar. Se engravidassem, enquanto estivessem no trabalho e não se demitissem, podiam saber que não voltavam mais.” SILVA *op cit* p. 61.

aliás, ocorria também com meninos. Provavelmente, a vida profissional dessas pessoas começava antes dos quinze anos de idade.

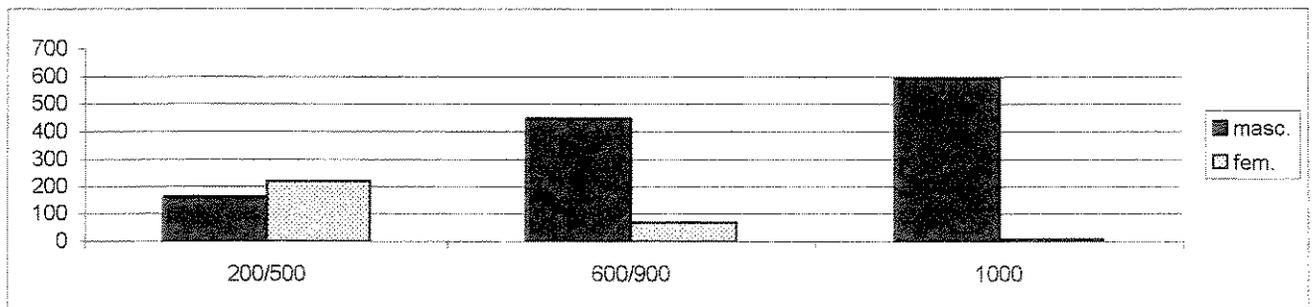
Assim, podemos dizer que as mulheres na indústria frigorífica participavam do processo produtivo e iniciavam suas atividades muito cedo. A indústria, sem exigência de qualificação, representou a possibilidade de assegurar uma renda, antes incerta. No entanto, seu salário era a metade daquele pago aos homens. No gráfico abaixo, montamos os cargos mais ocupados pelas mulheres e a média salarial paga à elas:

GRÁFICO VII
CARGOS POR SEXO – INDÚSTRIA ANGLO DE BARRETOS
1927/1935



FONTE: arquivo de registro de operários do frigorífico Anglo

GRAFICO VIII
SALÁRIO POR SEXO – INDÚSTRIA ANGLO DE BARRETOS
1927/1935



FONTE: arquivo de registro de operários do frigorífico Anglo

Verificamos que os cargos ocupados por mulheres, eram em de lugares insalubres, onde as trabalhadoras permaneciam o dia todo com os pés na umidade, circulando entre a umidade e o vapor do cozimento dos produtos, além de acidentes constantes ocorridos nas máquinas. Em depoimento de D. Maria de J. que nos contou que:

“... um dia, nós mulheres resolvemos fazer uma greve, desligamos a bomba de água que abastecia a fábrica e as casas dos ingleses...fizemos um cordão em volta... não permitimos nem o bombeiro entrar para ligar... diante da ameaça da polícia de que ia jogar bombas na gente e que era para tirar as crianças que se encontravam lá, buscamos o resto que tinha ficado em casa e dissemos: se vamos morrer, morreremos todos juntos” .

Segundo a depoente isso ocorreu na década de 1950, mas ela trabalhara na fábrica na década de 1930, na conserva, seu pai, português trabalhou no frigorífico, seu marido trabalhou 50 anos na estamperia, seu filho trabalhou 18 anos na fábrica. Hoje com 84 anos, viúva, lembra dos constantes acidentes que ocorria na empresa e da participação feminina nas reivindicações por melhores condições de salário para seus maridos, além do espaço fabril: no cotidiano.

As formas de protestos dos trabalhadores, independente do sexo, no frigorífico Anglo de Barretos representavam uma contestação à situação em que se encontravam, bem como, estratégias de resistência e luta. São as mais comuns: os furtos, motivos pelos quais eram demitidos mas nem por isso impedidos de retornar depois de algum tempo, as brigas internas com os capatazes ou com companheiros de trabalho, as desobediências ou agressões e as greves.

Até 1931, essas reações e manifestações de insatisfação se demonstram por atitudes como as citadas acima. É interessante salientar que esses procedimentos por parte dos trabalhadores não eram raros, eram passíveis de demissões. Nos depoimentos percebemos uma certa “timidez” ao ser tratado tais situações, o que acreditamos ser em consequência do tempo em que conviveram na fábrica sob

normas rígidas de comportamento. Alguns casos de estratégia de resistência, que precederam o movimento de 1931, descreveremos aqui:

O baiano J.M, admitido em 12/23, com 11 anos de idade, solteiro, recebia 500 reis hora, morador da vila operária do frigorífico, foi dispensado em outubro de 1927 “por questionar no serviço”, embora tenha sido readmitido em 01/28, depois de várias demissões e admissão foi demitido em 05/35 “*por ordem do gerente e não pode mais ser admitido*”. Esse operário trabalhava na graxaria.

A.G, barretense admitido em 03/25, quando contava com 13 anos de idade, na seção de triparia, tinha um salário de 700 reis hora naquele momento. Entre 1928 e 1931 teve seis demissões e admissões, quando da última vez foi dispensado por “insubordinação”.

O S.G, de Jaboticabal admitido a primeira vez na empresa em 1927 com 15 anos de idade na seção graxaria, logo em julho de 1927 foi “*dispensado por recusar receber ordens*”, já readmitido em 12/27, abandonou o serviço em 1929, circulou depois disso entre a descarnação e a graxaria até 1934, quando foi dispensado. No período em que esteve na empresa, ou seja, de 1927 a 1934, foi demitido e readmitido dez vezes.

A .A ., sírio, casado, com 41 anos de idade, morador da vila operária do frigorífico, admitido em 04/27 como trabalhador, recebia 1000 reis por hora, foi dispensado em 07/27 por “*recusar receber ordens*”, não retornando mais à empresa.

A.J sírio, 33 anos de idade, morador da vila operária do frigorífico, admitido em 05/27 como trabalhador e recebendo 1200 reis hora, foi dispensado em 02/30 “*por recusar receber ordens*”, retornou em data desconhecida e dispensado em 08/30.

J.C., português, 21 anos, solteiro, morador da vila operária do frigorífico recebia 1000 reis hora, admitido em 10/27 foi dispensado por roubo nas câmaras frias em 05/28.

M. C. , português, admitido 01/28, solteiro, trabalhador, morador da vila operária do frigorífico, saiu em 03/28, retornou em 04/28, saiu 11/28 e “*ameaçou a companhia de cobrar férias judicialmente*”.

A .A., sírio, solteiro, trabalhador, salário 900 reis hora, morador da vila operária do frigorífico, admitido em 11/27 com 27 anos de idade, depois de demitir-se em 02/28, foi readmitido e demitido em 08/28, por insubordinação e em seguida rasgou a caderneta dentro do estabelecimento, foi readmitido em 03/29 .

M. P. , português, 21 anos, solteiro, trabalhador, salário 1000 reis, morador da vila operária do frigorífico foi dispensado em 03/29 “*por desobediência ao encarregado e por tentar sublevar companheiros*”.

Escolhemos esses casos, e optamos por descrevê-los individualmente, por entender que podem ser considerados uma radiografia da situação em geral dos trabalhadores que manifestavam, de uma forma ou de outra, suas insatisfações com a empresa ou com seu trabalho, ilustrando os dados apresentados sob forma de tabelas. A rotatividade presente nos casos citados se repetem em grande número nos registros de operários.

A admissão de menores como pudemos observar não era fato raro, e muito menos havia o cuidado de colocá-los em locais menos perigosos ou mais agradáveis de se trabalhar, pois que ocupavam seções como graxaria que até os dias de hoje é dos locais mais insalubres. Os salários variavam de acordo com a idade.

E eu, acho que com 13 aninhos, acho que não tinha 13 aninhos ainda completos fui ajustado no frigorífico já em 1928 para trabalhar. Era proibido menores mas fui, não sei como arrumaram lá. Como eu nunca tinha trabalhado com uma faca eu comecei a trabalhar com uma faca que meu pai fez, nem comprou, fabricou a faca lá na oficina dos ingleses e me deu pra mim, curtinha assim pra cortar uma parte do boi e jogar água...lá...pra lavar. E assim acabei machucando as minhas mãos de ferimentos diversos... ainda tem por aqui assim..¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Bolis Petrusanis entrevista realizada em 02/1999.

RELAÇÃO IDADE POR CARGO OCUPADO

	8/14anos	15/21anos	21/30anos	31/45anos	ac.45 anos
pedreiro	1	9	30	26	8
carpint	0	5	25	17	1
mec.	2	6	17	8	1
graxar.	3	11	12	9	2
trip	9	64	42	22	3
cons.	15	8	32	13	3
charque	7	0	37	12	4
câmaras	0	0	1	18	13
matança	9	9	42	20	5
descam.	12	69	27	9	0
salsich.	4	14	15	3	1

Fonte : Arquivo de registros de operários do Frigorífico Anglo.

Os menores eram empregados em quase todas as seções. Na descarneção encontramos um maior número de casos, fato explicado com o depoimento do sr. Bolis, que relata algumas atividades possíveis de serem desempenhadas por uma criança dentro da fábrica, concluindo por exemplo a limpeza de uma peça de carne, sem que esta mesma tarefa fosse isenta de acidentes. Outra seção onde se concentrava o trabalho infantil era a triparia,, sendo esta seção a que pagava salários inferiores, alto grau de insalubridade sendo praticamente um sub-trabalho. Os menores eram ocupados nas mais variadas seções e recebiam em média 50% do salário de um adulto.

RELAÇÃO FAIXA ETÁRIA POR FAIXA SALARIAL

	8/14anos	15/21anos	21/30anos	31/45anos	ac.45anos
200/500	89	177	73	28	7
600/900	34	180	179	93	15
ac.1000	3	106	319	104	24

FONTE : Arquivo de registros de operários do Frigorífico Anglo.
Valores em mil réis por hora.

Com relação às manifestações e reivindicações ocorridas no período em pesquisa, provavelmente a de maior peso e que aglutinou de forma mais sistemática os operários da empresa, foi a greve de 1931. Observando as ações e reações que ocorreram durante e posterior a esse

acontecimento, é possível ter uma noção do nível de repressão a que estavam submetidos os trabalhadores na fábrica .

Quem relata essa greve é Irineu Moraes em seu livro de memórias¹⁹⁸ Ele trabalhou no frigorífico desde os 17 anos e por época da greve de 1931, ainda não era militante comunista. Segundo ele chegara ao frigorífico um *“trem completo , lotado de pessoas: homens, mulheres, crianças, todos lituanos daquele lado da União Soviética”*. Encontravam-se em estado de miséria e foram instalados em um grande barracão. As mulheres lituanas foram trabalhar na seção de laticínios de banha e salsicharia. Aprendiam o trabalho com as brasileiras e depois de domina-lo ocupavam o lugar das brasileiras. Logo contrataram os homens lituanos para a matança e demitiram brasileiros. *Havia uma diferença no salário pago aos lituanos, ou seja uma redução no valor pago.*¹⁹⁹

A discussão sobre a organização de uma greve partiu da possibilidade de demissão de trabalhadores brasileiros que estavam sendo substituídos por estrangeiros, representados nesse momento, por uma quantidade considerável de lituanos ou outras etnias procedentes do leste europeu.

Segundo Irineu Moraes a agitação foi organizada em uma noite, demonstrando falha de organização, mas principalmente um ambiente propício para tal manifestação. Ao correr a notícia da greve na colônia, logo conseguiram a adesão dos músicos da vila que ajudaram espalhar “a palavra de ordem”, que mal podia ser explicada, por falta de tempo, mas que encontrava adeptos sem contestação: Greve.

A greve foi organizada, correndo as casas a noite, fazendo reuniões e definindo como proceder, sem, segundo ele mesmo, nenhuma articulação política anterior ou mesmo consciência de

¹⁹⁸ WELC Cliff, GERALDO, Sebastião. Op Cit p. 30/35.

¹⁹⁹ Idem.

organização do operariado²⁰⁰. Nesse sentido o fato de encontrarem os operários em grande parte residindo em um mesmo local, facilitou o contato entre os operários.

Os trabalhadores que não residiam na vila operária e vinham de Barretos²⁰¹ em um trem especial todos os dias, foram contatados pelo próprio Irineu que se utilizava desse meio de transporte. A matança começava às 3 horas da manhã, as duas já havia uma concentração de pessoas na porteira. O apito para despertar os trabalhadores na vila era às 2:45, mas os grevistas desligaram o sinal, e quando os operários chegaram já depois da hora para trabalhar foram impedidos pelos grevistas. Os moradores da cidade aderiram ao movimento com mais facilidade Os portugueses das câmaras frias eram os mais resistentes, seus salários eram mais elevados, mas as condições de trabalho mais difíceis pela baixa temperatura a que ficavam expostos. Tentaram os portugueses resistir e trabalhar. Entraram em atrito com os manifestantes grevistas. A polícia local não foi capaz de controlar o movimento, o tumulto se dava mais por desorganização do que por adesão à greve, na verdade havia dificuldade em se conhecer os trabalhadores do frigorífico. A polícia de municípios vizinhos foi solicitada, houve muita violência e espancamento. Não houve possibilidade de negociação com a gerência da empresa. Houve feridos e presos.

“Eu não tinha noção política, não tinha noção de organização, não tinha noção de nada, e todos os operários que estavam comigo também não tinham...Depois disso apareceu no Estado um problema de Direito, que dizia que o frigorífico não podia levar aquela gente estrangeira para lá. Aquelas pessoas vieram para trabalhar na lavoura, na região noroeste e não sei onde, e o frigorífico desviou-os no porto de Santos... Nós perdemos o emprego...”²⁰²

No dia 25 de janeiro de 1931 era matéria do Editorial de “A Semana”, jornal local: “Movimento Grevista no Frigorífico Anglo.”

²⁰⁰ Ao que parece os diretores da fábrica foram pegos mesmo de surpresa. (de acordo com matéria do jornal A Semana de 25/01/1931)

²⁰¹ observar que Barretos era considerado um local desvinculado do frigorífico nas palavras de Irineu Moraes e isso se repete até hoje no discurso dos antigos moradores da vila do frigorífico.

²⁰² WELC Cliff, GERALDO, Sebastião. Op.Cit. p 35

A matéria alegava que sem nenhum indício que isso aconteceria, os operários do Frigorífico Anglo paralisaram o trabalho no dia 22 de janeiro, impedindo os companheiros que queriam trabalhar de adentrar a fábrica. Segundo o jornal, a atitude dos grevistas era hostil e ainda:

“ O Snr. A. M. Moore, superintendente do Frigorífico, avisado do que ocorria, procurou saber o que desejavam os grevistas. Estes então destacaram representantes para se entenderem com o snr. Moore. Recebidos os delegados dos operários grevistas declaravam exigir: aumento de salários, oito horas de trabalho diário e remuneração extra pelo serviço noturno”.²⁰³

Segundo os operários, os salários foram reduzidos no último ano de cem reis por hora.

Obtiveram como resposta o pedido de retorno ao trabalho e que esperassem uma posição do Escritório Central da firma. Como não atenderam ao pedido do superintendente, este solicitou a Polícia, que sob o comando do Delegado Dr. Hugo Ribeiro da Silva, esteve pessoalmente no local e segundo o jornal dialogou com os grevistas, convencendo-os em esperar as decisões do Escritório Central, mesmo porque ele teria que cumprir a lei e garantir o direito dos que queriam trabalhar. O serviço foi reiniciado às 9 horas na indústria.

Paralelo ao depoimento de Irineu Moraes, as notícias da imprensa local, observamos as correspondências entre os delegados de Barretos e do DEOPS, com participação da Companhia, que podem nos dar uma visão mais esclarecedora da situação desses operários na empresa no período da greve, bem como, algum tempo depois.

No mesmo janeiro de 1931, foram enviados ao Departamento do Trabalho, a fim de negociar suas pretensões, quatro operários do Frigorífico Anglo de Barretos, sob a chefia de José Eugênio de Carvalho, então chefe da Legião Revolucionária do Frigorífico, que foi demitido após as manifestações por ter sido escolhido como chefe da Legião. Interessante nesse documento foi a defesa feita pelo então delegado de Barretos a José Eugênio. Argumentou que tratava-se de pessoa pacífica, questionou a postura do Gerente Geral Mr. Cunningham em despedir os envolvidos na

²⁰³ *Movimento Grevista no Frigorífico Anglo - A Semana 25/01/1931.*

greve. Relatou a existência de calma na empresa, mas que estava sendo feito um plebiscito entre os operários, que eram chamados diante da diretoria a responder perguntas sobre o grau de satisfação com a Companhia, salário, moradia, assinando em seguida documento que reafirmava suas declarações. Esta atitude da empresa também foi criticada pelo delegado de Barretos Raphael Sampaio Filho, alegando que “*em hipótese alguma os operários poderiam se manifestar contra a empresa diante de seus diretores, por temerem a demissão*”. Confirmou a chegada do reforço de 15 praças de infantaria.²⁰⁴

Não menos surpreendente era a correspondência seqüente onde o delegado “*tem a honra de remeter,*” ao Delegado do DEOPS, os operários Casemiro Kepenis, João Kepenis e Sigmas Paskakulis, ficando outros para trás, por não terem sido localizados, embora sabendo do paradeiro de Antonio Kepenis que naquele momento se encontrava em uma colônia de lituanos em local denominado Sapenzal, na Sorocabana e ignoravam o paradeiro de João Adolpho Sicas. Além dos homens, foram enviados livros e documentos encontrados em suas casas onde deram buscas. Quanto a João Kepenis, embora não tendo sido solicitado, seguia também por ser irmão de Casemiro, mas ficavam ainda em Barretos a mãe e o irmão mais novo Paulo Kepenis. Arthur e Dario Gomide também solicitados não foram localizados.

“Sugiro a V Excia, a idéia sobre a colocação de um funcionário dessa Delegacia no Frigorífico Anglo, o que é facilimo e para maior segurança do serviço de repressão, e bem assim da fiscalização pois, tem a superintendência do Frigorífico Anglo, o máximo empenho em evitar que ali permaneçam indivíduos adeptos ao comunismo. A colônia de lituanos e russos no Frigorífico é considerável”²⁰⁵

²⁰⁴ Prontuário da Delegacia de Barretos sob nº 547 no DEOPS.

²⁰⁵ Docto enviado ao DEOPS em 10/04/1932 pelo Delegado de Barretos em exercício JOSE EUGENIO DE CARVALHO - até janeiro chefe da Legião Revolucionaria do Frigorífico. Prontuário Delegacia de Barretos nº 547 DEOPS

A partir daí era perceptível um completo cerceamento dos membros que se ligaram ao movimento de greve de alguma maneira. Cópias das fichas de registro dos operários foram enviadas ao DEOPS pelo próprio Frigorífico na pessoa do superintendente.

Em maio de 1932, a mãe dos elementos Casemiro Kepenis e João Kepenis enviados ao DEOPS em abril de 1932, solicitou notícias dos filhos e teve como resposta que ambos estavam sendo vítimas de inquérito de expulsão do território nacional e foram enviados para a Casa de Detenção no Rio de Janeiro, onde aguardavam sua expulsão. Os irmãos Kepenis, segundo informação dos investigadores do DEOPS, faziam parte da célula comunista do Frigorífico Anglo, e haviam conquistado grande número de simpatizantes naquele meio. Eram também encarregados pelo Socorro Vermelho de angariar donativos.²⁰⁶

Há uma preocupação da polícia política com Organizações das “ União Operária Camponesa do Brasil”, onde a cidade de Barretos é citada como local dessas organizações juntamente com outras como Campinas, Ribeirão Preto e Bauru.²⁰⁷

Em junho de 1932, os olhos investigadores se voltam para outro membro da família Kepenis, Paulo, que também era acusado de “professar o comunismo”, fazer propaganda e manter correspondência com pessoas do estrangeiro e da capital paulista. Foi averiguado ainda que o mesmo tinha quantia razoável depositada no Banco do Brasil e como companheiro José Zalubas, bem como Eduardo Eskewaske, ex-operário do Anglo, “*mora hoje em uma fazenda em Bebedouro para onde fugiu quando do envio dos outros elementos para esta delegacia.*” Em seguida foi solicitada a detenção de Eduardo, bem como apreensão de documentos de propaganda comunista em seu poder. Havia uma intensa investigação a elementos que poderiam representar posturas comunistas, e a origem tinha peso fundamental. Vigilavas Peiechas e Adomas Dangotas foram acusados de “*militância comunista e dirigentes de um grupo de mais ou menos 15 pessoas que se reúniam*

²⁰⁶ Prontuário nº 2431 da Delegacia de Ordem Política e Social.

²⁰⁷ Idem.

secretamente desenvolvendo propaganda entre os operários do Anglo.” As correspondências que chegassem na empresa em nome dos membros detidos deveriam ser enviadas para o DEOPS.

Em 1934, havia rumores de nova greve no frigorífico, quando a empresa cedeu, em parte, aos pedidos do Sindicato que era de 30% de aumento sobre as horas extras e 1\$000 como mínimo por hora. A empresa cedeu 10% e 800 reis por hora além de atender a definição de um novo ponto na linha do trem a fim de facilitar a chegada dos operários. No entanto, antes, durante e depois das negociações, os investigadores do DEOPS estavam presentes no município de Barretos.

Como já salientamos anteriormente, havia vários operários da S/A Frigorífico Anglo que se mantiveram sindicalizados ao Sindicato da Construção Civil, e que essa categoria era tradicional no município, participando de movimentos grevistas, no âmbito estadual, desde 1911. Talvez, uma explicação para a preferência dos trabalhadores seja realmente uma maior combatividade, já que em 1935 pudemos observar que o DEOPS investigava a direção desse sindicato e trazia as seguintes informações:

“depois de ouvir Benedito Antonio Gonçalves ex presidente do Sindicato dos operários do Frigorífico, hoje xarqueador no Anglo e candidato a delegado-eleitor do sindicato para eleições classistas à Assembléia Legislativa do Estado” concluiu que : o atual presidente deste sindicato (?), Ulderico Gornattes Junior, não tem orientação própria, deixando-se levar por Fernando Garrido Prieto, atualmente guarda-livros do sindicato tratando-se de elemento “reconhecidamente comunista... de nacionalidade espanhola...um dos organizadores do núcleo local da ANL”. Já o Sindicato da Construção Civil de Barretos “é orientado por uma minoria comunista, sendo seu presidente Humberto Presotto, italiano, secretario o alfaiate Jovelino Castilho, natural de Barretos...” comunistas. Segundo o documento este sindicato foi fechado por “ se envolver a tal ponto com a ANL que a sede de um era a do outro. Além dos elementos citados são identificados como comunistas Arthur Távora (construção civil), Lutgardes Bastos (guarda-livros e professor da Escola de Comercio), Gastão de Tal, Djalma de Tal (chauffeur de praça) e o agente do correio.²⁰⁸

²⁰⁸ Idem.

Há evidências de uma militância comunista no município na década de 1930. No entanto, o citado Lutgardes Bastos, é tido por memorialistas, sempre como seguidor de idéias marxistas e segundo Dias (1986), se correspondia com Otavio Brandão, líder comunista desde 1922. Ele era acusado de ser membro secretário e conselheiro da Legião Cívica 5 de Julho. Como José Eugênio, Lutgardes Bastos ocupou cargo de Delegado de Polícia de Barretos, no entanto, afastou-se em curto período de tempo. Era irmão do desembargador Alípio Bastos, com o qual não se relacionava bem por diferenças ideológicas. As células comunistas organizadas posteriormente em diversos bairros da cidade e especialmente no Frigorífico, revelam certamente uma trajetória de lutas, tentativas de organização e resistência de operários e militantes. O DEOPS catalogou em 03.03.1948 as seguintes células comunistas no município de Barretos: Célula Siqueira Campos, Célula Benedito Martins (ferroviários), Célula Tiradentes (Vila Baroni), Célula Olga Benário Prestes, Célula 25 de Março (Vila Melo), célula Frigorífico, Célula Leocádia Prestes (Bairro Fortaleza), Célula Frei Caneca (Bairro Fortaleza).

4-Lituanos: Um grupo atípico à Região. Sua trajetória contada por eles mesmos...

Não seria possível concluir este trabalho sem falar sobre os lituanos.

A Lituânia ofereceu à indústria frigorífica, homens, mulheres e crianças, que por razões por nós não pesquisadas, representavam o maior contingente de trabalhadores dentro da empresa e os que recebiam salários inferiores, embora oferecessem certa experiência na condimentação da carne. Ocupavam moradias (mesmo que por algum tempo apenas), em pior estado. Foram aqueles que

mesmo preservando sua etnia ao não se casar com outras raças, não deixaram muito resquício no município de Barretos. Se o grupo tivesse permanecido nossa pesquisa poderia ter sido mais rica, foram ele que nos forneceram fotos, nos colocaram em contato com utensílios recentes e até do século XIX. Vindos da Lituânia, são deles a maioria das entrevistas (mesmo as informais), foi também por se tratar de uma etnia rara na região que nos despertou a curiosidade por definir um perfil dos trabalhadores do frigorífico Anglo de Barretos.

Se fizermos uma estatística com relação à origem étnica dos trabalhadores do Frigorífico Anglo no período em estudo, teremos os seguintes resultados: 46% da mão-de-obra utilizada eram imigrante e 25% dos imigrantes eram lituanos.

Este grupo surpreendentemente é mais significativo, por exemplo, que o de portugueses e italianos denominados imigrantes desejáveis.²⁰⁹ Sobre essa imigração pouco se tem pesquisado, ao menos no Brasil, e as informações a seu respeito são escassas. Sabemos que era mais comum seu direcionamento para os estados do sul do país.

A Lituânia é um país que tem sua história marcada por conflitos e dominações, ora pela Rússia e posteriormente URSS, ora pela Alemanha, além de influências religiosas marcantes polonesas. A vida de sua população esteve sempre ligada às lutas por independência, revoluções e mesmo pela sobrevivência às crises que assolavam o país. Levas de imigrantes deixavam o país rumo aos Estados Unidos em tempos difíceis, em busca de terras onde encontrariam trabalho e alimento. Esta imigração teve seu momento mais marcante no final dos anos 1860 e continuou sem maiores interrupções até 1914, quando se iniciou a restrição às imigrações nos anos da década de 1920. Normalmente tinham origem camponesa, tanto na agricultura como na atividade de criação de animais. Tratava-se de um grupo que não se importava em migrar, se necessário. Tinham

²⁰⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 24

características associativas, culturais, organizativas e comerciais. Tradicionalmente eram católicos.²¹⁰

Há lembrança²¹¹ de festas com danças nos barracos dos lituanos e que a entrada era controlada por eles próprios²¹². São sempre lembrados nos depoimentos como “homens bravos”²¹³, e boêmios, como lembrou Sr. Bolis: “...aos domingos saíamos com a banda na Avenida Central tocando as músicas da Lituânia”.²¹⁴ Mesmo se considerarmos as incidências de “má conduta”, desobediências, subversão e até extradição que pudemos verificar nos registros de empresa e do Departamento de Ordem Política e Social, seguidos dos árabes, são os que apresentavam maior quantidade de referências. Longe de criticá-los, antes disso, queremos demonstrar que em posição desfavorável, alguns mantiveram uma postura de resistência e questionamento à situação vivida pelos trabalhadores da indústria frigorífica em Barretos. “*Os lituanos sempre foram rebeldes... sempre lutaram pela independência do país.*”²¹⁵

O único lituano que conseguimos localizar que imigrou junto com os pais no final da década de 1920, foi o Sr. Bolis Petrusanis. Quando o entrevistamos, em 1997, ele estava com 82 anos e uma memória surpreendente. Quando veio para o Brasil estava com 12 anos, portanto capaz de se recordar bem de como se deu o processo. Outros são filhos de lituanos que trazem relatos sobre os primeiros tempos no Brasil herdados dos pais e dos avós.

Sr. Bolis Petrusanis, nascido na Rússia, naturalizado lituano. Segundo ele, sua família é da Lituânia, mas seu pai devido à profissão estava sempre na Rússia: “*Meu pai lutou no exército do Czar Nicolau II, na Rússia.*” Sr. Bolis nos relatou uma experiência militar muito próxima de sua vida, fato que parece ter sido corriqueiro na Lituânia. As fotos enviadas por parentes sempre trazem

²¹⁰ THERNSTROM, Stephan. *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. London/Cambridge, Harvard University Press.

²¹¹ Inácio Kandratovice entrevista realizada em 01/2002

²¹² Segundo I.K os lituanos normalmente portavam armas e mantinham a segurança de suas festas “com tiros para cima”.

²¹³ Na concepção de mal humorados, violentos, briguentos.

²¹⁴ Avenida Central era a Rua principal da vila operária. Entrevista com Sr. Bolis Petrusanis em 1997.

²¹⁵ Anelia Kandratovice entrevista realizada em junho/1999.

homens de uniforme militar (anexo14) e armados, revelando que a guerra era parte de seu cotidiano, lutar por sua independência ou mesmo ao lado do país que o dominava em determinado momento, como no caso mencionado a Rússia.

Quando voltou para Lituânia recebeu como prêmio um lote de terras onde podia fazer o que queria nelas...o governo fornecia empréstimos com juros baixos e ele assim fez. Começou a construir uma casa e a criar animais. Meu pai comprava cavalos de raça, puro sangue e trocava por pôneis. Todo mundo achava que ele era louco... ate que descobriram...os ingleses precisavam de cavalos pequenos para descer nas minas de carvão na África... então ele vendia os pôneis por um preço bem alto aos ingleses e assim ganhava dinheiro. O cavalo grande entrava e mexia o elevador por causa do peso...Um dia conversou com um lituano que tinha conversado com um brasileiro que “encheu” a cabeça dele: que no Brasil ainda existiam muitos índios e esses índios andavam com sacolas de couro nos braços amarradas... as sacolas estavam cheias de pedaços de ouro, diamantes e brilhantes e todo aquele que desse brinquedos para eles, uma gaitinha, uma maço de cigarro eles trocavam davam pedaços de brilhantes, diamantes da sacolinha deles... trocavam tudo a troco de nada. O rapaz falou: você tem que vender tudo o que você tem de novo, que você já comprou senão não dá pra você ir lá e mostrou umas papeletas fazendo propaganda do Brasil. Meu pai mandou fazer caixa de madeira para por tudo dentro, ferramenta, machado, serrote, prego, o necessário²¹⁶.

È comum histórias que os imigrantes nos contam acerca de sua vinda para o Brasil, normalmente se sentiram logrados com promessas infundadas e propagandas enganosas que corriam pelos países da Europa. A ambição que envolvia o vendedor de pôneis, certamente foi determinante para que acreditasse que poderia enriquecer no Brasil e mesmo tendo seu “porto seguro”, sua casa, resolveu arriscar uma nova vida no novo mundo.

Anélia, filha de Inácio Kandratovice e D. Anna, conta que os pais vieram como imigrantes e com a viagem paga pelo governo ou por algum fazendeiro. Mas o destino eram as fazendas de café, como realmente o foi. A posterior ida para a industria frigorífica é cercada de lembranças de momentos difíceis, a fuga, as dificuldades na fazenda e depois as duras condições de trabalho na indústria, principalmente nas seções citadas pela depoente,(ver entrevista abaixo), que por muitas

²¹⁶ Bolis Petrusanis entrevista realizada em 02/1999.

produtos à base de carnes em conservas, tais como, mortadelas, salames e outros. A umidade e a falta de claridade do local tornou-se prejudicial à saúde de ambos, principalmente do pai que permaneceu por mais tempo nesse trabalho.

“Lá (na fazenda) eles trabalhavam como escravos... Meu pai veio com dois irmãos e uma irmã... já minha mãe veio com o pai, ficando o restante da família dos dois na Lituânia. Os dois trabalharam na colheita do café... em épocas diferentes e se casaram ... Minha mãe estranhou muito o lugar... (o Brasil) a terra vermelha e o sol quente. Meu pai fugiu da fazenda e foi trabalhar no Anglo. Minha mãe eu não sei como saiu da fazenda e foi para a indústria. O desejo de retornar ao seu país ela sempre levou consigo. Os dois trabalharam no frigorífico ele na seção de triparia ela na salsicharia. Ele ficou sofrendo de efizema pulmonar... o lugar onde trabalhou por mais de 40 anos era escuro... não se via o sol o dia todo, umidade e sal. Minha mãe trabalhou na salsicharia um lugar também úmido e de temperatura elevada. Eles deram a vida pela fábrica”²¹⁷

D. Hilda Visotski, filha de imigrantes lituanos contou como seu pai trabalhou nas câmaras frias e adquiriu problemas de reumatismo. Depois de muitos anos foi transferido para a seção de graxaria, onde ao contrário tinha uma temperatura elevada. A brusca de alteração no ambiente de trabalho, trouxe doenças pulmonares que o levou ao falecimento. D. Hilda também fala da religião e sente-se discriminada por não ser católica:

“Meus pais eram protestantes... mas quando chegaram aqui não tinham uma igreja para frequentar. Só reiniciaram com a construção da Igreja no frigorífico. As pessoas achavam que protestantes eram todos... batistas, luteranos sem distinção... Houve uma época que os missionários católicos que visitavam a vila do frigorífico faziam fogueira das bíblias dos protestantes”²¹⁸

Muitas lembranças povoam a memória dos filhos de lituanos, como do sr. Bolis que participou pessoalmente da viagem para o Brasil e diz:

²¹⁷ Anelia Dandratovice entrevista realizada em 06/1999.

²¹⁸ Hilda Visotsky entrevista realizada em 07/2001.

Muitas lembranças povoam a memória dos filhos de lituanos, como do sr. Bolis que participou pessoalmente da viagem para o Brasil e diz:

Quem trouxe imigrantes foi alemão. O navio chamava-se “Capinorte”... não me lembro se pagamos ou como foi sei que embarcamos em Berlim de Berlim fomos para Hamburg. Viemos por causa da conversa de ter muita fortuna.... Chegamos aqui só vimos cobras... chegamos em 1928... cobras e capangas, esses tal de seguranças que escreveu não leu eles batiam nos lituanos, eles trabalhavam no cafezal. Chegamos era para chegar em Santa Catarina, por engano o navio parou acho que no Rio de Janeiro como não era lá voltamos para Santos em Santos embarcamos para São Paulo, de São Paulo fomos para Monte Azul, de Monte Azul fomos trabalhar numa fazenda chamada Fazenda Suco. Da Fazenda Suco a gente queria fugir...lá plantava e colhia café.. na fazenda tinha os guardas com umas garruchas deste tamanho, uma faca aqui assim (cintura) e rabo-de-tatu aquele que fizesse qualquer contra tempo tomava rabo-de-tatu no lombo. E meu pai ficou sabendo por intermédio de um lituano que apareceu lá que já morava há mais tempo aqui no Brasil, disse que aqui perto tinha um frigorífico de ingleses. Como era também especialista em sebo comestível ele foi lá. Lá eles o ajustaram ele para trabalhar, cuidar dos sebos encartolava e mandava lá para a Arábia Saudita. Arábia Saudita consumia todo aquele sebo, pagavam caro. Os ingleses vendiam.²¹⁹

Também é comum ouvir as histórias de maus tratos nas fazendas de café, o pouco tempo de abolição da escravatura ainda não havia preparado os fazendeiros para uma nova relação de trabalho, a relação com o trabalhador assalariado. Em seu discurso constatamos que havia um interesse por parte da empresa, por operários que sabiam conservar a carne tal como seu Inácio. A importância desse setor para a empresa, pode ser vista nos gráficos de contratações para as seções de triparia e conservas. O produto era exportado, normalmente em tinas de madeiras construídas dentro da própria empresa. Já D. Anélia Mince²²⁰, recorda a escola de Lituanos que tinha no frigorífico (anexo 11)

：“...tinha uma mesa grande igual a essa, bancos...cadernos, lápis, poucas vezes vinha caneta com tinta ai eles aprendiam lituano. Depois.. acho que alguém fez uma denúncia que estavam criando uma Lituânia e veio o cara do governo e falou lá uma verdades, e os lituanos fecharam

²¹⁹ Bolis Petrusanis entrevista realizada em 02/1999.

²²⁰ Anélia Mince entrevista realizada em 07/1999.

aquilo, devolveram móveis que pertencia para cada um. Uns foram para a Lituânia, outros foram para outros estados...²²¹

Os lituanos faziam parte do grupo de imigrantes não desejáveis e segundo pudemos observar, constam aos olhos do poder como agitadores e subversivos. Permitir a preservação de sua história, de sua cultura e de sua identidade, era muito perigoso para a manutenção da ordem e do progresso da sociedade. Como observamos anteriormente são eles os que mais aparecem como indisciplinados dentro da fábrica, são eles os mais perseguidos pelo DEOPS na região de Barretos. Resta saber se havia fundamento nas acusações ou se era apenas “excesso de zelo” da polícia política. Com relação à moradia é a etnia que em quantidade maior vive fora dos domínios da vila operária. São também os que em maior número (proporcionalmente) vieram da área rural. Após 1940, notamos por meio das fichas no arquivo, que esta etnia vai desaparecendo da fábrica. Segundo informações (A. K), muitos se mudaram para São Paulo para trabalhar em fábricas que ofereciam melhores salários e condições de trabalho.

Longe de esgotar uma análise acerca da imigração lituana na região de Barretos, procuramos apenas não deixar passar sem qualquer menção específica visto que se trata de tema para ser mais amplamente discutido e merecedor da atenção de qualquer pesquisador da história social.

²²¹ Desde de 1934 a Constituição Brasileira previa um controle por parte do governo federal e até proibição de “formação de núcleos, assim como ensino em língua estrangeira a menores, e a existência de jornais e revistas em língua estrangeira” OLIVEIRA *Op cit* p.20.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações econômicas ocorridas no início do século XX, atingiram rapidamente o município de Barretos. Talvez mais depressa do que nos grandes centros. O Frigorífico Anglo era uma indústria de grandes investimentos estrangeiros que implementou técnicas de trabalho racionalizadas, obedecendo às tendências mundiais e ao modificar e se apropriar da estrutura produtiva, influenciou nas formas de poder, no espaço geográfico e nas relações de trabalho.

Embora tenhamos argumentado a independência entre vila operária e município de Barretos, obviamente em alguns aspectos o impacto de novas tecnologias e formas de trabalho, principalmente no que se refere ao recrutamento de trabalhadores, se fez sentir.

De um lugar tradicionalmente pecuário, a sociedade passou a conviver com a idéia da indústria moderna. O poder dos pecuaristas diluiu frente ao poder dos grandes industriais estrangeiros os embates se davam ao nível de poder de decisões, quem definia os valores da produção dos rebanhos depois da indústria? Aos poucos (mas não lentamente) os industriais dominaram todos os níveis de produção e impuseram um ritmo de primeiro mundo aos produtores regionais.

Apenas uma fábrica proporcionou ao município as conseqüências de uma sociedade industrial. Um paradoxo. A terra do boiadeiro, do tropeiro também era a terra da indústria moderna, do capital estrangeiro, da racionalização do trabalho, dos cabaret e da jogatina sem que isso se misturasse. Mas seus trabalhadores estavam lá, confinados à vila operária, forma de controle e disciplinarização.

Uma dinâmica peculiar... um município que recebe uma indústria, que emprega aproximadamente 2000 operários, que modificou toda sua estrutura produtiva mas que não precisou

perdeu seu emprego. Pudemos notar que os que permaneciam na vila tinham melhores salários e faziam parte de setores produtivos essenciais. 80% dos trabalhadores que moravam no município permaneciam menos de 1 ano na empresa. Entendemos que a vila operária acolhia os trabalhadores que de certa forma, tinham uma segurança no trabalho, enquanto o município funciona como um receptor de trabalhadores volantes “os bicos” se tornavam a opção de quem estava desempregado, ou mesmo como nos referimos, era esta a busca de muitos operários: capitalizar e investir no comércio.

Quanto àqueles que permaneciam na vila operária, podemos dizer que viviam independentes do município, pelo menos enquanto ali permaneciam, e para muitos trabalhadores, o fato de morar num lugar como a vila operária do frigorífico era um privilégio. Os empresários souberam como divulgar os valores da modernidade, da higiene. É claro que tudo isso levou um tempo... e foi sobre esse tempo, o tempo da estruturação de uma gigante indústria de carnes frigorificadas que dedicamos nossa pesquisa. A fábrica permaneceu nas primeiras lembranças dos operários como símbolo do moderno, da segurança, da higiene. Mas ao aprofundar, ao buscar no fundo da memória, as lembranças vieram amargas e se misturaram com o orgulho que tinham da fábrica, numa confusão de alegrias e sofrimentos. Foi um tempo triste. Um tempo de miséria, de exploração, de acidentes...mas também de esperança. A cada edificio construído ela se consolidava. Esperança de não existir mais o dia em que o chefe dissesse: “*Hoje não tem trabalho... pode ir pescar*”²²², afinal foi em busca de trabalho que todos vieram, de dezenas de países e estados brasileiros. A indústria oferecia trabalho e salário... mesmo que miserável e muitas vezes, a moradia...

A busca da reconstrução da vida dos operários do Frigorífico Anglo S/A não foi tarefa fácil e nem prazerosa, não fosse o amor à história e a vontade de presentear tantos e tantos trabalhadores

²²² Hilda Visotscky entrevista realizada em 07/2001.

que deram sua vida para a construção da riqueza de uma empresa, não teria sido concluída. Mas entender o que representou a vinda de centenas de operários imigrantes e migrantes para trabalhar em uma indústria em um tempo que para a maioria não havia a noção do que era o trabalho industrial, era um fator instigante. E assim chegamos a dados que nem de longe esgotaram as fontes pesquisadas, tal a riqueza do tema e as possibilidades que nos apresentaram. Houve momentos que não sabíamos o que privilegiar.

Quanto aos trabalhadores que participavam ativamente da produção desta indústria, estes obedeceram à dinâmica de seu tempo. Em busca de novas possibilidades de trabalho, muitas vezes fugindo de crises ou tragédias naturais imigravam ou migravam aceitando as condições que lhes eram oferecida. Muitas vezes, quiseram retornar ao local de origem, mas em sua maioria, isso não foi impossível.

Um grupo dentre uma variedade de etnias se destacou. Os lituanos foram avaliados com certa “preferência”, por terem sido percebidos com características próprias, e recebido tratamento diferenciado por parte das autoridades do poder, tanto na empresa como na sociedade. Acreditamos que tenha sido um grupo discriminado.

Especificamente no frigorífico Anglo de Barretos, os trabalhadores assumiram uma postura de reivindicações, que podemos dizer, teve como marco inicial a greve de 1931. Com o passar do tempo os trabalhadores do frigorífico Anglo tornaram-se uma categoria forte e com poder de barganha. O momento histórico do período pesquisado (1927/1935) definido pelos anos antes da Revolução e pós-revolucionário, onde as questões trabalhistas entravam mais sistematicamente em pauta, sem dúvida contribuíram para um fortalecimento da exigência de direitos dos trabalhadores, que tão logo se manifestaram sofreram repressão, tanto por parte dos empresários como da polícia de Getúlio Vargas. Os direitos deviam estar sob a tutela do Estado.

Assim a fábrica tornou-se, além de um local de exploração do capital sobre o trabalho, um espaço onde agiam os aparelhos de repressão do Estado e eram mantidos sempre sob suspeita. Empresário e governo se uniram na disciplinarização dos trabalhadores na indústria frigorífica.